DEFICIÊNCIAS E PROPENSÕES DO SER HUMANO

Carlos Bernardo González Pecotche

RAUMSOL

Editora Logosófica

A estruturação deste livro, que encerra um alto objetivo pedagógico e formativo, mostra com muita evidência que a Logosofia vai diretamente à raiz do velho e até hoje insolúvel problema do aperfeiçoamento humano, resolvendo-o definitivamente.

Não podemos negar que uma ou outra vez se tenham mencionado as deficiências e propensões dadas a conhecer nesta obra. Ninguém ignora, é verdade, que há pessoas vaidosas, impulsivas, egoístas, indolentes, indiscretas, etc. Entretanto, quem se encarregou de tratar delas a fundo, não só como deficiências caracterológicas que afetam a vida psíquica, moral e espiritual do ser, mas também como parte de um estudo integral, derivado de um plano de evolução consciente? Foi somente a ciência logosófica que as focalizou dessa forma, à luz de sua própria concepção original, permitindo o desenvolvimento da consciência e, conseqüentemente, a depuração progressiva de tais deficiências como fatores de permanente perturbação na vida do homem.

O exame analítico e a descrição que fazemos de cada deficiência e propensão, para apresentá-las aos olhos do entendimento que queira apreciar sua realidade, mostram a inquestionável importância que seu conhecimento assume na condução consciente da vida. O conhecimento logosófico é de tal forma essencial, que não se pode prescindir de seu auxílio quando cada ser humano encara a realização do processo de evolução consciente, por ser parte fundamental do plano que, primeiramente, leva à exploração e, depois, à descoberta de tudo o que o indivíduo possui de positivo e negativo. Dessa maneira, o ser já não pode ignorar com que recursos conta e quais são as falhas que deve corrigir, para triunfar conscientemente na experiência de sua própria vida.

Essa é a razão pela qual já assinalamos, mais de uma vez, a diferença enorme, fundamental, que existe entre o simples enunciado "Conhece-te a ti mesmo" e o conhecimento real e efetivo que ensina a concretizar, de forma sistemática e acabada, esse desiderato no próprio interessado. A prova disto está no fato de que, vinte e cinco séculos depois de seu enunciado, ninguém ainda chegou sequer a vislumbrar esse conhecimento, porque ninguém, fora da Logosofia, ainda o ensinou.

Hoje tem a palavra nossa ciência. Em seus pronunciamentos, cada um encontrará fundamentadas verdades. E, em cada verdade que a concepção logosófica apresenta e, explica, o homem apreciará, com exato e sereno juízo, quais foram as causas que postergaram sua evolução interna e as manifestações conscientes de seu espírito.

NINGUÉM PODE AFIRMAR
QUE DOMINA CONSCIENTEMENTE
O CAMPO DE SUA PRÓPRIA
PSICOLOGIA, SE NÃO ENFRENTOU
ANTES, COM ÊXITO, AS
FALHAS CARACTEROLÓGICAS
QUE O ANGUSTIAM.

ÚLTIMAS PUBLICAÇÕES DO AUTOR

Intermedio Logosófico, 216 págs., 1950. [1]

Introducción al Conocimiento Logosófico, 494 págs., 1951. [1] [2]

Diálogos, 212 págs., 1952. [1]

Exégesis Logosófica, 110 págs., 1956. [1] [2] [4]

El Mecanismo de la Vida Consciente, 125 págs., 1956. [1] [2] [4] [6]

La Herencia de Sí Mismo, 32 págs., 1957. [1] [2] [4]

Logosofía. Ciencia y Método, 150 págs., 1957. [1] [2] [4] [6] [8]

El Señor de Sándara, 509 págs., 1959. [1] [2]

Deficiencias y Propensiones del Ser Humano, 213 págs., 1962. [1] [2] [4]

Curso de Iniciación Logosófica, 102 págs., 1963. [1] [2] [4] [6]

Bases para Tu Conducta, 55 págs., 1965. [1] [2] [3] [4] [5] [6]

El Espíritu, 196 págs., 1968. [1] [2] [4] [7]

Colección de la Revista Logosofía (tomos I [1], II [1], III [1]), 715 págs., 1980.

Colección de la Revista Logosofía (tomos IV, V), 649 págs., 1982.

(1) Em português
(2) Em inglês
(3) Em esperanto
(4) Em francês
(5) Em catalão
(6) Em italiano
(7) Em hebraico
(8) Em alemão

DEFICIÊNCIAS E PROPENSÕES DO SER HUMANO

Título do original:

Deficiencias y Propensiones del Ser Humano
Carlos Bernardo González Pecotche (Raumsol)

REVISÃO DA TRADUÇÃO: José Miranda de Oliveira
CAPA E PROJETO GRÁFICO: Silvia Ribeiro
ASSISTENTES DE *DESIGN*: Nicole Boehringuer e Clarice Uba
PRODUÇÃO GRÁFICA: Adesign

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

González Pecotche, Carlos Bernardo, 1901-1963.
Deficiências e propensões do ser humano /
Carlos Bernardo González Pecotche (Raumsol) ;
[traduzido do espanhol por Filiados da Fundação
Logosófica ; revisão da tradução José Miranda de Oliveira].
-- 13. ed. -- São Paulo : Logosófica, 2012.

Título original: Deficiencias y propensiones
del ser humano

ISBN 978-85-7097-078-7

1. Comportamento humano 2. Conduta de vida
3. Logosofia I. Título.

11-14002 CDD-179.8

Índices para catálogo sistemático:
1. Deficiências humanas : Ética 179.8

Copyright da Editora Logosófica
www.editoralogosofica.com.br
www.logosofia.org.br
Fone/fax: (11) 3804 1640
Rua General Chagas Santos, 590-A – Saúde
CEP 04146-051 – São Paulo-SP – Brasil
da Fundação Logosófica
Em Prol da Superação Humana

Sede central: Rua Piauí, 762 – Bairro Santa Efigênia
CEP 30150-320 – Belo Horizonte-MG - Brasil
vide representantes regionais na última página

EDITORA AFILIADA

DEFICIÊNCIAS E PROPENSÕES DO SER HUMANO

Carlos Bernardo González Pecotche RAUMSOL

13ª edição
Editora Logosófica
São Paulo – 2012

Primeira Parte

Metodologia das Deficiências e Propensões

Introdução

Antes de entrar em cheio no desenvolvimento desta obra, será necessário oferecer ao leitor um conjunto de explicações que porão à sua disposição os elementos mínimos exigidos por tão importantíssima parte do conhecimento de si mesmo: a que corresponde às **deficiências psicológicas**, por serem causas determinantes da incapacidade e impotência dos esforços humanos na procura do despertar consciente nas altas esferas do espírito.

Desde que o homem começou a ter as primeiras noções de moral, vem-lhe sendo repetido que deve ser bom, que deve elevar sua vida e ser melhor. Entretanto, foi-lhe ensinado positivamente como fazer para alcançar semelhante desiderato? A resposta, por demais sugestiva, é oferecida pelo estado de incrível desorientação em que hoje ele se encontra. Não lhe foi ensinado como ser melhor. Os que pretenderam fazê-lo careciam de

conhecimentos capazes de substanciar esse propósito e, na falta disso, adotaram o sistema de inculcar no semelhante, desde a mais tenra idade, pensamentos e sugestões incompatíveis com sua razão e sua sensibilidade.

Inculcar ideias que não respondem a fins superiores, e sim a fins de submissão – como sempre se procurou, em parte com êxito –, é fazer das mentes humanas moldes rígidos, destinados à recepção cega de um saber quimérico. E dizemos "quimérico" porque o autêntico saber não endurece a mente, não a fanatiza nem a submete a farsas dogmáticas; ao contrário, propicia as manifestações do livre-arbítrio e desperta a consciência individual.

Sempre se buscou – é bom destacar, para que ninguém se engane –, sempre se buscou, repetimos, o fácil, o ilusório e sedutor, a fim de conquistar adeptos para uma ou outra seita religiosa, para uma ou outra tendência filosófica ou ideológica extremista, nas quais o ser depois fica enjaulado atrás das grades dos inúmeros preconceitos que a credulidade infunde. Entretanto, se bem que a **alma humana** seja sugestionável por excelência e sofra, com incompreensível resignação, o aniquilamento de sua capacidade perceptiva e analítica, o **espírito** reclama, ao contrário, com indagadora insistência, tratamento e respeito próprios de sua paridade existencial. Explica-se assim como, através das gerações, se veio acentuando uma rebeldia espontânea, gestada em espíritos indômitos; naqueles, logicamente, que se recusaram a admitir esse tratamento assaz contrário à evolução integral do homem.

De nossa parte, declaramos inoperantes e sem consistência os métodos ensaiados até aqui com vistas ao aperfeiçoamento humano, por não conterem os conhecimentos básicos sobre a estruturação mental, psicológica e espiritual que caracteriza cada indivíduo, nem tampouco o domínio dos fatores que governam a vida interna.

Nossa concepção parte do estudo da **própria mente**, por ser ela, especificamente considerada, o órgão promotor da vida psíquica, e se projeta sobre os pensamentos, por serem os agentes naturais que configuram a vida de cada homem em seus aspectos mais preponderantes. Uma prova de que os caminhos até agora seguidos foram equivocados nos é dada, sem mais rodeios, pelo fato de que nenhum deles levou o homem a meta alguma que evidenciasse a culminação de um processo de aperfeiçoamento integral e consciente. Não podia ser de outro modo, já que se deixou de começar pelo essencial: conhecer, bloquear, debilitar e anular todas as deficiências psicológicas que afetam a criatura humana, para que sua nefasta influência não prejudique nem detenha o processo de evolução mediante o qual se rompem as limitações a que está sujeito o ser corrente, por falta de preparação e fortalecimento internos adequados.

Queremos com isso dizer que não houve, no estudo das possibilidades humanas, referência alguma a este gênero de conhecimentos que hoje a concepção logosófica oferece. Já se falou, esporadicamente e em termos gerais, dos vícios e

defeitos do homem, mas em nenhum momento a reflexão de filósofos e psicólogos se deteve para investigar a origem de tais deficiências caracterológicas e, menos ainda, para encontrar uma fórmula ou procedimento capaz de extirpá-las.

É certo que isso não haveria de ser possível com as antiquadas e inoperantes concepções vertidas até agora sobre a psicologia humana. Era necessário, pois, abrir uma brecha que conduzisse o homem ao conhecimento de si mesmo. Isso é o que a ciência logosófica tem feito, e disso deixamos evidência no presente livro, no qual plasmamos imagens didáticas e claras sobre o que o ser humano deve fazer para conhecer suas falhas e predispor-se a eliminá-las.

Dissemos anteriormente que uma das proposições que a Logosofia apresenta como necessárias ao conhecimento do homem é a das deficiências que o escravizam e que, em maior ou menor grau, cada um acusa, sem poder evitar as derivações contraproducentes que têm sobre sua psicologia. A isso acrescentamos que o estudo e o empenho constante por neutralizá-las, bem como por anular sua nefasta influência na vida do ser, é parte irrenunciável do processo de evolução consciente que ele deve realizar.

Deliberadamente, separamos o estudo das deficiências dos que formam a imagem central do conhecimento de si mesmo, por razões inerentes à pedagogia logosófica. Não obstante isso, advertimos que, quando se trate de aplicar o resultado de seu exame, deverão ser usados todos os recursos provenientes daqueles outros, por se tratar de

estudos paralelos, que concorrem em sua totalidade para o aperfeiçoamento que se persegue.

O quadro das deficiências que a criatura humana apresenta, desde que nasce até o final de sua velhice, poderia parecer desalentador. Entretanto, isso não deve abater o ânimo, porquanto é preferível conhecer que inimigos temos **dentro**, para combatê-los com lucidez mental, a ignorá-los, enquanto ficamos à mercê de sua influência despótica, suportando docilmente a maioria dos desgostos e depressões que diariamente nos acarretam. E se comprovamos que uma ou outra deficiência não existe no âmbito pessoal, acaso não é um sincero e efetivo humanismo o que se pode exercer, ajudando os demais a se desprenderem dela? A ausência de um gesto dessa índole poria a descoberto uma falha censurável, o **egoísmo**, que revela por sua vez falta de solidariedade humana.

Facilmente se poderá apreciar que a forma natural e positiva que usamos para apresentar essas realidades impede, seja qual for o ponto de vista, criar um complexo de inferioridade em quem quer que seja, pois oferecemos em cada oportunidade os conhecimentos que permitem ao homem desembaraçar-se de tão penosa carga; e já se sabe com quanto viço, frescor e força revive a árvore depois que lhe podamos os galhos inúteis, livrando-a das pragas que a consomem.

Ao revelar ao entendimento individual essa realidade que se desconhecia, ou que se resistia a conhecer, como é

a do enraizamento de deficiências em sua própria vida, não foge ao nosso propósito neutralizar o complexo de superioridade que a maioria das pessoas apresenta em sua psicologia, visto que esse complexo de superioridade é o que dissimula ou oculta os defeitos ou falhas psicológicas que tanto afetam o desenvolvimento das possibilidades mentais e espirituais que todo ser humano possui internamente. Isso haverá de levar o investigador consciente a deter seu exame e sua análise sobre nossos pronunciamentos, bem como a observar com serenidade de juízo a utilidade que pode extrair deles, desde que se coloque em atitude imparcial ao fazer suas apreciações pessoais.

Nosso ensinamento destrói a inconsistente e presunçosa afirmação, tão frequentemente citada: "Pau que nasce torto morre torto", pois que, ao modificar as causas que determinam a defeituosa configuração psicológica do indivíduo, modifica-lhe também a vida na totalidade de seu conteúdo. Ter-se-á em conta, portanto, que com a citada afirmação o homem estende um véu sobre sua própria realidade interna, fechando o caminho a toda possibilidade de enobrecer sua conduta, sem perceber que tal coisa implica negar à criatura humana todo direito ao aperfeiçoamento e, do mesmo modo, negar a lei de evolução.

O fato de uma pessoa assegurar que padece esta ou aquela deficiência nem sempre prova que esteja certa, já que com frequência isso provém do desconhecimento que tem de si mesma. Por outro lado, não são poucos os que

preferem se ignorar a ter de se confessar em falta ante suas consciências, pelo descuido em que incorrem a respeito de tão primordial dever para consigo mesmos.

A Logosofia, ao introduzir o homem em seu próprio mundo interno, faz com que perceba o erro de insistir em atitudes que entorpecem seu desenvolvimento moral. Pouco a pouco, ele compreende quão nociva é essa postura e o valor de aplicar-se ao cultivo das qualidades que surgem espontâneas da alma, após o desarraigamento dos defeitos que a oprimem.

Diante do esquema palpável e eloquente que apresentamos neste livro sobre as numerosas deficiências que a pessoa humana revela ter, e sobre a possibilidade de sua erradicação ou eliminação, não estranharemos se alguém se surpreender e até manifestar certo desdém, como se se tratasse de alguma rara utopia que, por ser inalcançável ou quimérica, merecesse ser posta de lado.

A semelhantes atitudes temos oposto sempre a demonstração muito evidente de nossas afirmações. As numerosas pessoas que praticam com acerto e dedicação as verdades logosóficas ratificam, diariamente, o que ainda é matéria de dúvida para quem nada faz por esclarecê-las.

Devemos fazer notar, contudo, que o ponderável benefício que flui dos recursos semeados ao longo desta obra, para libertar cada ser humano das correntes psicológicas representadas por suas deficiências, é magro fruto comparado

ao que se obtém seguindo o método logosófico, o qual, ao mesmo tempo que guia para o conhecimento de si mesmo, ensina a realizar o processo de evolução consciente, singular labor interno em que tanto o homem quanto a mulher encontram o verdadeiro rumo de suas vidas.

Quando se perceber que a instituição desses comportamentos superiores do homem vai plasmando uma sólida cultura, que é ao mesmo tempo base de uma nova civilização, mais consciente de seus progressos quanto ao desenvolvimento das potências do espírito e à sua vinculação com o mundo transcendente ou metafísico, ninguém desejará ficar para trás, nem aceitará voluntariamente uma exclusão que o deixe fora do curso deste grande movimento de superação humana.

Se alguém chegasse a supor que o estudo e a realização logosófica lhe haveriam de exigir muito tempo, repetimos aqui o que dissemos outras vezes: bastará apenas reduzir aquele que cada um emprega em excesso nas coisas triviais da vida. O estudo e a realização logosófica não requerem mais do que isso. Por outro lado, muitos buscam "matar o tempo", entregando-se com fervor a seus "hobbies". Por que não converter em **tema favorito** aquilo que haverá de propiciar benefícios e satisfações mais valiosos, ou seja, dedicar-se à tarefa de estudar cada deficiência em si mesmo e provar, perante a própria consciência, que é capaz de superá-las?

O que dissemos talvez chegue a dar uma ideia aproximada dos efeitos benéficos que podem ser obtidos com

este novo ensinamento, tão necessário nos tempos atuais, faltos de uma palavra convincente e reitora que oriente o gênero humano.

Deficiência e Antideficiência

DEFICIÊNCIA: A Logosofia chama assim ao pensamento negativo que, enquistado na mente, exerce forte pressão sobre a vontade do indivíduo, induzindo-o de modo contínuo a satisfazer seu insaciável apetite psíquico. É o pensamento tipicamente **dominante** ou **obsessivo**, que, ao mesmo tempo que cumpre uma função totalmente prejudicial, tem tanta influência na vida do ser humano e se evidencia de tal maneira que este é apelidado por seus semelhantes com o nome do pensamento-deficiência que o caracteriza. Por isso mesmo é que, em alguns casos, o indivíduo é chamado de vaidoso, rancoroso, egoísta, teimoso, intolerante e, em outros, de presunçoso, hipócrita, fátuo, intrometido, obstinado, néscio, etc. O curioso é que seu possuidor em geral permanece alheio a isso, talvez porque aqueles que o identificam com o defeito de que padece não lhe digam nada, por se tratar de um segredo que gostam de comentar pelas costas.

A configuração de uma deficiência pode variar num mesmo indivíduo. Isto quer dizer que nem sempre uma deficiência se comporta da mesma forma, o que às vezes torna difícil seu reconhecimento. Daí que seja tão importante realizar o processo de evolução consciente que leva ao conhecimento de si mesmo, porque nele cada deficiência pode ser observada sem se perdê-la de vista, e pode ser reconhecida nos traços típicos de sua exaltação, sejam quais forem as variações que apresente ou as aparências de que se revista.

Toda deficiência é produto do desvio experimentado pelo homem na integração de suas qualidades e do mau uso de suas condições intelectivas, psíquicas e morais. O desconhecimento de seu próprio existir como entidade consciente e capaz o leva a cometer inúmeros erros, que depois afloram como deficiências impressas em sua psicologia.

As deficiências, em suma, atuam à maneira de quintas-colunas psicológicas, introduzidas em nosso ser interno pelos agentes do mal. Daí o trabalho que custa descobri-las, convencer-se de sua realidade e enfrentar com inteireza a tarefa de erradicá-las e expurgar nossa vida, à qual elas tanto prejudicam e deprimem.

ANTIDEFICIÊNCIA: É o pensamento específico que selecionamos para conferir-lhe a missão de opor-se a determinada deficiência. Sob seu influxo, a vontade se fortifica e atua sobre a inteligência, instando-a a realizar movimentos mentais tendentes a anular o despotismo que o pensamento-deficiência exerce sobre os mecanismos mental, sensível e espiritual do homem.

Antideficiência é um pensamento-polícia que deve ser instituído na mente, com a finalidade de **vigiar, repreender** e **paralisar**, temporária ou definitivamente, o pensamento-deficiência.

Técnica para enfrentar as Deficiências

Nos começos do labor, sem dúvida que se tropeçará em dificuldades, sobretudo no terreno da compreensão, pois se impõem repetidas provas antes de encaminhar com uma respeitável margem de precisão os trabalhos que se realizem para localizar cada deficiência. Uma vez conseguido isso, será preciso levar a investigação bem a fundo na discriminação da forma que as deficiências possam apresentar, a fim de se descobrir a sutileza com que atuam os pensamentos que as configuram, tendo em vista que estes, para escapar da observação pessoal, costumam encobrir a intenção com grande diversidade de aparências. Guardam estreita semelhança com o camaleão, que dissimula sua presença tomando a cor da pedra ou da árvore onde se encontra. Daí que, quando se inicia o trabalho com uma deficiência, seja necessário perseverar na vigilância sobre ela, já que sua argúcia poderia impedir que fosse

surpreendida no instante de sua manifestação. Um atinado exame feito "a posteriori" oferecerá a oportunidade de conhecer seus ágeis movimentos e estabelecer de que maneira, e em que dimensão, afetam o ser psicológico e repercutem na vida, podendo-se, além disso, observar se o afetado se acha mais disposto a transigir com ela – concedendo-lhe indulgência ou condescendendo com seus impulsos – do que reforçar a resolução de combatê-la.

Estabelecido o grau de prejuízo que uma deficiência causa, deverá ser aplicado, sem perda de tempo, o método de extirpação gradual, debilitando-a com oportunos reajustes. Para tal efeito, deverá manter-se inalterável o propósito de superação e a atenção sobre a conduta, que há de ser paulatinamente adaptada às demandas da antideficiência. Da compenetração desse labor interno, conscientemente cumprido, irá surgindo cada vez mais ativo o poder da vontade para dominar qualquer deficiência que pretenda alterar a conduta.

Forme agora o leitor a imagem de um fazendeiro de outra época, cujas terras tenham sido invadidas por feras, as quais, após assolar seus campos, sedentas de sangue se lançam contra sua vivenda, com o objetivo de acabar com ele. Suponha também que alguém tenha feito chegar ao fazendeiro armas de fogo para a defesa de sua vida e de seus bens, armas que ele jamais viu, e cujo uso consequentemente desconhece. Que fará com elas, se não sabe empregá-las? Porque as feras, embora se assustem com os estampidos, cedo se acostumam a eles e voltam ao assédio,

tão logo comprovam sua inoperância. Pois bem, os conhecimentos logosóficos serão tão inoperantes como as armas, caso não se saiba como empregá-los; faz-se necessário, portanto, aprender a usá-los, servindo as presentes recomendações de guia seguro para isso.

Tenha-se ainda em conta que, por sua vez, as deficiências são também feras, feras mentais que não se conformam em devorar os pensamentos e projetos úteis que cada um armazena ou cultiva em seu campo mental. Seu afã de destruir – como acontece com o pessimismo, a obstinação, o descuido, a irritabilidade, a veemência, etc. – as induz a atentar contra os sentimentos mais nobres, e inclusive contra a própria vida de seu dono. É preciso, pois, que acabemos com tais pensamentos, se não quisermos que eles acabem conosco. Por conseguinte, deveremos exercitar a pontaria, pondo-nos com cautela a persegui-los, até caçá-los, livrando a propriedade mental de todo ente maligno.

Todas as deficiências, desde a mais benigna até a mais incômoda, afetam a vida psíquica, tal como fazem as enfermidades em relação ao corpo. Ninguém se iluda, acreditando que uma deficiência, por leve ou inofensiva que pareça, possa permanecer em sua mente sem prejudicá-lo, porque poderia suceder-lhe o mesmo que ao camponês que descobriu dois filhotes de tigre e, presumindo que a seu lado cresceriam mansos e inofensivos, levou-os para sua fazenda e os criou. Certo dia, já crescidos, esqueceu-se de levar-lhes alimento; impelidos pela fome, os tigres, ao vê-lo, atiraram-se sobre ele e o destroçaram para devorá-lo.

As feras, enquanto não forem eliminadas, serão sempre feras, assim como as deficiências serão sempre deficiências enquanto o homem nada fizer para extirpá-las.

É indubitável que, neste gênero de realizações, se agilizam os movimentos internos que melhor respondem às aspirações individuais de aperfeiçoamento. Munido o ser dos elementos que a Logosofia aproxima a seu entendimento, não lhe será difícil encaminhar seus esforços com decisão e acerto para a consecução desse fim. Mas convém recordar o que antes dissemos, e que agora repetimos: a aplicação de um conhecimento logosófico sobre determinada deficiência não deve limitar-se a uma só vez; a ação combativa deve ser constante, exercida não com brusquidão, mas com firmeza e resolução.

Assinalaremos ainda, como meio altamente eficaz para combater tão detestáveis inimigos da sensibilidade humana, a observação de deficiências em nossos semelhantes, observação que será feita sem se perderem de vista as próprias, sobretudo quando se trate de irregularidades que se assemelham às que temos empenho em neutralizar. No efeito desagradável que nos produzem as más atuações alheias, pode-se avaliar o que causamos em circunstâncias análogas, surgindo de tão simples confronto, com maior vigor que antes, a resolução de nos tornarmos mais gratos e suportáveis.

O citado procedimento – que jamais deverá ser empregado para criticar, mas sim como motivo de aperfeiçoamento – encontra a complementação que seu equilíbrio exige quando se tem cuidado de observar também a ótima

impressão que as virtudes do próximo produzem. Eis aí o estímulo natural que nos deve inspirar a desenvolver iguais virtudes e a nos converter em exemplos vivos de captação e assimilação de valores espirituais e éticos, valores que a sensibilidade e a consciência reclamam como indispensáveis para mover e ativar as próprias bases internas de superação.

Deficiências generalizadas no ser humano

FALTA DE VONTADE
IMPULSIVIDADE
SUSCETIBILIDADE
INDISCRIÇÃO
INADAPTABILIDADE
OBSTINAÇÃO
VAIDADE
FALSA HUMILDADE
INDOLÊNCIA
DESOBEDIÊNCIA
IRRITABILIDADE
TIMIDEZ
SOBERBA
DESASSEIO
FALTA DE MEMÓRIA
PRESUNÇÃO

NECEDADE
DISPLICÊNCIA
IMPACIÊNCIA
DEBILIDADE
INTROMETIMENTO
INDISCIPLINA
ASPEREZA
EGOÍSMO
DESORDEM
BRUSQUIDÃO
INTEMPERANÇA
INDIFERENÇA
COBIÇA
VERBORRAGIA
RANCOR
DESCUMPRIMENTO
VEEMÊNCIA
INTOLERÂNCIA
AMOR-PRÓPRIO
TEIMOSIA
CREDULIDADE
INCONSTÂNCIA
HIPOCRISIA
CURIOSIDADE
FATUIDADE
NEGLIGÊNCIA
RIGIDEZ
PETULÂNCIA

CLASSIFICAÇÃO DAS DEFICIÊNCIAS

A fim de que se possa levar a cabo com a devida eficácia a erradicação das deficiências que afetam a psicologia, classificamo-las em três grupos, a saber: **a)** dominantes maiores, **b)** dominantes menores, **c)** benignas.

Mediante um amplo e detido exame pessoal da maneira de ser e do comportamento habitual, poderão ser determinadas as deficiências que têm influído com maior ou menor preponderância sobre o caráter, sobre as inclinações, sobre a conduta de maneira geral e, especialmente, sobre os pensamentos.

É indubitável que, por mais indulgência que o ser tenha consigo ao realizar esse exame, haverá de reconhecer que uma, duas ou quatro de suas deficiências figurarão no primeiro grupo, e algumas outras no segundo, correspondendo as restantes ao terceiro, ou seja, ao das benignas.

É fácil concluir que essa primeira classificação será provisória e terá, mais propriamente, um caráter de ensaio, pois o natural é que, à medida que o ser se autoinvestigue, se produzam em sua avaliação mudanças que modifiquem o critério anterior. Poderá suceder, por exemplo, que uma

ou várias das deficiências incluídas no primeiro grupo correspondam ao segundo, ou vice-versa. Também poderá ocorrer que alguma do grupo benigno atue surpreendentemente, predominando em determinada circunstância, fato este que deverá ser observado com especial atenção, a fim de se vigiar sua possível reincidência, o que a colocaria no segundo ou no primeiro grupo. Aconselhamos não descuidar deste ponto e manter um firme controle sobre a deficiência em estudo, a fim de determinar sem equívocos onde colocá-la.

Como neutralizar uma Deficiência

Sugerimos trabalhar com empenho sobre as que integram o primeiro grupo, por serem as que mais prejudicam a vida do indivíduo, e desde já prevenimos que não é tarefa fácil, porém muito interessante e de inquestionável valor.

O essencial é que quem se proponha levar a cabo essa tarefa saiba, sem a menor sombra de dúvida, que uma **deficiência** pode ser substituída por uma **eficiência**, ou seja, anulando-se o *deficit* pode-se desfrutar a margem positiva que resulta do labor cumprido.

Suponhamos, agora, que uma dessas deficiências seja a **suscetibilidade**, sinônima de melindre. É bem sabido que a pessoa que a padece se ofende no trato comum pelo mais insignificante motivo, e até sem nenhum, buscando inclusive pretextos que lhe concedam razões para responder de forma inconveniente aos que convivem com ela. O eficaz, pois, desde o instante em que se começa a enfrentar tal deficiência, é opor-lhe a antideficiência correspondente, neste caso a **equanimidade**. Isso significa que a equanimidade será o objetivo a alcançar, e neste sentido se deverá pôr o máximo empenho. Aonde nos levará o cultivo da antideficiência? A precisar em nós o sentido da inalterabilidade. Ela dará maior equilíbrio a nosso juízo, mais clareza a nosso entendimento e, seguramente, nos acharemos muito acima das pequenezas que tão profundamente ferem nossa suscetibilidade. Evitaremos, portanto, as alterações que a deficiência promove, e alcançaremos isso permanecendo atentos em todos os momentos de nossa atividade cotidiana. Veremos, assim, quantos fatores incidem nas alterações de nosso temperamento, principalmente nossos pensamentos, os quais teremos de aquietar e disciplinar.

Uma vez que esta deficiência expõe a frequentes atritos e ressentimentos com os semelhantes, convém, no trato com eles, ter muito cuidado com qualquer mágoa ou irritabilidade sintomáticas dela. Isso deverá ser repetido tantas vezes quantas forem necessárias, até automatizar o procedimento, com o que se terá conseguido debilitar

consideravelmente a deficiência. Mas, por maior que seja a satisfação e a alegria que esse exercício nos proporcione, nossa exigência ainda não deverá ficar conformada; será necessário mais; será necessário chegar a neutralizá-la por completo, não lhe dando em momento algum oportunidade de reincidir em nosso prejuízo.

Vejamos, a seguir, outro exemplo do que acontece quando o ser analisa suas atuações aplicando a observação consciente.

Descobrimos que habitualmente atua em nós um pensamento impulsivo, de velho enraizamento em nossa mente; que seus frequentes arrebatamentos gravaram em nossa psicologia os traços irreflexivos da deficiência à qual pertence: a **impulsividade**. Conscientes agora dos excessos a que nos conduz e dos contratempos que nos acarreta, gostaríamos de nos livrar dela e desenvolver, por outro lado, a condição oposta, cabalmente determinada e conscientemente forjada, isto é, a **contenção**. Alcançada essa compreensão, deveremos entregar-nos à tarefa de incorporar à vida mental a contenção, ou seja, o pensamento selecionado para neutralizar a deficiência. Esse pensamento deverá ser exercitado dentro da mente, e, quando tenha adquirido vida própria e força suficiente, ver-se-á como ele induz o entendimento a voltar uma e outra vez ao estudo atento e minucioso do ensinamento logosófico que haverá de robustecê-lo. Também se verá que esse fato aguça a observação sobre si mesmo e até sobre aqueles nos quais se observa idêntico defeito; que estimula a atenção às próprias atuações, para que se tenha oportunidade de associar à vida

os elementos extraídos das duas operações anteriores, isto é, do estudo e da observação; que permite extrair conclusões e anotar os resultados que vão sendo obtidos, para que seus frutos tenham vigência duradoura na vida. Com tudo isso, o pensamento de contenção irá assumindo cada vez maior autoridade e, por conseguinte, maior ação dentro do espaço dimensional da mente, que é seu meio psicológico natural.

Relação das Deficiências e Antideficiências tratadas

Amor-próprio	*Modéstia*
Aspereza	*Afabilidade*
Brusquidão	*Suavidade*
Cobiça	*Honestidade*
Credulidade	*Saber*
Curiosidade	*Circunspecção*
Debilidade	*Fortaleza*
Desasseio	*Asseio*
Descumprimento	*Formalidade*
Desobediência	*Obediência*
Desordem	*Ordem*
Displicência	*Expansão do ânimo*
Egoísmo	*Desprendimento*
Falsa humildade	*Sinceridade*

Falta de memória	*Memória consciente*
Falta de vontade	*Decisão*
Fatuidade	*Simplicidade*
Hipocrisia	*Veracidade*
Impaciência	*Paciência inteligente*
Impulsividade	*Contenção*
Inadaptabilidade	*Adaptabilidade*
Inconstância	*Perseverança*
Indiferença	*Interesse*
Indisciplina	*Disciplina*
Indiscrição	*Discrição*
Indolência	*Autodeterminação*
Intemperança	*Continência*
Intolerância	*Tolerância*
Intrometimento	*Circunspecção*
Irritabilidade	*Temperança*
Necedade	*Prudência*
Negligência	*Diligência*
Obstinação	*Transigência*
Petulância	*Cordura*
Presunção	*Modéstia*
Rancor	*Bondade*
Rigidez	*Flexibilidade*
Soberba	*Humildade*
Suscetibilidade	*Equanimidade*
Teimosia	*Docilidade*
Timidez	*Resolução*
Vaidade	*Modéstia*
Veemência	*Serenidade*
Verborragia	*Concisão*

PROPENSÃO

É o pensamento negativo que trata de enquistar-se na mente do indivíduo, enquanto exerce pressão sobre a vontade para satisfazer a tendência que o particulariza.

Difere da deficiência, que atua dominando o campo mental e volitivo e se caracteriza por sua filiação claramente arbitrária, em que a propensão se manifesta como sintoma predisponente da anomalia que reflete. Não gera, como aquela, o impulso indômito, e sim promove o relaxamento circunstancial do juízo, ao qual incita a pronunciar-se com ligeireza, isto é, sem o devido resguardo por parte da razão, da observação, do pensar e do sentir da pessoa.

A propensão se manifesta esporadicamente; a deficiência, permanentemente. Uma e outra são, com frequência, produto da própria herança, podendo neutralizar-se a primeira com relativa facilidade, ao passo que a segunda persiste indefinidamente, se não é enfrentada com a firme determinação de vencê-la.

O conhecimento dessa particularidade psicológica, unido aos preceitos que aconselhamos para sua identificação dentro da esfera individual, dá ao homem as defesas mentais que o libertam de sua nociva influência.

Relação das Propensões

tratadas

AO ENGANO

A ADULAR

À FRIVOLIDADE

À DISSIMULAÇÃO

A PROMETER

A CRER

À ILUSÃO

AO DELEITE DOS SENTIDOS

AO ISOLAMENTO

AO EXAGERO

AO FÁCIL

AO ABANDONO

À DISCUSSÃO

AO DESALENTO

AO DESESPERO

À DESATENÇÃO

À IRA

A CONFIAR NO ACASO

AO VITUPÉRIO

AO PESSIMISMO

À LICENCIOSIDADE

AO DESCUIDO

Segunda Parte

Deficiências

deficiência: Falta de Vontade
antideficiência: Decisão

Eis aqui uma das deficiências mais comuns no ser humano, a que mais prejuízos lhe ocasiona e a que influi particularmente para que as demais o dominem.

Começa a manifestar-se quase sempre na infância, umas vezes por sua origem congênita e outras porque a ausência de incentivos ou de necessidades, durante esse período, atrofia de certo modo a zona temperamental que define a capacidade de iniciativa ou de empresa. O impulso volitivo fica assim paralisado, isto é, seu desenvolvimento não se vigoriza com o exercício natural de enfrentar obrigações e dificuldades, e só se manifesta diante daquelas coisas fáceis de fazer ou conseguir, sempre do agrado da criança.

Se a idade juvenil encontra o ser em tais condições, é indubitável que, na melhor das hipóteses, ele usará sua vontade quando a necessidade o obrigar ou quando algo lhe apetecer, mas faltará a essa vontade o incentivo capaz de movê-la na procura de horizontes mais amplos e promissores para sua vida. Acostumado a fazer só o indispensável,

o que as circunstâncias lhe exigem, e até menos, deixará tudo o mais irremediavelmente postergado e, acossado pela apatia, não será difícil que termine imerso na abulia moral e psíquica.

É comum que na idade madura a bulastenia apresente características crônicas, devendo aqueles que com tanta intensidade a padecem, classificar esta deficiência no primeiro grupo, ou seja, no das dominantes maiores, já que ela propicia, como dissemos, o fortalecimento de muitas outras. Mas nem sempre a abulia chega à cronicidade, e não é difícil deduzir que quanto menor for seu enraizamento na pessoa que ela domine, tanto mais fácil será superá-la.

Temos de nos referir também àqueles casos em que a falta do impulso volitivo sobrevém inesperadamente diante de circunstâncias adversas, tais como fracassos ou frustrações que o homem experimenta na vida, às vezes reiteradamente, ante os quais sucumbe por falta de um adequado adestramento que o conduza, antes de tudo, a fazer bom uso de sua faculdade de pensar, pois se sabe que quem não pensa está longe de mobilizar seus pensamentos e sua vontade na elaboração de incentivos que tornem mais benigno o processo de sua existência.

Vontade é a força psíquica que move as energias humanas e põe em atividade as determinações da inteligência para o bem, defesa e superação do indivíduo. A falta de vontade anula essas possibilidades e prostra o ser na indiferença e na inércia, faz sua inteligência fracassar e

chega até a perverter sua sensibilidade, porque o expõe a todas as tentações e contingências que o ameaçam.

Os movimentos da vontade, pequenos ou grandes, são impulsionados por dois fatores de primordial importância, que se alternam e se substituem de forma temporária ou permanente: a **necessidade** e o **estímulo**.

A necessidade atua sobre a vontade determinando movimentos quase automáticos, que forçam o ser a realizar mesmo aquelas coisas que ele não quer ou que devia ter feito espontaneamente, por determinação do próprio pensar e sentir; seu principal agente é a premência, que não admite demoras de nenhuma espécie enquanto urge o cumprimento de uma obrigação, de um dever, ou a satisfação de uma exigência inevitável.

O estímulo age também sobre a vontade, mas ativa por sua vez a inteligência e o sentimento, despertando o nobre afã de substituir a escassez pela abundância em cada um dos setores da vida em que a vontade desempenha papel preponderante.

A vontade se excita e toma brios quando este último fator intervém. Por mais cansada que uma pessoa se sinta ao término de uma jornada, se lhe é oferecida a oportunidade de recrear-se ou distrair-se com algum passatempo favorito, dificilmente deixará de fazê-lo. Isto significa que a perspectiva de passar um momento agradável influi, aqui, diretamente sobre a vontade, ativando-a. Fica assim demonstrado como a vontade se mobiliza, incitada por

um estímulo qualquer, o que dá ideia do muito que se pode conseguir quando ela se ativa em virtude de estímulos altamente edificantes, como são os que o conhecimento transcendente proporciona.

Quando o futuro é para o homem uma noite sem estrelas, um suceder monótono onde naufragam todas as suas esperanças, a vontade, carente de estímulos, perde vigor e fica à mercê do acaso. A vida não pode ser, no entanto, o páramo ou a estepe em cujos dilatados confins nós devamos nos perder irremediavelmente. É preciso fazer dela um lugar pleno de encantos, a fim de que nossa alma encontre, em todo o momento e a cada passo, o incentivo necessário para avançar segura e decidida pelos caminhos do mundo.

Conhecida a causa determinante da falta de vontade que nos acossa, nada mais lógico e urgente que eliminar essa causa. Se, diante da perspectiva de uma longa viagem, com todo o gosto nos preocupamos em fazer as malas, com maior razão ainda temos de nos preparar para o longo percurso de nossa existência, abastecendo nossa vontade com estímulos capazes de satisfazer integralmente as necessidades da vida diária. Quais são esses estímulos? Certamente variam em cada indivíduo. Aquilo que em uns age incitando à ação, em outros se mostra inoperante. O melhoramento econômico constitui um estímulo para quem o procura, porque sabe que, uma vez

alcançado, terá satisfeito uma longa e acalentada aspiração; o mesmo estímulo não tem valor para aquele que já desfruta uma posição folgada ou é indiferente a ela.

Existe toda uma escala de estímulos, desde os mais fracos até os de mais alto poder; como, porém, seu valor é relativo, o próprio homem deve aprender a criá-los dentro de si quando não os sinta surgir espontaneamente.

O estímulo aflora do propósito, do projeto, iniciativa ou fim que se procura realizar, e sustenta o **entusiasmo**, que é necessário manter permanentemente durante o prosseguimento da obra. Mas tenha-se em conta que o entusiasmo originado de uma esperança não deve jamais ser inflado pelos excessos da ilusão, capaz de aumentá-la até o ponto de sufocar esse mesmo entusiasmo.

Conformarmo-nos com pequenas esperanças, enquanto nos capacitamos para semear de estímulos positivos a área de nossa vida, é conhecer o segredo para que frutifiquem, numa sucessão feliz, esperanças e entusiasmos maiores.

Se já vimos, em muitas circunstâncias da vida, que a vontade atua por pressão da necessidade, por que não exercitá-la por meio de incentivos que substituam esse imperativo e a obriguem a nos servir docilmente e com toda a eficiência? Dar-nos-á alento, por um lado, saber que podemos fazê-lo e, por outro, pensar na satisfação que haveremos de sentir no momento do triunfo, ao colhermos os frutos do esforço.

A antideficiência que aconselhamos aplicar nos casos de falta de vontade é a **decisão**. Para que seja efetiva, terá de ser praticada conscientemente, com responsabilidade – como toda antideficiência exige –, sobrepondo-se com empenho à apatia até triunfar no forcejo psicológico. O ser deve demonstrar que é capaz de contrapor à abulia que o domina a decisão de combatê-la. Conseguirá, assim, ter vontade para tudo.

Será necessário, em primeiro lugar, querer uma coisa ou querer fazer algo; mas querê-lo com força, para permitir que a antideficiência entre em vigor. O simples fato de pensar que estamos levando à prática uma disposição emanada de nós mesmos, que tem por fim imediato nosso próprio benefício, contribuirá de maneira decisiva e sem maiores tropeços para a conquista daquilo que buscamos.

É no princípio de execução de todo propósito de bem que, com frequência, a falta de vontade se faz presente; mas, sabendo que a causa desse mal está na preguiça feita hábito, enfrentá-la-emos com resolução, avaliando em todo o seu volume os prejuízos que ela nos ocasiona e sem alimentar, nem por mais um instante, nenhum dos pensamentos negativos que promove.

É natural que isso exija estar ativo, mas o esforço que tal atividade demanda logo é compensado, porque permite viver a vida com maior intensidade, sem que ela escape do próprio ser com o tempo que se perde quando se é vítima desta deficiência.

Trata-se, pois, de ser consciente na luta que começa ao se defrontar o homem com esse inimigo que atenta contra o melhor que ele possui dentro de si: as energias que sustentam e dão conteúdo a sua vida moral e espiritual.

A decisão vigoriza o temperamento e faz com que o ânimo se recupere no instante mesmo em que começa a decair. A vontade, assim fortalecida, vai se erigindo em valor inapreciável, constituindo-se na força que move o homem na procura dos bens que prometeu para sua vida e seu destino.

Tendo isso presente, não serão deixadas para amanhã as coisas que podem ser feitas hoje, já que fazê-las oportunamente permite ganhar um tempo que, no dia seguinte, poderia ser destinado a outros afazeres.

É certo que em alguns casos esta deficiência pode ser neutralizada mediante uma rigorosa disciplina, mas aconselhamos a todo aquele que cultive nossos estudos que, antes de recorrer a imposições rígidas, mais que tudo fortaleça seu ânimo e ofereça à própria vontade estímulos capazes de convertê-la no centro dinâmico de suas energias internas.

Quem realiza o processo de evolução consciente, cumprindo na medida de sua capacidade as exigências do adestramento interno, aprende a mobilizar seus pensamentos e os faz servir à causa do próprio aperfeiçoamento.

É muito o que o homem pode conquistar no campo

das realizações superiores, sendo o saber a prerrogativa máxima que lhe foi concedida. Não existe, pois, maior estímulo para sua vida.

O saber aumenta a vontade e faz com que tudo se consubstancie na ação.

deficiência: Impulsividade
antideficiência: Contenção

Esta deficiência atua de forma intempestiva, pois o arrebatamento mental que a caracteriza influi irresistivelmente sobre a vontade, obrigando-a a ceder. O pensamento que a excita pareceria estar espreitando uma oportunidade para saltar como a cobra de pano encerrada na caixa de surpresa.

A impulsividade é, em síntese, um pensamento impetuoso que provoca a reação imediata da mente ante qualquer incitação ou motivo que surja açulando-o. Em todos os casos se manifesta como ato irrefletido do indivíduo.

Há circunstâncias em que ela configura um quadro psicológico contraditório, pois pessoas habitualmente serenas inesperadamente põem em evidência sinais inconfundíveis desta imperfeição, isto é, alteração do ânimo e consentimento ao desafogo mental.

Dissemos, em outra parte deste livro, que há deficiências que influem direta ou indiretamente sobre as demais, ora ativando-as, ora forçando-as a compartilhar sua intenção; uma delas é, precisamente, a impulsividade. Tem muito a ver com a indiscrição, pois o impulso irrefletido leva, às vezes, a expressar o que se sente ou se pensa a respeito de pessoas, assuntos ou coisas, apesar do propósito que se tinha de mantê-lo em reserva. Também há circunstâncias em que a deficiência atua por causa de sua vinculação com a suscetibilidade, o orgulho, a presunção, etc.

Por sua peculiar índole arbitrária, a impulsividade altera continuamente a paz interior. Por outro lado, o impulsivo não mede as consequências dos impactos que produz no semelhante, e de seus desplantes surgem com frequência atitudes que destoam do trato exigido pela convivência, tanto dentro da órbita familiar como no meio social que frequenta, onde não são poucas as pessoas que se previnem contra ele.

Esta deficiência faz agir fora de hora, sem oportunidade, sem cálculo, sem medida, e do mesmo modo que afeta com sua manifestação as zonas mentais do indivíduo, influi, nos temperamentos emotivos, sobre a região sensível. Percebe-se isso no choque emocional que impele o ser a identificar-se desmedidamente com a dor alheia. Em alguns casos, a exteriorização do ímpeto emotivo é tão acentuada que alcança contornos lamentáveis. Referimo-nos àquelas pessoas que, esquecendo seus deveres natu-

rais, se deixam envolver em excesso por fatos que deveriam reclamar tão somente uma parte de sua comiseração.

Poucos são os seres humanos afetados pela impulsividade que têm cabal consciência de que ela é causa de muitos de seus infortúnios. Deter-se com o propósito de impedir que suas insolências perturbem a tranquilidade interior ajudará a estabelecer o hábito da **contenção**, que significa nada menos que o domínio de uma reação, sempre arbitrária, com efeito deprimente sobre o ânimo.

Se temos deveras interesse em levar adiante esse propósito, começaremos por fazer um estudo da deficiência, anotando cada uma das circunstâncias que ocorram à recordação, para mostrar-nos como se manifesta nossa impulsividade e os efeitos negativos que produz. Em seguida, será posta em atividade a antideficiência, a qual, exercitada em todos os momentos, não tardará em nos dar prova de sua grande eficácia como elemento neutralizador da impulsividade.

O hábito da contenção floresce ao se debilitar a impulsividade, ou seja, quando se consegue imobilizá-la, impedindo-a de descarregar seus arrebatamentos.

deficiência: Suscetibilidade
antideficiência: Equanimidade

Quando esta deficiência se circunscreve às formas benignas de sua manifestação, logicamente não implica gravidade para quem a padece, mas quando a epiderme psicológica do suscetível se mantém em constante eriçamento, eis aí o claro indício de que a falha chegou a seu apogeu, com os consequentes prejuízos para o ser, que sofre já com intensidade sua influência transtornadora e experimenta, com amargura, que seu trato consigo mesmo e com seus semelhantes se faz cada vez mais difícil.

O suscetível é uma pessoa predisposta a ver no próximo uma segunda intenção, o que dá lugar a que se melindre ou se ofenda com extrema facilidade. Sua imaginação desfigura palavras e atitudes e, em decorrência disso, se mortifica e atormenta. Com frequência acredita ver no semelhante o propósito de desmerecê-lo, ou se ressente da mais leve desatenção, e não há gesto, palavra ou atitude de quem tenha tido ocasionalmente alguma diferença com ele que sejam justamente interpretados.

Próprio da tenacidade de seu defeito é não se deixar persuadir dos erros que comete; nem mesmo a reflexão mais serena e honesta consegue algo nesse sentido. Em tão

deplorável estado mental, fruto da perturbação que sofre seu entendimento, tudo o incomoda, pois não há coisa alguma que se enquadre na rigidez de seu pensamento ou esteja de acordo com seu juízo, seus projetos, desejos ou ambições. Nem a perda de amizades, nem o distanciamento daqueles que tiveram de tolerá-lo até a culminação de seus excessos, conseguem às vezes convencê-lo de seu erro.

É também um fato certo que o suscetível, em razão de seus desacertos, aumenta continuamente seus receios ou os motivos que o ofendem, pois supõe que sua conduta promove comentários adversos, desconformidade, desagrado, e isso mesmo influi para que se sinta afetado por qualquer alusão que lhe pareça suspeita.

A suscetibilidade acompanha geralmente as pessoas incapazes de se colocar com modéstia nos cargos ou posições que ocupam, onde esperam sempre um reconhecimento amplo de seus valores, reais ou efêmeros, por parte dos demais.

Esta deficiência fomenta em alguns casos o recurso de adular, coisa que o ser faz com o fim de obrigar à reciprocidade no trato. O suscetível busca a adulação como o toxicômano o alcaloide; daí que, quando essa adulação não se manifesta, ele se ressinta, revelando com frequência grande falta de discrição e tato.

Deixaremos ao leitor a tarefa de enumerar as múltiplas deficiências que se associam a esta falha psicológica e que contribuem para acentuar sua ação negativa.

Quando quem padece este mal psicológico decide

empenhar-se na tarefa de realizar o processo de evolução consciente, comprova que a negatividade de sua deficiência adquire um significado especial, porquanto ela entorpece constantemente a louvável decisão de orientar a vida pelo limpo caminho do aperfeiçoamento, ao criar-lhe situações que não condizem com a integridade que deve manifestar-se nele. A repetição de tais perturbações comove permanentemente seu campo mental, ao chocar-se com o alheio, em razão das circunstâncias promovidas por seu próprio temperamento melindroso.

A **equanimidade** é o sentido de justiça e, ao mesmo tempo, a medida exata com que são apreciados os valores opostos. Ela mantém o homem protegido das atitudes extemporâneas da suscetibilidade, que surgem impulsionadas pelas ligeirezas do juízo.

Iniciado o ser no exercício da equanimidade, poderá ainda associar a seu esforço a **afabilidade**, que, cultivada com boa compreensão do objetivo que se persegue, favorecerá grandemente o trabalho de neutralizar e eliminar esta deficiência.

A afabilidade é o mel que, derramado sobre o vinagre psicológico, melhora seu sabor.

Ela tem sua estirpe nas excelências da alma, ao passo que a suscetibilidade é gerada nos domínios do instinto.

Quem quiser experimentar essa notável transição anímica e temperamental deve seguir a indicação exposta, o que lhe permitirá superar uma das deficiências mais detestáveis e penosas.

O benefício que se obtém com a mudança é de dimensões insuspeitadas. Sua realidade se encarregará de mostrar isso e fazer com que seja desfrutado plenamente.

deficiência: Indiscrição
antideficiência: Discrição

É característico desta deficiência impelir a pessoa a falar e a agir irrefletidamente, sem acerto nem responsabilidade. Assim como a induz a divulgar prematuramente uma ideia, um propósito ou projeto, debilitando com isso a inteireza de suas forças psíquicas e morais, cuja soma constitui a reserva dinâmica das energias que robustecem a vontade, torna-a imprudente na emissão de um juízo, inoportuna, falante em excesso algumas vezes e, outras, desconsiderada e desleal para consigo mesma e para com o semelhante.

Tanto no homem como na mulher esta deficiência pode ter igual enraizamento, mas é ela, em particular, quem inflige a si mesma os maiores agravos quando não sabe se esquivar de suas instâncias. Estamos nos referindo ao dano que a deficiência lhe ocasiona, quando se manifesta em detrimento da delicadeza que lhe é própria e que toma sua

expressão no pudor. A entrega que faz a outros – seja por vaidade, seja por despeito, seja por inadvertência ou ingenuidade – de vivências de estrita ordem pessoal a vai desmerecendo, e, embora depois se arrependa disso, se vê obrigada a reconhecer que afetou um bem que devia conservar intacto. Cometida a indiscrição, as intimidades perambulam de boca em boca, disputadas pela curiosidade do ambiente. Ao tratar deste particular, não excluímos a delicadeza que o homem deve conservar, a qual em muito se consubstancia com sua própria honra.

A indiscrição costuma afetar não só o foro íntimo do próprio ser, mas também o dos demais. Será preciso recordar, por certo, a forma pela qual empreendimentos e homens se malogram por culpa desta deficiência, de cuja nefasta influência não têm escapado sequer as relações entre governos e povos.

Em nosso conceito, a indiscrição assume um significado especial, que define seu conteúdo específico. Logosoficamente, é "viver fora de si mesmo", ou seja, exteriorizar de forma inveterada o que pertence ao âmbito privado.

Deter-nos-emos neste aspecto da deficiência, por ser de particular interesse para quem leva consigo o propósito de cultivar-se espiritualmente.

Assim como em seus aspectos correntes a indiscrição tem quase sempre origem em descuidos da educação, o aspecto que agora nos ocupa tem sua raiz na falta de conhecimento de si mesmo, ou seja, na carência de noções acerca do verdadeiro comportamento interno. A ignorância

daquilo que cada um tem o dever de preservar do olhar e do ouvido alheios dá lugar à indiscrição, que tão profundamente afeta a vida íntima, patrimônio exclusivo e sagrado do indivíduo. Sua persistência no ser obedece, pois, à falta de consciência a respeito dessa vida íntima, desse patrimônio, repetimos, vedado pelas leis naturais à intromissão estranha. Para alcançar essa consciência que falta, deve-se começar por conhecê-la mediante um rigoroso processo de ativação de seu funcionamento mental e psicológico. Isso habilita o ser para determinar com precisão as fronteiras que separam a vida interna da externa e, além de impedir que se confundam as funções de uma e de outra, evita toda interferência por parte de quem as vive e aspira a ser dono de ambas.

Compreender-se-á quão indispensável é pôr um limite às exteriorizações desta deficiência, sempre inoportunas e às vezes temerárias. Quando ela já se apegou ao próprio temperamento, deve-se renovar continuamente o propósito de eliminá-la, pondo os olhos do entendimento na antideficiência que nos levará à consecução desse propósito, a **discrição**, virtude que protege, qual escudo invulnerável, os caros segredos da intimidade.

Como auxiliar dessa virtude, impõe-se a **reserva**, que contribui para evitar as inconfidências da indiscrição.

O discreto sabe medir suas palavras e atos, e se expande ou se contém segundo o que seu juízo e prudência lhe aconselham.

Quem se proponha a corrigir em si mesmo esta falha

haverá de dizer-se amiúde para si mesmo: "Devo ser discreto. Em consequência, não devo ser veículo de discórdia e tenho de manter este propósito, a fim de preservar-me e, por extensão, preservar meus semelhantes dos desgostos produzidos pela falha que me aflige. Não voltarei a satisfazer aos que alimentam suas mentes com o que extraem da imprevisão e ingenuidade alheias. Não permitirei jamais que minhas palavras ou meus atos me atraiçoem por esquecimento destes propósitos."

Se aspiramos a ser donos absolutos de nosso foro íntimo, façamos dele o encanto de nossa existência, o refúgio sem-par de nossas penas, o albergue sublime de nossa felicidade e alegria.

A discrição é a chave de segurança que fecha a porta das confidências mais doces e sensíveis, só pronunciáveis dentro de nós mesmos.

Seu cultivo há de ser sempre uma das tarefas mais gratas ao espírito do homem.

deficiência: Inadaptabilidade
antideficiência: Adaptabilidade

É esta uma deficiência pronunciadamente negativa, que põe a pessoa em situações incômodas e a submete a dolorosas experiências, por causa da permanente falta de boa colocação em que a deixa, impedindo-a de amoldar-se aos novos acontecimentos que a vida traz consigo, bem como a toda circunstância que, de um modo ou de outro, implique uma mudança em seus pensamentos, atitudes ou costumes. Em outros termos, obriga a pessoa a viver em desacordo com a realidade que a rodeia e, portanto, faz com que experimente de forma constante os ingratos resultados de sua obstinada resistência à lei de adaptação.

Sem nos determos nas comprovações biológicas a respeito do ponderável grau de adaptação das formas de vida vegetal e animal, veremos que fatos históricos demonstram a enorme capacidade natural do homem para adaptar-se às mais variadas e inclementes condições de vida. Forçado a isso, sua adequação ao meio e a toda espécie de pressões e necessidades é um fato certo, o qual não o impede todavia de rebelar-se e afundar-se em incompreensões que repercutem dolorosamente nele. A inadaptabilidade não corresponde,

pois, ao físico, e sim ao psíquico, ou, mais diretamente, à parte mental do indivíduo, por ser na mente onde se deve verificar a passagem de um estado a outro de compreensão. A inteligência desempenha um papel sumamente importante nas decisões do livre-arbítrio. Ela aceita ou rechaça os câmbios a que o ser deve submeter-se em razão de necessidades, circunstâncias ou pressões. Na mente não se produz, então, como no caso do físico, a adaptação espontânea que reflete o sutil movimento de conservação da vida por meio das alternativas a que se vê exposta. Não; nela, a adaptação se realiza em virtude dos acertos da inteligência na elaboração de uma razão que sirva para sustentar uma posição ou um comportamento que é preciso adotar em substituição a outro.

Com frequência se invocam razões de hábito, de conceito, quando não motivos derivados de alguma situação particular, para justificar a falta de ajustamento às circunstâncias que sobrevêm – mesmo aquelas que são consequência de erros cometidos –, sendo certo que se recorre a tais argumentos para escapar aos câmbios que essas circunstâncias forçam cada um a realizar em si mesmo.

Esta deficiência esconde sempre o ídolo da falsa personalidade. Por trás dos bastidores do cenário psicológico do ser, a inadaptabilidade, escudada nesse ídolo, move sigilosamente os fios de sua argúcia e é, definitivamente, a que se rebela contra as situações ou acontecimentos adversos, e a que reage, até à teimosia, contra toda ideia que tenda a modificar sua rígida postura.

Por sua falta de moderação, esta falha dificulta as relações com os demais. As pessoas, mesmo quando a educação o dissimule, poucas vezes suportam a atitude do inadaptável, ao pretender ele, como ocorre frequentemente, impor seu modo de ser, de pensar ou de sentir, sem oferecer nenhuma flexibilidade de sua parte.

A pessoa submetida aos transtornos que esta deficiência ocasiona, atrasa sensivelmente o processo de sua vida. Sem se decidir a imitar o exemplo dos que saltam com agilidade os obstáculos que comumente se levantam para provar a fortaleza e a têmpera, permanece à espera de que estes desapareçam, em virtude de algum milagre especialmente realizado para sua exclusiva comodidade.

A adaptação é um poder consubstancial com a natureza física e psíquica do homem, que lhe permite suportar os maiores sofrimentos e incômodos sem perder as prerrogativas de seu gênero. Mas, mesmo sendo consubstancial, esse poder só se manifesta com todo o vigor de sua potencialidade quando se leva a adaptabilidade à prática, depois de sua assimilação como conhecimento. É razão de sobra para se proceder ao exercício voluntário desse poder que promove a adequação da vida às mil e uma dificuldades que se lhe apresentam, evitando o desgaste de resistências inúteis.

A evolução consciente requer que o ser ajuste o pensar, o sentir e os hábitos de toda ordem aos câmbios e às novas modalidades que ela auspicia. Compreender-se-á então quão importante é afastar do caminho uma deficiência que constitui tão sério obstáculo para o desenvolvimento de nossa vida interna.

deficiência: Obstinação

antideficiência: Transigência

É sintoma de obstinação o **capricho**, que aparece na infância e aumenta continuamente com o afago daqueles pais que consentem, solícitos, os desejos extravagantes e veementes de seus filhos. É assim que surge, mais tarde, o obstinado, o que se compraz em contrariar os gostos, a opinião ou a vontade dos demais; o que sempre se opõe, por palavra ou ato, a toda mudança que diga respeito a sua conduta ou a seu modo de pensar.

Mas a obstinação, como tantas outras deficiências, não é uma falha cujo enraizamento possa ser sempre atribuído a uma educação defeituosa; muitas vezes é congênita e, assim como pode aumentar com o tempo, também é suscetível de diminuir, em razão do acerto na orientação a que o ser é submetido desde pequeno.

A obstinação é uma deficiência que trava as faculdades de pensar, de entender e de raciocinar, porque as sufoca, impondo-lhes o argumento que lhe serve de objeção. Quem a padece é um ser que não vê nem ouve outra coisa que não seja aquilo que ele admite.

Esta falha se manifesta no indivíduo toda vez que alguém discorda de sua maneira de encarar as coisas. É então que o desagrado lhe provoca uma crise e sobrevém a obstinação, sendo sua psicologia alterada por esse estado negativo, que se reproduz tantas vezes quantos sejam os incidentes que sua desatinada conduta promova. Não admite a possibilidade de um equívoco, nem tampouco é capaz de ceder se isso lhe for mostrado de forma evidente, chegando sua intransigência a produzir atritos verdadeiramente lamentáveis com aqueles que com ele tratam, e até mesmo, distanciamentos definitivos.

O choque com a realidade geralmente o submerge em obscuras abstrações, nas quais oculta, ensimesmado, seu ressentimento ou pesar.

A obstinação se apresenta às vezes sob o disfarce de força de vontade, constância ou empenho. Referimo-nos aos casos em que o ser parece perseverar em alcançar determinado fim, atitude que não é bem assim, pois não é difícil descobrir nele o obstinado que, vítima da **teimosia** e da **cegueira**, pretende alcançar o que sua deficiência lhe impõe. Há ocasiões, todavia, em que as circunstâncias favorecem seus planos, mas sua própria obstinação os malogra em seguida, por faltar-lhe a mesura e o tato que sempre devem apoiar o desenvolvimento e a manutenção de qualquer empreendimento.

É comum e sensato que as determinações adotadas com base num plano sejam modificadas, se isso for necessário, pois até as resoluções longamente amadurecidas

podem impor variantes no curso de sua execução. O obstinado não admite, contudo, variantes nem retificações de nenhuma espécie, atitude que evidencia o aspecto negativo de sua conduta.

Ficaria bem representada a teimosia do obstinado num sujeito que, diante de uma porta definitivamente fechada, se empenha em passar por ela, enquanto os demais entram e saem pela que se abriu em seu lugar; o obstinado é ainda capaz de crer que lhe fecharam propositadamente essa porta para impedir sua passagem.

Não se deve esquecer que a obstinação recebe o influxo de outra deficiência, o **amor-próprio**, e que, em consequência, se deve buscar o modo de combater a ambas ao mesmo tempo.

A transigência transforma em dócil a parte rude da obstinação, tornando-a permeável ao trabalho da reflexão. Eis aqui a fórmula que, metodicamente aplicada, será muito eficaz para se conseguir o câmbio e livrar-se de uma deficiência tão incômoda quanto desagradável.

É muito natural que se predisponha a combater em si mesmo esta deficiência aquele que, com amplitude de visão, se reconheça obstinado, pois ninguém melhor do que ele sabe quantos desgostos experimenta por sua causa. Para tal fim, é preciso recordar que é essencial transformá-la em empenho consciente da vontade.

deficiência: Vaidade
antideficiência: Modéstia

Como tantas outras deficiências, a vaidade se insinua quase sempre na infância, vigorizando-se por inadvertência dos pais, propensos com frequência a fomentá-la ou a fechar os olhos a suas manifestações. O certo é que os consentimentos e elogios, quando prodigalizados sem medida alguma pelos adultos, influem desfavoravelmente na formação caracterológica da criança, sendo essa conduta duplamente nociva quando se trata de crianças inclinadas por natureza a contrair a deficiência.

A valorização que em sua presença se costuma fazer de suas aptidões, tanto físicas como de talento, assim como o fato de elas se sentirem donas de roupas, brinquedos e objetos que as destacam entre as demais crianças, contribuem para fomentar nelas o desejo de serem admiradas e o prazer pela lisonja, o que vai definindo rapidamente as características do vaidoso. Uma vez acentuada a deficiência, e aguçadas outras que por afinidade incidem em sua psicologia, vai-se criando no ser, já adulto, um **complexo de superioridade**, tão pernicioso como o seu oposto, o de inferioridade.

Nem sempre, entretanto, a vaidade tem essa origem. É frequente ver como seres que nunca tiveram de que se

envaidecer, de repente revelam essa particularidade negativa em consequência de um êxito, de um acerto, de uma mudança favorável de fortuna, etc., o que nos mostra quão suscetível é a criatura humana à vaidade, e quão necessário é que ela cimente em si mesma a qualidade moral que lhe sirva de resguardo contra tais ciladas.

Esta deficiência reveste de ouropel a figura da pessoa, que, comprometida por essa circunstância, se vê obrigada a exaltar ante parentes e amigos suas próprias luzes, méritos ou qualidades, os quais raramente passam do medíocre.

É fácil comprovar que a vaidade não pode manifestar-se sem menoscabo dos méritos alheios, e ela poderia muito bem ser definida como uma sutil ofensa que se faz ao semelhante, colocado sempre em inferioridade de condições pelo vaidoso.

Esta falha psicológica fecha o entendimento e prostra a faculdade de raciocinar ante a autoestima levada à exaltação e até ao paroxismo. Numa palavra, entorpece o livre jogo das faculdades da inteligência. Se estas – as faculdades de pensar, de observar ou de raciocinar, por exemplo – operassem no vaidoso com inteira liberdade, não se poderia admitir que tivessem deixado de adverti-lo dos prejuízos que suas deficiências lhe ocasionam, sobretudo o desconceito.

A vaidade se resume na **jactância**, que se revela não só na palavra, mas também na atitude e na expressão. É uma névoa psicológica que obscurece a mente,

impedindo de ver e sentir honestamente a justa medida do próprio conceito.

Quem vive cegado por esta falha não concebe para si a **modéstia**, antípoda da vaidade, mas lhe agrada, isso sim, que os demais sejam modestos e, ademais, estejam dispostos a suportar sua vanglória.

Tacitamente, o vaidoso descarta essa virtude como algo que não combina com suas pretensões; mais ainda, é como se a modéstia fosse uma postura que diminuísse – permitam-nos o risonho paradoxo – sua pequena estatura de "gigante".

O cultivo da modéstia requer que as perspectivas da vida se circunscrevam à mais estrita realidade. Quem a isso se dedicar logo conseguirá um lugar de preferência entre os seus semelhantes, lugar que nunca poderá ocupar aquele que, incitado pela vaidade, persiste em granjear respeito e simpatia realçando ficticiamente as qualidades de sua pessoa.

Os valores que em verdade possuímos, não é necessário exibi-los: eles se evidenciam por si sós.

A modéstia, sinal de boa estirpe, deve ser natural, jamais afetada. É virtude que surge espontânea da alma, permitindo que as pessoas se sintam cômodas e seguras, seja qual for o lugar onde se encontrem.

deficiência: Falsa Humildade
antideficiência: Sinceridade

Esta deficiência, de trama sutil, inverte de tal modo o conceito da humildade, que aquele que a ela está sujeito finalmente acaba por ser levado a crer que possui tal virtude, ou que ela atua nele como condição natural, inata.

A falsa humildade é um hábito bastante generalizado. Na verdade, não são poucas as pessoas que costumam diminuir seus méritos, revestindo-se de modéstia, para obrigar os que, desprevenidos, as escutam, a exaltar os valores de que dissimuladamente elas fazem gala. É uma das tantas formas de surpreender a boa-fé do próximo, a cuja observação são submetidas palavras e atitudes, dando-lhes uma aparência de virtude.

Indubitavelmente, ela inferioriza a pessoa pela índole do fim que persegue: exibir-se como humilde. E quão fácil é comprovar, após o contato com sua "inofensiva pele de ovelha", que ali, debaixo daqueles "alvos" pelos, se oculta às vezes o gato-do-mato de afiadas unhas, pronto para saltar sobre quem o descobre em sua impostura. É a reação, não isenta de violência, que põe a descoberto o falso humilde, o hipócrita da virtude.

Quando se encara a luta contra esta deficiência, é preciso ter presente que ela age em paralelo com outra não

menos negativa e dominante, o **amor-próprio**, chegando ambas a se confundirem na intenção que manisfestam. Citando um exemplo, se por um lado se faz alarde de virtude, ostentando humildade, por outro brota o amor-próprio, com os traços inconfundíveis da pessoa que se superestima, os quais definem o orgulhoso de si mesmo. É a exaltação da personalidade, pretendendo dar relevo ao que não se é nem se tem, sem se aperceber do efeito contrário que produz. Trata-se de uma consequência natural, e ao mesmo tempo lógica, para quem tenha buscado consideração e estima por meio tão censurável.

Descobrir esta deficiência em si mesmo é bastante difícil, pois, como dissemos, sendo sua função enganar, o primeiro a ser enganado costuma ser o próprio indivíduo. Consegue-se identificá-la por meio do conhecimento que ilustra sobre seus artificiosos manejos, o que permite descobri-la tanto na própria pessoa como nas demais. Uma vez identificada, cabe supor que, naturalmente, não se pode continuar alimentando o pensamento ignóbil que gera este defeito.

Do estudo desta deficiência nascerá, pois, como imperativo impostergável, a necessidade de cultivar a **sinceridade**. Contrapor esta virtude à falsa humildade é opor-lhe uma realidade que terminará por aniquilá-la.

A sinceridade, quando não é inata, deve ser adquirida à custa de atenção e tenaz empenho, sem se esquecer, em nenhum instante, o aspecto verídico e leal de sua expressão ética.

Ela exclui todo esse suplemento artificioso sugerido pela ênfase de quem, ao falar de si, mostra ao mesmo tempo uma humildade que não possui.

deficiência: Indolência

antideficiência: Autodeterminação

Esta deficiência tem por origem a própria herança[1], mas sua manifestação e desenvolvimento dependem de diversos fatores: ambiente familiar, amizades, falta de estímulos, etc. Educar a criança numa disciplina que a obrigue a manter sua mente ativa pelo estudo ou pelas tarefas habituais é defendê-la do possível aparecimento desta falha, que começa a se manifestar como preguiça mental e, acentuando-se com o tempo, pode desembocar em completa apatia.

A indolência paralisa os recursos ativos da vontade e mergulha o ser numa passividade nociva, que afeta sua psicologia, tornando-o improdutivo e inábil para qualquer função de responsabilidade. Desprovido de interesse e iniciativa, move sua vida lentamente, como se temesse que o menor esforço viesse a interromper permanentemente

[1] Ver *A Herança de Si Mesmo*, do autor.

seu inveterado costume de não fazer nada. Pode-se muito bem dizer que ele só vive, e mesmo assim precariamente, a quarta parte de sua vida, pois desperdiça lamentavelmente as outras três.

O embotamento mental, que entorpece as energias vitais e debilita a existência, é seu efeito mais penoso. Sem degustar o conteúdo da vida, feito de atividade, o indolente a vive de forma vegetativa e rotineira.

Esta falha não deixa a pessoa cumprir satisfatoriamente suas obrigações, sendo isso motivo para que não se confie nela e para que sejam pouco valorizados os serviços que presta.

Poderá ser honrada como as demais, mas não deixará de se expor a que outros se aproveitem de sua indolência para consumar atentados ao patrimônio alheio, fazendo-a vítima indireta do desfalque.

A indolência é uma das tantas singularidades da psicologia humana, pois manifesta contradições muito visíveis entre os pensamentos, palavras e atitudes do ser. Basta começar a examiná-la para que se perceba que ela atua sobre os centros volitivos do indivíduo, que nada têm a ver com a capacidade mental. É como se atuassem no indolente duas forças antagônicas. Pois bem, se atássemos a uma viatura duas forças iguais, uma puxando para o norte e a outra em sentido contrário, teríamos como resultado a imobilização do veículo. Algo parecido acontece com o indolente. Pode ser que se trate de uma pessoa normalmente dotada para o estudo, ou com boas aptidões para o trabalho, mas, ao não desenvolvê-las por causa da apatia e da falta de

interesse com que encara seu desenvolvimento, sua vida não progride, estanca-se. O mesmo acontece com quem desenvolve sua atividade num só sentido, enquanto vão ficando postergadas outras possibilidades igualmente produtivas de sua inteligência. Como se vê, ambas as vidas poderiam dar excelente fruto, mas se malogram ou reduzem suas prerrogativas em razão dessa dualidade a que nos referimos. É óbvio que ocorre o contrário quando essas duas forças se unem e se orientam numa mesma direção, e tudo propende para um só objetivo: a consumação daquilo a que o ser se propôs realizar em sua vida.

Se por um instante o indolente pensasse com seriedade nas funestas consequências que esta deficiência acarreta, talvez encontrasse forças para sair de sua inabilitação. Mas ele não pensa nem se comove ante a desoladora perspectiva de seu futuro; daí que lhe falte decisão e valentia para fazê-lo, e prefira deixar-se estar à mercê do acaso, enquanto o tempo passa e, com ele, a vida.

Os que vivem sob o peso desta afecção psicológica são como aqueles enfermos que, crendo-se incuráveis, se entregam resignados à sua sorte, negando a si mesmos a possibilidade de cura, esperança esta que jamais se deveria perder.

Na verdade, se o indivíduo indolente não tem a seu alcance um auxílio direto e eficaz, poucas probabilidades terá de sobrepor-se a seu defeito, e menos ainda de vencê-lo. Tenha-se em conta que as energias internas, adormecidas faz tempo, não despertam por arte de magia. É necessário reeducá-las no exercício de suas funções. É isso

precisamente o que o conhecimento logosófico faz, ao promover nessas energias uma saudável reação, em virtude da atividade que as estimula. Mas o indolente conseguirá interessar-se por isso? Preparar-se-á com firmeza para o propósito de desembaraçar-se de sua falha? Dizemos isso porque tal empresa requer decisão no comportamento, autodeterminação, atitude que só pode ser adotada por aquele que anele de verdade superar tal inconveniente.

deficiência: Desobediência
antideficiência: Obediência

Partindo também neste caso da infância, na qual têm origem, como dissemos, muitos defeitos psicológicos, surpreendemos a desobediência manifestando-se geralmente como **rebeldia**. Isso ocorre porque não se ensinam à criança as razões pelas quais deve obedecer e os benefícios que tal atitude traz para a vida, seja como tônica construtiva sob o pátrio poder, seja a serviço do desenvolvimento harmônico de uma atividade, da execução de uma obra ou das leis que regem a ordem social.

É um fato comprovado que o instinto suscita prematuramente no ser humano o problema de sua liberdade, ao confundir este, desde tenra idade, obediência com submissão e reagir em consequência disso. Mas a criança se faz homem e, com o tempo, à medida que sofre os embates da vida e que sua capacidade reflexiva o permite, forçoso é que compreenda que a obediência, e também outras disciplinas, são necessárias, pois corrigem os desvios em que o indivíduo poderia continuar incorrendo indefinidamente, tanto com respeito a si mesmo como à vida de relação e às leis estabelecidas.

Para poder enfrentar a tempo esta inclinação defeituosa ou eliminá-la de si mesmo, antes de experimentar seus penosos efeitos, é imprescindível fazer a criança saber que a obediência está condicionada a princípios de disciplina e de bem; por conseguinte, ela não deverá obediência a nada que contrarie esses princípios. Será educada adquirindo consciência desse dever e será capacitada para cumpri-lo com lucidez mental. Jamais lhe será imposto o acatamento cego e, para tanto, lhe será propiciado o lógico discernimento sobre os motivos da obediência a tal ou qual ordem, indicação ou encargo.

É notório que, quando a desobediência se enraíza na pessoa, influi decididamente sobre seu ânimo. Um empregado que desobedece reiteradamente a seu chefe se expõe a perder a confiança nele depositada, e até mesmo seu emprego. Isso significa que cedo ou tarde sua conduta lhe acarretará consequências adversas e, portanto, dolorosas, que abaterão seu ânimo.

Com frequência se desobedece por temor de perder ou diminuir a própria autonomia, pois se ignora que esta pode ser mantida plenamente, apesar da obediência observada ante os deveres que as circunstâncias, as obrigações ou o meio familiar ou social impõem. Justamente por não levar isso em conta é que o ser sofre, às vezes, as desvantagens derivadas da deficiência, tão contrária ao bom proceder.

O acatamento inteligente do indivíduo a normas, regras, deveres e leis contribui para estabilizar a harmonia na convivência humana.

Uma razão equilibrada – salvo nos casos de involuntário descuido – jamais cometerá a torpeza de desobedecer à ordem social e jurídica, e quem cientemente o fizesse se declararia menos sagaz que o rato, cujo instinto o freia no momento em que é tentado pelo queijo da ratoeira, se seu olfato lhe denuncia que outros de sua espécie deixaram ali o vestígio de seu sangue.

Consideramos oportuno, agora, apresentar à reflexão individual algumas proposições que haverão de contribuir, não temos dúvida, para um maior esclarecimento no estudo desta deficiência:

a) Proponho-me a ser mais ativo, falar o necessário, prestar mais atenção a meus afazeres, não me distrair, não me violentar, etc., e não cumpro. Desobedeci a uma **ordem** que eu mesmo me havia imposto.

b) Marco encontro com uma pessoa para determinada hora e me apresento tarde, ou não compareço. Desobedeci à **palavra que empenhara** com o propósito de ser pontual.

c) Depois de elaborar ou tecer vários projetos, opto por um deles, empreendendo com entusiasmo sua execução; mas, pouco depois de começar, abandono a empresa. Desobedeci ao **pensamento** que engendrou a iniciativa e à **minha vontade** para levá-la a cabo.

d) Aspiro a conquistar uma posição honrosa na vida, mas não contribuo com meu empenho e constância para o desenvolvimento desse propósito, e ele se malogra. Desobedeci a um **anelo** que não deveria ter defraudado.

e) Sei que o abuso do cigarro, da bebida, do jogo, etc., aruína minha saúde ou minhas economias. Não obstante, reincido nisso. Desobedeci a **meu próprio juízo**, cujo conselho não ouço, e a **minha sensatez**, que reclama moderação.

f) Anelo com fervor ser melhor e saber mais; sei, porém, que para consegui-lo devo fazer algum sacrifício, mas fujo disso. Desobedeci a **meu espírito**, manifestado nesse sentir.

g) Sei que há coisas que não devo fazer, que contrariam meu pensar ou meu sentir, e apesar disso eu as faço. Desobedeci à **minha consciência**.

Apreciadas com ampla compreensão, estas considerações servirão de guia para julgar as atuações próprias e conduzir melhor as rédeas do governo individual.

deficiência: Irritabilidade
antideficiência: Temperança

Esta deficiência violenta o caráter, ocasionando abatimento no ânimo de quem a padece. Esconde-se às vezes por detrás de uma modalidade aparentemente calma, e também sob a aparência jovial do indivíduo.

Tem origem numa alteração psíquica e nervosa ocasionada por conflitos internos com os quais muito têm a ver o sentir e o pensar. Revela um estado quase permanente de desgosto e dá lugar a manifestações contraditórias do ânimo. A um instante de otimismo se segue bruscamente outro de pessimismo; a um de prazer, outro de azedume; e assim sucessiva e inevitavelmente. No fundo, oculta-se um descontentamento que aflora à superfície por qualquer circunstância propícia. É um misto de amargura e violência, uma alergia mental que provoca frequentes crises no ânimo. Daí que o irritável reaja, geralmente, por motivos mais aparentes que reais.

A irritabilidade é um fator de perturbação psíquica e moral que atraiçoa constantemente o próprio sentir. Produzido o descontrole mental, o ser se torna presa fácil da violência, a qual, mesmo quando temperada pela boa educação, manifesta a desafinação na conduta e, por conseguinte, o desconcerto no semelhante.

Esta deficiência se acentua quase sempre por indução de outras formas negativas de sentir, como a inveja, por exemplo, que costuma oferecer múltiplos motivos para a reação violenta do ânimo, trate-se do êxito de fulano, da facilidade com que beltrano solucionou seus problemas, ou de qualquer outro motivo que comova a pessoa em sua pretensão de triunfadora única.

A ação destruidora e deprimente desta deficiência será contida pela **temperança**, sedativo psicológico que modera as rudezas do temperamento até a sua total extinção.

Em sendo a temperança uma virtude conatural, seu possuidor a traz consigo como sinal de seu avanço na grande experiência evolutiva.

Quando se trata de adquiri-la para opô-la a uma deficiência como a irritabilidade, é necessário o maior e mais persistente esforço, até alcançar a satisfação do propósito. O simples intento de consegui-lo debilita em certo grau a deficiência, ainda que isso seja apenas o primeiro passo. Será preciso fazer muito mais; será preciso experimentar a fundo as delícias proporcionadas pelo prazer de domar uma característica tão pouco favorável, e que põe em guarda todos aqueles que convivem com quem revelou ser sua vítima.

deficiência: Timidez
antideficiência: Resolução

Esta deficiência reflete um estado de abatimento do ânimo que inibe o ser em seu trato com os demais, prejudicando quase sempre o valor das próprias aptidões, que ficam diminuídas e até negadas pela coibição que ele experimenta tanto ao falar como ao atuar.

O complexo psicológico da pessoa escravizada por esta falha está demarcado pelo efeito sugestionante e atormentador que o olhar alheio produz sobre seu ânimo, efeito que se traduz em temor ao fracasso, ao ridículo, ao desacerto; temor de não saber expressar com exatidão aquilo que pensa ou sente, no qual toma parte muito ativa a subestimação de si mesma e o escasso mérito que atribui a suas ideias e qualidades, em contraste com o valor excessivo que concede às alheias.

É na infância e na adolescência que pais e professores devem combater os sintomas desse complexo de temor, vergonha e covardia, que é a timidez, ou impedir seu aparecimento. Quantos sofrimentos poderiam ser evitados ao ser, se ele fosse liberado a tempo de semelhante opressão!

Qualquer criança normalmente dotada pode contrair este defeito, se for submetida a um trato repressivo que tolha

sua espontaneidade, e se não lhe for dado o apoio de que necessita para crescer livre de temores, confiante em suas forças e na capacidade que desenvolva. Mas a acanhada por natureza, a criança tímida, seguramente terá seu mal agravado se procederem inadequadamente com ela. Cortar-lhe com rispidez o uso da palavra, quando procura expressar o que pensa ou lhe ocorre; envergonhá-la ou confundi-la, caçoando de seus ditos ou argumentações; privá-la do exercício saudável que a convivência com seus semelhantes implica; menosprezar indiscriminadamente suas iniciativas, desejos ou decisões, em vez de alentá-las conforme convenha à anulação de seu defeito, tudo isso são partes de uma conduta que seguramente aumentará a coibição que a retrai, e que está negando à sua natureza o prazer de manifestar-se livremente.

A timidez, que com frequência assume característica de complexo de inferioridade, é consequência da falta de confiança em si mesmo. Essa confiança pode ser, entretanto, criada e aumentada, se, ao tomar-se a determinação de combatê-la, após o reconhecimento periódico dos pensamentos e atitudes que marcam um progresso na modalidade, consegue-se um saldo favorável.

Sabemos que quem padece seus prejudiciais efeitos é com frequência avassalado pelo temor, que o torna inseguro, o envergonha e confunde. Nada mais aconselhável, então, que bloquear o defeito com pensamentos de entusiasmo, otimismo e coragem, para poder, assim, dominar a articulação dos impulsos internos com vistas à sua total normalização.

Agilizando a mente com o estudo, prática e conhecimento da atividade que os pensamentos desenvolvem

dentro do próprio campo mental, o tímido obterá como resultado um aumento gradual, e em proporção cada vez maior, de seu próprio valor, valor que se irá configurando pouco a pouco em **ousadia**. Consequentemente, em virtude desse exercício ele adquirirá, além de outras vantagens igualmente apreciáveis, maior facilidade de expressão, pois que, com o adestramento que recomendamos, surge efetivamente a **inteireza**, que estimula o ânimo e permite expressar-se com desembaraço. Isso significa que o inibido se liberta de uma das dificuldades que mais o deprimem, já que sua deficiência, ao impedi-lo de comunicar e fazer valer seus juízos, o coloca em inferioridade de condições diante dos demais.

A timidez é má companheira, e quanto antes o ser puder se livrar dela, tanto mais à vontade se sentirá entre seus semelhantes e mais vantagens obterá de sua nova forma de ser.

Aquele que em verdade quiser escapar de seu domínio fará da resolução seu ponto forte e, tantas vezes quantas forem necessárias, repetirá mentalmente para si mesmo que deve ser valente, que nada deve temer, procurando, é claro, manter-se em consonância com o que pensa. Recorde-se que é necessário favorecer a própria resolução, se se quer sentir o influxo da coragem e agir de forma consequente.

deficiência: Soberba

antideficiência: Humildade

É a mente embriagada de ficção, o absolutismo do instinto, a negação da sensatez, o reverso da compaixão.

Denuncia falta de sentimentos humanitários, porquanto sob seu domínio o ser termina por insensibilizar-se.

Na juventude, e até na infância, a soberba já mostra seu rosto, às vezes com bastante crueza, mas nem mesmo chegando o ser à idade adulta a deficiência se manifesta com aquele absolutismo e aquela força que adquire, de imediato, quando ele se sente respaldado por um cargo de importância, uma função de mando ou a posse de riquezas ou outros bens materiais.

É inegável que os quadros psicológicos de maior envergadura como expressão de soberba são observados nas posições de privilégio, nas quais se ostenta e se faz valer a categoria social, a hierarquia e o poder. Mas a soberba influi sobre o temperamento humano até mesmo nas mais limitadas esferas pessoais. Nota-se isso claramente na pessoa de condição modesta que se rebela ante a autoridade do superior e que, tão logo ascende a funções de maior responsabilidade, é dura e de escassa consideração com o subordinado, desafogando contra ele toda a

mescla de arrogância, de altivez e de desdém que conteve durante sua forçada situação de dependência.

Tanto o indivíduo que aspira a ocupar posições de importância sem ter capacidade nem cultura, como o que pretende alcançar riquezas apelando para imaginários direitos, sem pôr esforço pessoal de sua parte, ao fracassarem em seus intentos se convertem em ressentidos sociais. Esses seres, ao que parece, querem depois satisfazer seus desejos de vingança, mostrando-se altivos quando, surgindo a situação, devem pôr-se a serviço dos que se encontram acima deles, em razão da posição social e econômica que ocupam. Eis aí outra evidente mostra de soberba, própria mais precisamente das baixas camadas sociais.

O soberbo não necessita possuir condições ou aptidões que o destaquem para convencer-se de sua excepcionalidade; é um ser que não tolera que seus méritos sejam desconhecidos e que, por insignificante que seja sua pessoa, sofre tremendas mortificações quando não é tido em conta ou não é considerado como pretende.

Não são poucos os casos em que esta deficiência se oculta por trás da **falsa humildade**. Quando ambas as falhas se combinam, produzem seres astutos e matreiros.

O soberbo é violento, e sua palavra, lacerante. Gosta de humilhar e menosprezar. É também ambicioso; aspira ao trono material e não vacila se, para ascender a ele, deve se valer de meios pouco dignos e em prejuízo do próximo. Nada de positivo, porém, ele consegue com isso, porque, mesmo ocupando o posto mais elevado, fica sempre patente sua pequenez moral e espiritual.

Falamos da soberba referindo-nos aos casos mais agudos, cuja depuração exige, por certo, um longo processo, sobretudo porque, chegando a esse estado, a pessoa considera que a evolução é um mito. Mas nossas palavras talvez sirvam para prevenir os que a padecem nas formas menos graves contra seu possível crescimento e, por fim, contra o arraigamento de um mal que desmerece e invalida a vida.

O exercício da humildade evitará, sem dúvida, as absorventes e sugestionantes miragens da soberba, toda vez que a imaginação projetar a própria figura no altar do endeusamento pessoal.

Aconselhamos sua prática por ser uma virtude que se consubstancia na simplicidade e na naturalidade; ela haverá de ser útil se se aspira a erigir no mundo interno, por própria iniciativa, um pedestal à honestidade do proceder.

A soberba, convém lembrar, não tem guarida nas almas grandes nem nos espíritos fortes e bem equilibrados.

deficiência: Desasseio
antideficiência: Asseio

Ainda que esta deficiência aparente ser de ordem puramente física, sua origem é, entretanto, psicológica. Na maioria dos casos, além de responder a hábitos contraídos desde a meninice em meios familiares descuidados, ou à falta de um treinamento eficaz das aptidões durante os períodos da infância e juventude, esta deficiência tem às vezes origem nas grandes comoções que o sentimento experimenta em consequência de profundos padecimentos e desilusões, porque tais acontecimentos, quando o ser não é dono de si mesmo, facilmente o mergulham no abandono, que por sua vez é causa do desleixo e do desalinho, ou, numa palavra, do desasseio, que tanta repulsa nos produz.

Esta deficiência desconceitua quem cai sob seu rigor, e até os méritos que a pessoa possa ter noutros aspectos sofrem uma diminuição por essa mesma causa, ou não alcançam o grau de valorização que merecem.

O desasseio não implica, em todos os casos, uma desrespeitosa falta de preocupação do indivíduo para com seu ser físico. Quando, por exemplo, o descuido se evidencia na palavra, revela que não há limpeza na mente de quem fala, que seus pensamentos carecem de higiene mental,

principalmente quando quem assim se expressa busca, deliberada e insistentemente, a grosseria e o desalinho daqueles que afinam com suas preferências linguísticas. Quem usa de palavras que ferem a moral, como aquele que emprega termos que afetam a convivência, violentando as normas do trato em comum, ou ainda quem mente com a intenção de menosprezar ou difamar o semelhante, põem à mostra o império desta deficiência. Isso quer dizer que, em tal caso, a falha concerne ao ser moral, podendo afetar ao mesmo tempo a ambos, ou aparecer também em pessoas que, muito bem-apresentadas por fora, se mostram mental e moralmente desalinhadas.

A deficiência de que tratamos revela falta de escrúpulo, o que é de todo indesculpável na pessoa que tenha cultivado pelo menos em parte sua inteligência e seus sentimentos. Como pode um ser medianamente culto permanecer indiferente à impressão causada por seu deteriorado aspecto psicológico – venha ou não acompanhado da mesma deterioração em seu ser físico –, ou deixar de perceber o contraste que sua pessoa produz no ambiente que frequenta?

Há aqueles que creem que ocupar-se do espírito implica o abandono do ser físico, pois, segundo eles, este é um simples veículo que não exige maior atenção. Crasso erro. O cultivo do espírito desenvolve, precisamente, a consciência do asseio corporal e do vestir limpo e decente.

Sem que isso implique cair nos extremos, o asseio deve agir no ser integralmente, à maneira de detergente. Mas será preciso, claro está, que a antideficiência seja aplicada com a firme resolução de dar fim a esta falha que tanto

empobrece a figura do indivíduo, seja no aspecto físico, seja no moral e espiritual.

No que diz respeito ao ser interno, impõe-se uma esmerada preparação da mente, visto que esta, depois de acostumada ao desasseio, sentirá incômodo quando tiver de mover-se com cuidado para não incorrer em novos ou velhos descuidos. Sabido é quanto custa, a quem se habituou ao desalinho no vestir, passar a usar, de um momento para outro, roupas que o obriguem a guardar circunspecção e compostura.

Das reflexões anteriores surge claro este conselho: Sede asseados no vestir e no pensar, e haverá limpeza em vossa conduta.

deficiência: Falta de Memória

antideficiência: Memória consciente

Esta falha surge, às vezes, desde tenra idade, motivada pela dureza de entendimento e, mais frequentemente ainda, pela distração. As crianças são comumente distraídas e, em consequência, esquecidiças, defeito que vão corrigindo mediante as disciplinas do estudo e o cuidado que os maiores têm em fazê-las mudar de conduta. Em alguns

casos, todavia, a falta de memória persiste por fatores provenientes da herança[1], isto é, trata-se de uma falha psicológica que aparece porque não sofreu câmbio desde sua perspectiva anterior. Observa-se, em tais circunstâncias, frouxidão no exercício da memória, desatenção, acentuada aversão ao estudo.

A distração, assim como a **desatenção** – ausência mental e sensível por parte do ser diante de muitos dos motivos que o rodeiam ou se lhe oferecem –, justificável por certo na infância, é, em jovens e adultos, seriamente nociva, porquanto diminui as possibilidades no sentido de ampliar a própria capacidade com os aportes que, por via da atenção e do interesse, passam ao entendimento e, dali, à memória. Depois do episódio que se presencia, da explicação que ilustra ou da oportunidade de extrair um elemento útil e de proveito para o próprio saber, o esquecimento paira como uma densa névoa; e já sabemos quanto custa, depois, romper o cerco das limitações criadas pela falta de memória.

Na flexível idade da juventude, a memorização permite a muitos cumprir com assombrosa facilidade os programas instituídos para a capacitação intelectual e a formação da cultura. Mas, satisfeitas essas exigências, o domínio dos elementos que a memória reteve durante esse período decai, porque o estudante se habituou a usar a memória como instrumento de repetição, e não a compenetrar-se daquilo que estuda mediante o exercício consciente do ato de pensar.

[1] Ver *A Herança de Si Mesmo*, do autor.

Detenhamo-nos agora um instante sobre os que padecem de falta de memória por agirem maquinalmente, como robôs. Observar-se-á que essas pessoas se movem e atuam de forma não planejada, quase sempre em obediência à lei cíclica que lhes permite desempenhar uma função por simples repetição de movimentos, mas sem pensar no que realizam, e disso sempre resultam situações incômodas, transtornos, perdas de tempo, etc. Não controlam, como deveriam, suas determinações, e vão de um lado para outro, instadas por suas necessidades ou obrigações habituais, mas com a atenção ausente, seja porque alguma ideia atraente as subjugue, seja porque um pesar as invada, seja por se deixarem absorver habitualmente por qualquer circunstância relacionada com sua vida. Sucede a tais seres o mesmo que às crianças, que pensam e fazem muitas coisas sem se recordarem depois por que as pensaram ou fizeram. É aconselhável, pois, que se evite pensar e agir maquinalmente, já que isso expõe a perder o valioso concurso da faculdade de recordar.

Há pessoas que vivem sob a pressão de pensamentos que absorvem a maior parte de suas energias, pensamentos que, sem chegar a ser dominantes ou obsessivos, se impõem e até anulam temporariamente a faculdade de recordar. Tal é o caso dos pensamentos que levam ao **deleite dos sentidos**, entre os quais cabe incluir os da **ambição**. Produzem estes um efeito semelhante ao das preocupações, que tiram da faculdade da memória grande parte da sua eficácia, porque a pessoa circunscreve seu esforço mental ao

problema que lhe urge resolver e relega tudo o mais a segundo plano.

Ainda que pareça paradoxal, a ausência de memória pode ser consequência do muito uso que se tenha feito da faculdade de recordar. Os que carregam sobre si grandes responsabilidades: financistas, pesquisadores, homens de ciência ou de empresa, etc. – com tarefas que demandam um esforço intenso e continuado dessa faculdade –, frequentemente fazem com que sua memória se ressinta. A verdade é que, às vezes, se confia nela a tal extremo, que nem ao menos se procura aliviá-la com anotações parciais do que se exige que ela retenha. Sem dúvida, a falta de memória em tais casos não é temperamental, mas provém de alterações sofridas pela célula nervosa. A manutenção de um ritmo de atividade mental que force ao máximo a faculdade de recordar faz essa célula ressentir-se com o tempo, sobrevindo a falta de memória, pois não se observou uma medida prudente entre o esforço mental e o descanso anímico. A estafa é, com frequência, a culminação desse estado de esgotamento da célula cerebral, excessivamente sobrecarregada em suas funções. Regular o uso da memória, sem forçá-la em excesso na sua função retentiva, é, em parte, conservar sua plenitude. Convém ainda ter em conta que, à medida que se avança em idade, a memória não suporta o peso das recordações nela acumuladas.

Mas a importância da função da memória assume outros contornos, considerada do ponto de vista da evolução, na qual desempenha um papel relevante. Nela, impõe-se a memorização consciente, porque, não sendo assim, a pessoa se mantém em desconexão com sua própria vida, ou seja, o contrário do que o processo de evolução consciente promove. Isso fica mais bem entendido ao esclarecermos que a vida humana não se define tão somente pelo que se pensa ou se faz, mas sim pela totalidade de seu conteúdo, pelo que constitui o patrimônio integral do ser. Tudo o que hoje ingressa em nosso haver mental deve perdurar como elemento ativo, a fim de atender ao que faremos amanhã, do mesmo modo que o que ingressou ontem há de servir-nos de antecedente útil nos dias atuais. Mas seria sem dúvida uma pretensão desmedida querer manter vivo na memória tudo o que nos foi acontecendo no transcurso de nossa vida, assim como seria absurda a pretensão de recordar todas as coisas, grandes ou pequenas, que houvéssemos guardado ou acumulado ao longo de muitos anos numa casa. Certo é que, neste caso, se pode contar com o recurso de revolver tudo e até fazer um inventário, mas é outra coisa quando se trata do plano mental, e a própria faculdade de recordar se rebela ante o esforço frequentemente inútil que se vê forçada a realizar. Ninguém desconhece, por certo, o muito que às vezes custa atualizar algum assunto, pensamento ou fato em momentos

em que sua presença na mente é de todo necessária. Torna-se imponderável a importância que adquire neste caso a consciência, fator indispensável, capaz de auxiliar e mesmo suprir a memória em sua função retentiva.

Muitas pessoas recordam com assombrosa facilidade tudo quanto ingressa em suas mentes, por exaltação da faculdade da memória, mas há também aquelas que, sem contar com a mesma retentiva, as igualam em eficácia e as superam em fidelidade, utilizando conscientemente a memória e fixando na mente tudo o que se propõem. Interessa, porém, destacar aqui a importância que adquire a fixação consciente de todas as passagens ou acontecimentos da vida, já que, ao se adotar essa forma de proceder, os pensamentos, os atos e as palavras, em vez de flutuarem no espaço mental, penetram no mundo interno do ser, isto é, fixam-se na consciência, cuja missão é manter viva a recordação de todas as coisas que lhe são confiadas.

Para poder fixar na consciência a recordação do que se quer ter à disposição da vontade, é necessário que o motivo seja vivido intensamente; desse modo se gravará de forma indelével, tal como ocorre com as coisas que mais nos impressionaram ou mais vivo interesse despertaram em nós. Não cabe dúvida de que aquilo que comoveu com mais força nossa sensibilidade – tal como o que se observou, se escutou ou se leu com atenção – perdura na recordação. Convirá, pois, tanto aos que contam com uma considerável memória como aos que têm

essa faculdade reduzida, não confiar na simples função de memória para a evocação das coisas que amanhã desejariam recordar, sobretudo se tencionam ter em conta o que foi realizado em favor desse futuro que dia a dia se vai vivendo, até apagar-se a existência.

Dissemos antes que a vida deve ser abarcada pelo homem na totalidade de seu conteúdo, o que dá ideia do grau de participação que a consciência deve ter em tudo o que nos acontece, por ser a encarregada de arquivar as vivências que promovemos no transcurso de nossa vida, e a que haverá de nos propiciar o elemento útil e adequado às circunstâncias que o exigirem de nós.

O método logosófico mostra como se deve manejar a memória para neutralizar esta deficiência ou, mais claramente, como se deve manejar a faculdade de recordar, caso se queira que nada escape ao domínio consciente da memória.

Como atua o método logosófico? Prescrevendo que, quando for preciso recorrer às próprias vivências para facilitar o desenvolvimento de nosso ser interno, a faculdade da memória nos auxiliará com o elemento útil e proveitoso que nossa consciência, arca das recordações, porá ao nosso alcance. Compreender-se-á que, na busca de um fim de tal transcendência, não deverá preocupar o esquecimento de motivos que poderiam denominar-se acessórios, isto é, de pouca importância, pois o que precisa nos interessar particularmente é a retenção de elementos úteis e de valor positivo.

Adicionaremos, finalmente, que as imagens gravadas na retina mental com a participação da consciência raras vezes são esquecidas. Existem na vida humana passagens, fatos, condutas, fragmentos de existência, que tiveram a virtude de conceder-nos instantes de felicidade, alegria, paz ou ventura. Esquecê-los é enterrá-los no passado, como coisa morta. Tamanha ingratidão afeta, entretanto, essas partes da existência que, por serem inseparáveis da vida, reclamam sua recordação. Quando buscadas, convertem-se em estímulos poderosos; são como porções de vida fresca que, ao palpitarem em nós, reverdecem o ânimo e nos impulsionam para diante, enquanto nos inclinamos para saudar, com silencioso recolhimento, a magna obra da Criação.

Reiteramos que o método logosófico não só reduz os inconvenientes da falta de memória, mas também introduz na vida humana o recurso que faz da memória um instrumento inestimável e indispensável na realização do processo de evolução consciente.

deficiência: Presunção
antideficiência: Modéstia

Esta deficiência põe à mostra a superestimação da pessoa por parte de si mesma e a crença absurda de que é objeto de admiração entre seus semelhantes. Crença absurda, dizemos, porque é condição do presunçoso revestir-se de méritos imaginários.

O simples fato de viver à margem da realidade, por crer-se na posse de dons e aptidões que não tem, impede-o de alcançá-los. É por isso que, apesar de seu empenho em destacá-los, só consegue mostrar sua mediocridade, e, por isso também, aqueles que observam sua conduta experimentam a desagradável impressão que o insensato provoca ao embriagar-se com sua própria lisonja.

A honradez, a fidalguia, a simplicidade estão ausentes em quem se preza em demasia, circunstância que define a pobreza do conceito que se forja.

Esta deficiência fecha as portas mentais a todo conselho ou insinuação que tendam a corrigi-la. Salta à vista, portanto, que ela empobrece a vida moral e impede o melhoramento das aptidões, pois quem imagina possuir tudo carece de estímulos para alcançá-lo de verdade.

Cada um é livre para fixar o preço que julgue corresponder a seu próprio valor, mas deverá fazê-lo com rigor, com seriedade, não como faz o presunçoso, que tende a manter uma inflação permanente na cotação de sua pessoa. Entretanto, seu empenho é vão, pois, ao primeiro arranhão que sua inflada personalidade sofre, ele perde seus ares de suficiência, que escapam pelas frestas de sua infundada excelência.

Para livrar-se da escravidão a que esta deficiência submete, dever-se-á ensaiar tenazmente a técnica que aconselhamos usar contra toda deficiência, sendo imprescindível analisar em cada circunstância os motivos pueris que levam a fazer má figura ante os olhos dos demais.

Quão útil, conveniente e grato é para o homem adotar a modéstia, a simplicidade, a lhaneza, e, em vez de enganar-se crendo ser o que em verdade não é, oferecer a si mesmo a possibilidade de sê-lo, mas nunca para ostentação, senão como uma exigência da própria condição de ser racional e consciente.

O homem culto e seguro de seus merecimentos jamais os antepõe aos olhos de ninguém; ao contrário, dissimula-os.

deficiência: Necedade
antideficiência: Prudência

Característica inequívoca do néscio é seu prurido de contradizer e sustentar com teimosia o pouco que sabe ou sabe mal.

É um ser carente de luzes, incapaz de aprofundar uma ideia e confuso em seus pensamentos.

Além de ignorante, é um renitente discutidor e tem amor-próprio levado à saturação.

Pretendendo convencer, esgrime critérios que quase nunca lhe pertencem e cujos fundamentos nem sequer conhece.

Assim como é enganado facilmente mediante ponderação e lisonja, o néscio é sensível à menor insinuação ou atitude que roce seu amor-próprio. Isso faz com que interprete erroneamente palavras e intenções, o que, além de inflamar seu fátuo rubor, o leva a uma série de erros. Como consequência dos conflitos que por tal causa ele cria para si, mantém-se em constante prevenção, temeroso de que se pense ou se fale mal de sua pessoa.

Esta deficiência, como toda afecção psicológica que se deixa progredir, propende à cronicidade, razão pela

qual é importante detê-la no começo, o que está mais ao alcance de pais e educadores do que do próprio ser, pois nos referimos à idade em que este se acha em formação e pode ser defendido de qualquer propensão defeituosa em sua natureza.

Pois bem, como mostrar sua deficiência a quem só escuta a si mesmo, ou não entende o que é dito para seu bem, vangloriando-se até o ridículo com suas asas de cera? Como fazê-lo compreender que deve mudar seu modo de ser, se sua própria ignorância e presunção o impedem?

Não pretendemos tirá-lo de sua situação, mas sim evitar que quem não tenha iguais travas em seu entendimento atue às vezes como se as tivesse, negando a si mesmo a possibilidade de compreender e de atuar com sensatez e inteligência.

É de singular eficácia aplicar a tal comportamento a **prudência**, o que, se feito com pleno conhecimento do objetivo que se persegue, dará excelente resultado. Anotem-se as atuações que, por serem equivocadas, promovem desgosto e, caso se queira, faça-se um resumo diário delas. Logo se decidirá se convém continuar sofrendo por reincidir nelas, ou se é melhor adotar um comportamento mais reflexivo e judicioso.

Talvez tudo isso se faça com certa insegurança a princípio, mas, tão logo se observem os resultados e se experimente o efeito das atuações felizes, aumentará, em quem se tenha dedicado a essa tarefa, a decisão de não esquecer nunca esta antideficiência, para que influa permanentemente

sobre seus pensamentos e, em consequência, dentro do cenário de sua vida tudo seja uma demonstração da prudência com que se rege para moderar seus desatinos.

deficiência: Displicência
antideficiência: Expansão do ânimo

Talvez seja esta falha uma das mais benignas, embora imprima nos gestos, palavras e atitudes da pessoa uma modalidade pouco grata, que a define como descortês e insociável.

O displicente se compraz em adotar posturas desdenhosas e indiferentes. Seu trato não é aprazível, mais por desalinho de seus pensamentos – ora pessimistas, ora depreciativos – do que em consequência das circunstâncias que o rodeiam.

Seu humor é variável, com acentuada tendência ao desagrado. Raramente coincide com os estados plácidos ou alegres de seus semelhantes, aos quais já faz demasiada concessão quando compartilha com eles um momento grato.

Por seu modo de ser, mais artificioso do que natural, em muitos casos lhe é difícil introduzir melhoras em sua vida, já que as oportunidades de progresso se tornam esquivas ou se malogram por sua passividade ou inadvertência ante o obstáculo que sua própria deficiência lhe opõe.

O displicente tem de si um conceito que sua imaginação cuida de alimentar com os estímulos artificiais do autoafago.

Seu desdém cimenta-se na ilusão, com a qual convive preferentemente.

Esta deficiência deriva a miúdo dos inocentes desvarios da juventude. Os sonhos dourados que animam essa época da vida, unidos à inexperiência, influem manifestamente na formação de um complexo de superioridade que induz o ser a olhar os semelhantes por cima do ombro. Às vezes, sua presença mental não passa do grau de predisposição; outras vezes, acentua-se com os anos, por força de sua gravitação sobre o caráter.

O indivíduo manejado por esta deficiência não é feliz e, com frequência, deve sofrer o forte e instrutivo golpe da realidade, destinado a corrigir o rumo de seus pensamentos.

A **expansão do ânimo** surge aqui para contrapor-se aos efeitos nocivos da displicência, visto que, enquanto esta última faz com que a natural disposição para os desafogos da alma se contraia, aquela move a pessoa a ser ampla, comunicativa e generosa. Mas, para que o ânimo se manifeste livremente, será necessário sentir a vida com intensidade, experimentar a realidade do próprio existir. Então, florescerá o interesse não só pela vida da qual somos donos, mas também pela que vivem os demais, já que a dos outros costuma dar-nos elementos valiosos, os quais, além de enriquecerem nosso acervo pessoal, nos fazem consequentes com nossos semelhantes.

deficiência: Impaciência
antideficiência: Paciência Inteligente

Eis aqui um dos males psicológicos mais generalizados na atualidade. Em épocas anteriores, a vida humana corria sem as premências, as preocupações e as exigências do presente. Os trabalhos rurais, o artesanato e as próprias funções estatais, então tarefas correntes, eram desempenhados sem a pressão do tempo. O relógio, tortura do mundo atual, não inquietava o homem, cuja existência se desenvolvia sem as demandas da urgência. Cada homem e cada povo vivia, pois, a vida a seu modo, embora não tivesse consciência cabal da forma de fazê-lo.

Os progressos técnicos que depois sobrevieram, os conflitos trabalhistas, o declínio da moral e, finalmente, a luta pela existência deram origem às inúmeras complicações que agora perturbam a vida.

Com o crescente desenvolvimento material, cujos avanços estimulantes nos surpreendem a cada dia, cresceram também, é inegável, as dificuldades e problemas que hoje enfrentamos, os quais, ao superexcitar o ânimo do

homem, fazem com que ele caia irremediavelmente na impaciência. Em tal estado, qualquer demora ou inconveniente vinculado a preocupações ou responsabilidades fazem explodir o indivíduo, que a ninguém perdoa, e menos ainda ao causador do dano – causador verdadeiro ou suposto –, a quem atribui, é claro, tudo o que poderia advir em prejuízo de sua pessoa ou de seus interesses.

Hoje em dia, são poucos os que não experimentam os efeitos das mudanças ocorridas no mundo. Uns vivem angustiados pelo afã de não infringir nenhuma das tantas leis que regem a comunidade. Outros se veem acossados pelo problema econômico, da moradia ou do transporte. Os inconvenientes que surgem diariamente e as demoras suportadas sem pausa, com a consciência do tempo que se perde, aumentam, sem dúvida, o número de fatores molestos que incitam o ânimo e estimulam o impulso febril da urgência. Diante da mesa do funcionário indolente e despreocupado, qual pessoa, mesmo a considerada paciente, não explode durante a espera, excitada por sua ostentosa passividade? Seguramente se conseguiria mais, nesses casos, antecipando a ele estas palavras: "Disponho de tempo, senhor. Atenda-me quando puder", pois é comum encontrar no ânimo dos seres humanos certo prurido de fazer o contrário daquilo que lhes é pedido.

Inegavelmente, justifica-se que a impaciência se tenha convertido numa deficiência generalizada, que fustiga e

perturba o sistema nervoso do homem.

A impaciência adquire, frequentemente, caráter de obsessão. Quando atinge tal extremo, qualquer espera, por curta que seja, assume no impaciente perfis de tragédia. Supõe que tudo se conjurou para torturá-lo, só respirando com satisfação quando vence algum contratempo.

O impaciente é um escravo do tempo, desse tempo fantasmagórico que nada tem a ver com o autêntico, que tão frequentemente o homem dissipa em banalidades, justamente por desconhecer seu valor real.

Esta deficiência cria, artificialmente, a angústia do tempo e faz viver em permanente agitação interna, sismo mental que impede instituir dentro de si a calma. Quem a padece vive sob a pressão constante de pensamentos que o impelem a apressar tudo quanto pensa fazer ou faz – como se existissem para ele prazos peremptórios em todos os seus afazeres –, e o mantêm em aguda aflição durante o tempo em que seu interesse se acha pendente de algo: uma notícia, uma resposta importante, uma solução, etc.

Além do muito que sofre moral e fisicamente, o impaciente malogra muitas oportunidades, projetos ou ideias que, caso seguissem um processo normal, se teriam transformado em êxitos rotundos, como coroamento de esforços conduzidos inteligente e pacientemente.

Na verdade, custa muito ao impaciente entender que cada coisa requer seu tempo, assim como lhe é difícil

entender que aqueles que lhe prestam seu concurso, ou o secundam em seus esforços, nem sempre podem ou estão dispostos a seguir o ritmo que sua deficiência lhes pretende impor.

Que ganhamos sendo impacientes? Solucionaremos com isso o problema que as exigências desta deficiência nos criam? Formulemo-nos essas perguntas tantas vezes quantas experimentemos suas pressões e, seguramente, logo nos será fácil pôr em ação a antideficiência que corresponde aplicar, ou seja, a **paciência inteligente**[1], que lhe tirará força e finalmente a vencerá.

Ao dizermos paciência inteligente, referimo-nos à paciência ativa. Não à que induz a esperar passivamente, mas sim à que, além de infundir serenidade, torna o homem compreensivo, permitindo-lhe pensar com utilidade e proveito, como também estar atento a suas necessidades e deveres durante todo o tempo, curto ou longo, abrangido pela espera.

A paciência é uma das virtudes mais valiosas e também mais difíceis de alcançar. Todavia, sua posse não é impossível, caso seja seguido rigorosamente o processo de compreensão, adestramento e realização que a porá ao nosso alcance.

Aplique-se cada um ao cultivo desta virtude e saberá cumprir com satisfação o mandato da vida.

[1] Ver *Logosofia. Ciência e Método*, do autor.

deficiência: Debilidade
antideficiência: Fortaleza

A debilidade ou fraqueza é uma fonte tributária do instinto humano.

Integram-na pensamentos mimados, que relaxam o ânimo, a vontade, e afetam a capacidade vital e psicológica da pessoa.

É próprio desta deficiência ceder ante a menor pressão do instinto ou do pensamento sedutor que faz estragos na vontade e obriga a reincidir na prática de transgressões.

Provoca o enfraquecimento da fortaleza, manifestado na ausência de energia nas determinações do ânimo, que cede ou se dobra ante o obstáculo ou ante o vigor da resistência alheia, ou se revela impotente diante das paixões.

É interessante destacar como a razão, que deveria cumprir sempre sua função reitora no ser, é neutralizada e submetida à fascinante influência de uma debilidade, e até paralisada, toda vez que atinge o auge o deleite circunstancial para cuja manifestação deu motivo.

Há aqueles que consideram as debilidades como válvulas de escape do instinto. Daí que se intente com frequência sua defesa, cada qual justificando a forma que elas assumem

em sua vida. O consentimento comum as dissimula, atenuando em muitos casos sua ação negativa, como se faz com a criança mimada, cujas travessuras são permitidas.

A debilidade, que em todos os casos evidencia ausência de domínio mental, rouba ao indivíduo muito tempo e energia, sobretudo quando a deficiência se particulariza pela entrega total da pessoa às demandas do instinto, enchendo-se de vícios.

Damos à **fortaleza**, antideficiência que concorre para o seu desalojamento, o sentido de defesa, de reabilitação ou reconstituinte.

O fortalecimento da vontade – ou, melhor ainda, do querer do indivíduo – trará como repercussão lógica o ato inibitório de suas debilidades e, por conseguinte, sua gradual extinção. Esta antideficiência tem também a particularidade de atuar sobre outras deficiências, favorecendo seu processo de desintegração.

Naturalmente que se deverá instituí-la e **dar-lhe vida**, se se quer que cumpra com êxito sua finalidade; para isso, será preciso reunir com adequado critério todos os elementos que, afins com as nobres aspirações que se tenham, possibilitem essa extraordinária realização.

deficiência: Intrometimento
antideficiência: Circunspecção

Esta falha se denuncia quase sempre como hábito negativo, contraído na infância e robustecido com o tempo por uma educação precária.

Acusa falta de cultura e também de seriedade, mesmo quando a pessoa aparente o contrário.

O intrometido é um ser que deseja ardentemente, e só por curiosidade, saber o que pensam, dizem ou fazem os demais, e é particularmente afeito a exercer gratuitamente o papel de mexeriqueiro, crendo agradar ou agir bem.

Não tem geralmente maus sentimentos, mas deve sofrer com frequência a recriminação e o rechaço de seus semelhantes, como se os tivesse.

Com evidente superestimação de si mesmo ou de sua eficácia, supõe que um ou outro de seus conhecidos necessita de seu conselho para resolver ou superar dificuldades, e lá vai ele oferecê-lo, sem reparar que não lhe pediram tal coisa.

Não é lamentável ter que observar a falta de tino e de tato que pessoas desse tipo manifestam, ao se envolverem repetidamente em assuntos que não lhes dizem respeito?

O intrometido não percebe que com tal comportamento desmerece seu conceito, que sua palavra é escutada

com prevenção e que sua conduta, embora lhe pareça bem intencionada, choca os demais, que ficam com receio dele.

Como se faz com o maçante crônico, procura-se evitá-lo.

É sabido que o intrometimento e a indiscrição andam de braços dados. Os afetados pelo comportamento dos que adotam ambas as deficiências não são poucos, pois suas intervenções inoportunas acarretam um bom número de contratempos e complicações, e até são causa do malogro de planos e projetos em pleno desenvolvimento.

Tanto o que leva aos ouvidos de outrem uma palavra, um dado, uma notícia, sem a responsabilidade de quem sabe medir as consequências do que faz, como o que averigua o que não lhe compete, ou indiscretamente se introduz onde não é chamado, não somente causam a própria desdita, mas também enchem os outros de incômodos e prejuízos.

Para apreciar melhor a fealdade desta deficiência, convidamos a examiná-la nos demais. Observemos que impressão recebemos de uma pessoa que vemos imiscuir-se na vida alheia ou intervir no que os outros dizem ou fazem, sem que seja de sua conta. Evidentemente, a impressão não nos agrada. Que conceito pode, então, merecer de nós essa pessoa? Muito pobre, sem dúvida.

Depois dessa análise, transportemos a apreciação para nós mesmos. Não tardaremos em eliminar tal falha, se comprovamos que, levados por ela, enfeamos a conduta.

A **circunspecção**, aplicada com tato e acerto ao próprio discernimento, impedirá que – com a desculpa de oferecer atenção e ajuda, mas sem pensar se isso é oportuno – a deficiência resvale em qualquer possível descuido.

Bem entendida como antideficiência, a circunspecção atua em todos os casos como agente direto da inteligência, em sua função reguladora das atitudes humanas suscetíveis de alterar a eficiência do indivíduo.

deficiência: Indisciplina
antideficiência: Disciplina

A indisciplina se incuba no ânimo do ser auspiciada pelo instinto, em permanente rebeldia contra o ordenamento da vida imposto pela convivência humana para propiciar o desenvolvimento harmônico de suas atividades.

É esta uma falha que debilita consideravelmente os propósitos perseguidos, ou os entorpece, já que, em razão da habitual despreocupação que promove com respeito à ordem que a realização de todo empreendimento ou

projeto demanda, retarda sua consecução, dificultando-a e, em consequência, diminuindo o entusiasmo que provavelmente animou seu início.

Corrigir desde a infância a indisciplina, persuadindo a criança das vantagens de submeter-se a uma forma organizada de viver e induzindo-a aos bons hábitos, é cooperar na formação de um indivíduo socialmente apto e moralmente sadio. Crescerá protegida contra os desvios que ameaçam a juventude, desvios que fomentam a desordem e a negligência, tornando às vezes difícil sua recuperação.

A indisciplina dissocia as ideias, promovendo entre elas um forte antagonismo. Poder-se-ia dizer que a mente do indisciplinado é uma fortaleza cuja guarnição se acha em contínua rebeldia.

Aqueles que se encontram nesse estado confundem indisciplina com liberdade e, sob pretexto de defendê-la, não fazem caso das leis e normas que regem a vida civil, e até se vangloriam disso, pretendendo demonstrar, sem dúvida, que são donos absolutos de sua vontade.

Para eles, disciplina é a imagem da submissão. Em toda ideia de ordem veem um jugo. Todavia, se a aplicassem a si mesmos, ainda que em pequena escala, muito prontamente comprovariam seu valioso rendimento.

Em muito se beneficiará o indisciplinado se enxergar até que ponto a deficiência dificulta seus afazeres diários, visto que, quando ela governa, pouco vale ao indivíduo ser ativo, porquanto a indisciplina subtrai ao esforço grande parte de energia, fomenta a irregularidade na ação, a

descontinuidade, a sobrecarga de trabalho, e tudo isso conspira contra a condução feliz do que se tem em mãos.

Poucas vezes a indisciplina atua sozinha. Geralmente se associam a ela a desobediência, a inadaptabilidade, a negligência, a indiferença, a distração, etc. No melhor dos casos, acusa tão só falta de domínio, de empenho e ainda de capacidade para regular a própria diligência e torná-la mais ágil, produtiva e estimulante.

Seja como for, tenha-se sempre presente que a indisciplina, com seus fascinantes argumentos, faz perder muito tempo. Justamente o que poderia servir para introduzir na vida a ordem que lhe falta, com os melhores resultados.

Há duas classes de disciplina aplicáveis a esta deficiência: a rígida e a elástica. Disciplina **rígida** é a que se cumpre ao pé da letra, sem admitir circunstâncias capazes de fazer variar as causas que deram origem a esta ou àquela norma, afazer ou conduta. Disciplina **elástica** é a que cada qual aplica com suavidade e firmeza a seu modo de ser, até acostumar a vida a um ritmo regular e duradouro. Nós optamos pela última.

A nosso juízo, o indisciplinado o é, antes de mais nada, em seus próprios pensamentos. É aí onde se há de estabelecer a **disciplina**; é aí onde se há de pôr ordem. O esforço em tal sentido não fatiga, se for levado em conta o bem que se persegue; no máximo, a sensação de impotência que se segue aos primeiros ensaios desconcertará um pouco. Em tal circunstância, aconselhamos não

esquecer que a chave está em não interromper a aplicação de nosso método, a fim de que a antideficiência suplante em breve a falha.

A Logosofia, que a tudo transforma em fértil e proveitoso, não dá lugar à indisciplina no campo de aplicação prática de seu ensinamento. O processo de evolução consciente a debilita de tal modo que, finalmente, ela desaparece.

DEFICIÊNCIA: Aspereza

ANTIDEFICIÊNCIA: Afabilidade

É esta uma falha temperamental que faz a sensibilidade contrair-se, sufocando os sentimentos.

Se o indivíduo se abandona a ela, converte-se num maníaco encerrado no estreito círculo de sua própria inclemência mental.

"Ele não pode com seu gênio", costuma-se dizer para desculpá-lo. E nós perguntamos: não tem inteligência e vontade para lutar contra esta insociável deficiência?

A aspereza torna o caráter acre e sombrio; impele ao isolamento. O ser evita o contato com seus semelhantes,

e estes, o seu, porque a ninguém agrada uma modalidade áspera e pouco amistosa. Seja no lar junto aos seus, seja fora dele, sua atitude, oposta a toda demonstração jovial ou afetuosa, provoca rechaço, pois sua presença é sempre recebida com escassas mostras de satisfação. Não é difícil que o áspero, tão maldotado no que diz respeito ao caráter, conte com méritos pessoais, isto é, capacidade para o estudo ou para o trabalho, conduta honesta, responsabilidade, etc. Mas sua companhia, pela própria índole de suas atitudes, sempre cambiantes, é motivo de incômodo e preocupação para os demais.

Pensamentos de bom humor, de tolerância e alegria exercem ponderável influência sobre a aspereza, terminando por suavizar as agudas arestas do temperamento. Deixar que eles saturem o ânimo é propiciar o abrandamento de um defeito que impede degustar as bondades que o sentimento nos oferece. Mas, como vai conseguir a permanência de tais pensamentos em sua mente quem vive aferrado a outros de natureza tão oposta? Como vai cultivar a antideficiência, capaz de acabar com esta falha, quem se comporta de forma totalmente contrária?

Quem quiser deixar de ser áspero encontrará em nosso método precisas indicações para realizar sua aspiração. Seguindo-as com juízo, elas o ajudarão a desarraigar a modalidade que aflige seu ser moral e psicológico.

De muito bom grado aconselharíamos, a quem se decidisse por essa tarefa, colocar no bolso um pesado medalhão de chumbo, numa de cujas faces se lesse a palavra "áspero". O incômodo lastro, acompanhando-o por todas

as partes, seguramente lhe recordaria a cada instante a deficiência que leva sobre as costas, despertando-lhe o desejo de tirá-la de cima de si quanto antes. Naturalmente, pode-se evitar tal procedimento, desde que se consiga o mesmo fim ao conservar em sua mente a imagem do medalhão, unida à sensação de incômodo que a aspereza lhe ocasiona. Caso ponha empenho nisso, poderá muito prontamente aliviar sua carga, e a **afabilidade** lhe permitirá, ao modificar seu caráter, sentir e desfrutar as vantagens da mudança. Vale a pena fazer a experiência.

DEFICIÊNCIA: Egoísmo

ANTIDEFICIÊNCIA: Desprendimento

O egoísmo é uma deficiência cujas raízes remontam a idades primitivas, quando os homens, em permanente luta contra o rigor do meio, atendiam tão somente a sua defesa e conservação. É, pois, uma deficiência intimamente relacionada com o instinto de conservação, despertado no indivíduo por imperiosa necessidade da vida. Daí que a vejamos aparecer, quase sem exceção, desde tenra idade.

O egoísmo não é sentimento, como se costuma admitir, nem mesmo supondo ter ele uma origem bastarda.

Prova concludente disso é que o egoísta luta com frequência com seus próprios sentimentos, quando, em determinadas circunstâncias, estes pretendem abrandar-lhe o coração, endurecido, precisamente, pelo domínio que o instinto exerce sobre ele.

Quando a cobiça sacia o egoísta com a satisfação de seus apetites materiais, limitados ao exclusivo prazer pessoal, ele parece acalmar a mesquinhez que o consome; sua mente, porém, está sempre alerta para resguardar seus interesses contra qualquer eventualidade.

A pessoa egoísta nega a incumbência do espírito na vida humana e resiste a toda ideia a respeito de sua função reitora no destino do homem. A simples menção de Deus, quando tem por finalidade abrandar seu egoísmo, parece transtornar-lhe o juízo – prova muito evidente de que esta deficiência é produto inveterado do instinto, último dos moirões humanos afins com a animalidade, que sugere quão necessário é trocar os estados inferiores pelos de natureza elevada.

O egoísmo fecha de tal modo os ouvidos do entendimento, que não permite ao homem compreender a inexorável e dura lição repetida em todo o tempo e idade, isto é, que o acúmulo de bens exclusivamente materiais agrava a transição que se verifica nele ao cessar a vida; que o espírito nada leva deste mundo, quando, ao abandoná-lo, o ser oferece ao juízo de sua própria herança existencial um tão injustificável espetáculo de pobreza[1].

[1] Ver *A Herança de Si Mesmo*, do autor.

Esta deficiência corrói os sentimentos. Quando estes e a sensibilidade se acham afetados por ela, de fato se produz no egoísta uma anormalidade, um desequilíbrio, uma multiplicação de desejos que jamais se satisfazem, ou só se satisfazem em parte.

Se cada um vigiasse seus pensamentos com o propósito de verificar se está livre desta deficiência, é quase certo que surpreenderia pelo menos algum vestígio dela, pois poucos são os que não levam consigo alguma partícula egoísta. Encontrando-se numa festa, por exemplo, poderá cada qual identificá-la no desejo ambicioso que acaso experimente de ser o mais admirado, ou o que mais se destaque; ou talvez a veja presente em outro momento da vida, ao sentir dentro de si a força que se opõe a algum gesto desinteressado, ou ao conter a tempo, no caso de se achar diante de uma apetitosa mesa, o impulso de escolher o melhor bocado.

O egoísta põe o preço mais baixo em tudo, pois crê que a vida é um comércio, onde aquele que escamoteia com habilidade os valores que anseia para si tira mais vantagens.

Em contraposição às almas grandes, que são de todo generosas, as almas pequenas são egoístas, insignificantes e privadas do respeito que aquelas que dão mostras de desprendimento inspiram.

Esta falha opõe tenaz resistência à evolução consciente e obscurece muito o caminho do conhecimento de si mesmo.

É possível que alguém se pergunte, e não com pouco ceticismo, por qual brecha mental poderia penetrar no egoísta o pensamento construtivo, capaz de se contrapor à sua deficiência. Certamente, não se concebe mudança favorável em quem se endureceu sob a influência do egoísmo, mas isso não deve ser tido como impossível naqueles que, a tempo de reverem sua situação, possam sentir-se dispostos a abandonar seus erros, aguilhoados por alguma aspiração cuja nobreza os tenha conquistado. Sem dúvida, o altruísmo age como clarificador de ideias e conceitos obscurecidos pelo egoísmo.

O ensinamento logosófico, pródigo por excelência, convida o egoísta a comportar-se à altura de seu generoso esforço. Se o tem em conta, pouco a pouco os primeiros sintomas do desprendimento começarão a manifestar-se nele, e a antideficiência poderá desalojar, definitivamente, tão incômodo e mesquinho hóspede.

deficiência: Desordem
antideficiência: Ordem

Indubitavelmente, existe no desordenado uma visível resistência a tudo o que implique sujeição a uma ordem, a um método. Pretende que a disposição sistemática das coisas o tiraniza e priva da liberdade de fazer tudo quanto lhe apraz. É tal o fundo negativo da deficiência, que o ser parece experimentar prazer em tudo desarranjar e tirar do lugar.

O desordenado desconhece, não estima o valor nem as vantagens de manter o local destinado a cada peça do vestuário ou objeto a cujo uso deverá recorrer cotidianamente, e tal descuido reduz, é lógico, seu tempo, transtornando muitos de seus movimentos e empenhos.

A desordem se associa comumente à **negligência**, por concorrerem ambas ao mesmo fim.

Ocorre com muita frequência ser o desordenado uma pessoa credora de estima na atividade que desempenha, permanecendo, não obstante, alheia ao contraste oferecido pelo abandono em que vive, quando alguém tem oportunidade de apreciá-lo.

Assinalamos, como raiz desta deficiência, a desordem que por força existe no interior de quem cedeu à sua influência; de quem ignora ou parece ignorar que a organização da vida,

nas tarefas rotineiras e detalhes concernentes à esfera privada de cada um, deve ser preocupação inevitável. Não seria demais dizer que quem se encontra em tal estado tem de haver carecido em sua infância e em sua juventude de uma assistência que lhe imprimisse hábitos de ordem, coisa de todo necessária como base de uma vida organizada.

Opõe-se ao avanço desta deficiência – e, mais ainda, contribui para o seu desaparecimento – estabelecer gradualmente a ordem que, como dizíamos, falta dentro da mente, começando pelo adestramento das faculdades da inteligência, em particular a de pensar. Com a prática metódica de tal atividade, ordenam-se os movimentos mentais que põem em execução os projetos traçados para alcançar o propósito que se persegue, e para isso se fará uma prévia averiguação, tal como indicamos em outra parte deste livro, dos pensamentos que se tenham na mente: quais servem a um propósito e quais não, ajudando os melhores a cumprir seu papel. Qualquer outra conduta fará perder o tempo em prejuízo próprio, e a desordem, mesmo que se atenue, continuará existindo, com risco de tornar-se crônica.

É esta uma tarefa que dificilmente uma pessoa qualquer, sem o auxílio dos conhecimentos logosóficos, poderá executar, pela simples razão de que não tem a seu alcance nenhum método semelhante que lhe permita avaliar a própria realidade, da qual está alheia. Quantos são, por exemplo, os que pensam que o que está acumulado em sua

mente pode não ter toda a utilidade que lhe atribuem? Quantos os que já ordenaram seus pensamentos, de modo a se servirem deles sem que sejam obstáculo aos fins deste ou daquele projeto ou conduta a seguir?

A concepção logosófica da ordem implica ductilidade naquilo que à própria ordem diz respeito. Entenda-se, porém, que nos referimos à ordem mental, que cumpre um objetivo muito útil, porque abrange tudo o que se relaciona com a vida do ser.

A disposição inteligente e cuidadosa das coisas externas há de responder, pois, à ordem estabelecida dentro da mente, ou ser sua consequência, ficando com isso evidenciado que deve existir uma correspondência entre a ordem externa e a interna. Dessa maneira, a pessoa se preservará da tirania que seus pensamentos exercem, ao submetê-la a uma conduta da qual não pode se safar.

Tenha-se presente que, para aplicar a esta falha a antideficiência que corresponde, impõe-se haver comprovado por si mesmo que, efetivamente, a desordem impera no âmbito mental da própria vida; uma desordem que poderia, em muitos casos, não impedir o normal desenvolvimento das atividades ou afazeres diários, mas que nem por isso deixará de afetar sensivelmente um ou outro dos propósitos ou aspirações que se tenham.

Quando a vida não segue um ordenamento ágil, forjado no saber e na experiência, perde o grande incentivo da **segurança**, que tanto anima a vontade do ser.

A capacitação gradual da inteligência incita a manter uma ordem natural e lógica em tudo o que concerne ou se vincula à própria vida, uma ordem que o indisciplinado desdenha, pretendendo que tudo se ajuste à sua modalidade.

Pôr ordem nos pensamentos, na vida, em tudo o que depende de nós e nos pertence, deve ser um imperativo da consciência.

deficiência: Brusquidão
antideficiência: Suavidade

A brusquidão nos define uma pessoa cujos gestos, palavras e atitudes sofrem repentinas variações, pelo súbito aparecimento de impulsos sobre os quais ela não tem governo.

É própria de temperamentos inquietos, impacientes e violentos, e assume suas formas mais ingratas naqueles que, por falta de cultura, não conseguiram limar as asperezas de seu caráter.

Exterioriza-se, com as consequentes saídas de tom, diante de contrariedades, incômodos ou desgostos ocasionados voluntária ou involuntariamente por terceiros, e também se exterioriza por meio de rápidas e inesperadas

determinações, que causam surpresa e perturbação naqueles que rodeiam o afetado.

As pessoas bruscas, apesar de sua deficiência, podem ser afetivas e cordiais e contar com muito boas qualidades morais. A eliminação desta falha não será em tais casos difícil, sobretudo se a pessoa já se deu conta de quão penosas costumam ser suas consequências, tanto para a vida própria como para a de suas relações, afetadas ambas por seus efeitos.

Com uma pessoa de modalidades e atitudes bruscas é sumamente difícil conviver em harmonia, a não ser que se conte com uma boa dose de benevolência e tolerância. Eis aí uma razão poderosa para modificar a conduta, poupando a familiares e amigos a ingrata surpresa dos repentes que perturbam e alteram o bom entendimento.

Embora apontemos como antideficiência a **suavidade**, que é sua oponente mais apropriada, isso não implica precisamente que por si só ela aja como antídoto. Tal como acontece com as demais deficiências, quem aspira a corrigi-la deve prestar especial atenção a seus pensamentos e, se tem consciência de sua brusquidão, trate no possível de ser suave, freando a tempo todo impulso contrário.

Projete sobre sua tela mental a imagem de um ser dominado por uma falha semelhante à sua. Imagine-o em seus gestos e movimentos bruscos, em suas inesperadas explosões, em suas atitudes impróprias, e veja-se a si mesmo em toda a sua rudeza. Ensaie isso o tempo que o

desaparecimento da deficiência exigir, enquanto oferece à suavidade seus melhores empenhos, para que ela caracterize daí por diante seu modo de ser.

deficiência: Intemperança
antideficiência: Continência

Pelo fato de a intemperança sugerir falta de moderação, não é possível subtrair o pensamento à imagem do exagerado e extremoso.

Enquadrada esta deficiência na figura descrita, e tendo em conta que o intemperante é um indivíduo sem medida para controlar e regular seus apetites passionais, é fácil descobrir sua ação sobre os seres, ilustrados ou incultos.

A intemperança se revela toda vez que se manifesta um estado psíquico anormal. Transforma o ser num autômato, incapaz de enfrentar ou anular sua influência perniciosa. Quem a suporta carece de governo sobre seus atos, aos quais falta a ética que a convivência normal entre os seres humanos reclama.

Esta deficiência atua sobre a razão e outras faculdades de ação igualmente moderadora, provocando nelas um efeito paralisante. Implica por tal motivo um sério entorpecimento

para o livre jogo da vida interna do ser e é, ao mesmo tempo, causa dos dissabores e dos deprimentes estados de ânimo que se seguem a todo excesso, a todo exagero, pois quando a deficiência cessa em suas demandas a pessoa se acha livre para refletir sobre o mesquinho saldo deixado por suas dissipações.

Quando de verdade se quer vencer uma deficiência, o conveniente é empregar o recurso que tornará efetivo esse propósito. Neste caso, deve-se apelar para a **continência**, que age prontamente sobre a intemperança, moderando seus excessos. Mas não basta recordar com frequência que não se quer ser por mais tempo intemperante; é preciso unir a isso a **vontade** de substituí-la pela continência, praticando-a sem titubeios, até reduzir essa manifestação irreflexiva na conduta dos seres.

deficiência: Indiferença
antideficiência: Interesse

A indiferença provoca um **absentismo** mental e sensível que impede a pessoa de perceber, a respeito das coisas, circunstâncias e seres que a rodeiam, a atração ou interesse que aqueles que se acham livres desta falha experimentam.

Na maioria dos casos, por detrás da indiferença se oculta a imagem da **desconformidade**. Fracassos, decepções, perdas irreparáveis, reveses de fortuna, aspirações insatisfeitas – quantas vezes porque a ambição ou a imaginação inspirou os mais audazes projetos –, costumam prostrar na indiferença, mal psicológico que adormece o ânimo, submergindo o ser em tal passividade que chega a não lhe importar nada de quanto lhe acontece, bom ou mau, triste ou alegre, e ainda afasta de sua preocupação o futuro de filhos, esposa e demais seres queridos.

Às vezes, a indiferença é mais aparente que real. Riquezas, joias, viagens, posições destacadas, enfim, tudo quanto o ser supõe irrealizável ou difícil de alcançar, pareceria carecer de interesse ou não existir para ele, mesmo quando subsista, lá no mais recôndito de sua alma, não frustrada ainda, a ressonância de uma comoção sensível ante a existência de tais bens.

A indiferença assume em certos casos características suicidas. Isso ocorre quando afeta a saúde, que se desatende ou se descuida com menosprezo da própria vida. Outras vezes, acusa falta de sentimentos humanitários; referimo-nos aos que, podendo fazer o bem, passam de longe pela miséria, pela necessidade ou dor alheias.

Quando o estado de ânimo que particulariza esta deficiência se aguça, é porque se perderam ou faltam os estímulos que promovem a **atração**.

Quem se der plena conta de semelhante norma compreenderá quão eficaz e benéfica lhe será a aplicação da

antideficiência, ou seja, o **interesse**, precedido por novos e poderosos estímulos.

A vida não deve ser indiferente a nada. A morte, sim, é indiferente a tudo, e a frialdade da indiferença se assemelha eloquentemente ao mutismo da tumba.

Será necessário, pois, voltar a sentir o grato palpitar da vida; senti-lo não só dentro de si, senão também por tudo o que a alma percebe como nobre e bom.

Um tal propósito será sem dúvida ajudado pela seguinte reflexão: "A indiferença que me acossa, como todas as deficiências, me indica falta de realização interna. Já que me encontro no mundo, onde convivo com meus semelhantes, devo acostumar-me a não ser indiferente a nada. Tudo deverá interessar-me na medida em que minha inteligência seja capaz de valorizar cada fato ou coisa que se relacione direta ou indiretamente com minha vida. Não devo, pois, manter-me estranho a nada do que acontece na humanidade, porque a humanidade também está no mundo."

Diremos por último que o conhecimento causal ou logosófico, que transcende todo o conhecido em virtude de sua particularíssima função criadora e instrutiva, ajuda na recuperação total, pois desperta o interesse e induz a buscar incentivos em tudo o que de uma forma ou de outra pode ser útil, agradável ou benéfico.

Quando a indiferença cai vencida mortalmente pela nobre espada do conhecimento, após ele surge o incentivo, a boa vontade, o querer; com isso, a vida se

enche de encantos e a alma abandona, finalmente, sua letal indiferença.

deficiência: Cobiça
antideficiência: Honestidade

Já se disse, e com razão, que a cobiça é insaciável. A observação demonstra, por sua vez, que ela inferioriza as qualidades e condições do ser.

Consideramo-la como uma das deficiências mais negativas e perturbadoras, porquanto desvia a capacidade de criação da inteligência, alterando constantemente o exercício de suas faculdades e das do sistema sensível, já que o cobiçoso as põe ao exclusivo serviço de seus afãs de lucro e posse, único fim de sua vida.

Na verdade, esta deficiência provém de uma obstinada desconformidade, que açula os sentidos para um desejar contínuo de coisas, mesmo daquelas que estão muito distantes das próprias possibilidades e, portanto, fora de alcance. Esta última circunstância, longe de persuadir a pessoa da conveniência de abandonar seu ambicioso afã, buscando no esforço sensato a medida que regule seus desejos de ganho, precipita-a numa ação ainda mais veemente e insaciável.

A cobiça é uma comichão, um prurido psicológico que o afetado em nenhum momento trata de anular; ao contrário disso, ele o mantém, pois lhe causa um prazer – mórbido, entenda-se. Como pensamento enquistado que é, influi poderosamente no ânimo do ser, o qual, para acalmar sua repetida incitação, se lança obstinado em busca de maiores bens ou de novas e alucinantes posses, sem titubear no que arrisca.

Entre os cobiçosos, observa-se o caso daquele que deseja com ardor o alheio, sem consegui-lo nunca. É assim que surge o ressentido com a própria sorte, e também com o destino, ao qual acusa de favorecer em excesso os demais, deixando-o de lado.

Muito frequentemente a cobiça convive com a inveja, sendo então maiores seus estragos. A vítima desse conúbio psíquico experimenta com singular violência suas incitações, atormentando permanentemente sua vida com a visão do bem ou da riqueza de outros.

Quando a cobiça já alcançou os limites da obsessão, a vida mesma é absorvida por ela. Tanto as faculdades da inteligência como a vontade ficam então praticamente anuladas. Compreender-se-á quão difícil é a rea - bilitação de quem permitiu à cobiça assenhorear-se de tais prendas.

Esta deficiência, ao **viciar** as faculdades da inteligência e da sensibilidade, passa a exercer, como já dissemos, pleno domínio sobre a vida, vendo-se por essa causa que ela aparece, em inumeráveis casos, como principal instigadora

de atos delituosos: espoliações, fraudes, furtos, violências.

Certamente, aqueles que já chegaram à obsessão não haverão de ser os que busquem nestas páginas elementos para sua recuperação, mas sim aqueles que, menos afetados e conscientes do prejuízo pessoal, procuram livrar-se de suas acometidas. Fará bem a estes recordar que a vida humana não foi feita para amontoar riquezas materiais e, menos ainda, para envilecê-la com inspirações cobiçosas.

Se esta deficiência nos impulsiona a desejar aquilo que outros, mais favorecidos pela vida, conseguiram para si, oponhamos a tais instâncias o sentir honesto que modera as miras ambiciosas.

Só a **honestidade** poderá curar o extravio a que a cobiça conduz. Como antideficiência, deve agir com empenho e sem violência, procurando cada pessoa ampliar seu raio de ação psíquica e buscar, nas fontes do sentir e do pensar honestos, a força sustentadora que a fará prevalecer sobre tão defeituosa inclinação humana.

deficiência: Verborragia

antideficiência: Concisão

Próprio da pessoa que revela esta deficiência é falar em excesso, sem um controle que lhe permita ajustar o uso da palavra às exigências do tempo e ao momento em que o faz.

Não considera as energias que malgasta nem o tempo que perde, e menos ainda considera o que faz os demais perderem, entre os quais, embora existam aqueles que o escutam de bom grado, não faltam os que dissimulam seu aborrecimento e seu incômodo, enquanto esperam que seu assunto se esgote, ou que o cansaço providencialmente o emudeça.

Eis aqui uma falha que deleita seu dono, o qual, além do prazer que experimenta ao dar livre curso à sua tagarelice de papagaio, escutando-se a si mesmo com incontida euforia, compraz-se com a admiração que desperta ou crê despertar em seu auditório.

O ruim para a correção desta deficiência é que quem a sofre não percebe seu engano, como não percebe o tanto que se prejudica e, menos ainda, os incômodos que ocasiona a seus amigos e a todos aqueles que ele aborrece com sua falação.

Quanto bem lhe faria inteirar-se de que as pessoas

ocupadas e ativas fogem dele, de que as sensatas e formais o evitam, e de que quem o aguentou uma vez não se dispõe de novo a ser sua vítima.

É condição do falador averiguar tudo, para ter sempre muito o que dizer quando a oportunidade se lhe apresentar; também é comum nele repetir muitas vezes a mesma coisa, esgotando a paciência de seu interlocutor, que, resignado, pensa como é possível alguém levar às costas semelhante calamidade, sem percebê-la.

A verborragia parece andar de braço dado com a ociosidade, porque quem muito fala não pode empregar seu tempo em fazer algo útil.

Acontece muitas vezes que esta deficiência afeta pessoas cujas obrigações exigem estar ativas, o que não as impede, todavia, de falar até pelos cotovelos, segundo seu costume, usando um tempo do qual não dispõem. Em consequência, o trabalho se atrasa e acumula, e depois vêm as lamentações de quem, por própria e exclusiva culpa, é vítima de situações que ele mesmo criou.

Vemos, pois, quantas qualidades apreciáveis faltam ao que tem esta deficiência, o que é muito de se lamentar quando se trata de alguma pessoa que goza, nos demais aspectos de sua vida, de uma boa e merecida reputação.

Quem quiser sobrepor-se a esta falha deve formular para si as seguintes perguntas: Minha conversa é útil? Serve em realidade para alguma coisa? Não ando abusando da paciência alheia? Não estarei malgastando o meu tempo e o dos demais?

Feito isso, recorra à **concisão** como antideficiência. Alertado por ela, procure falar menos e pensar mais, recordando que o excesso de palavras soa vazio, e que ninguém leva a sério a quem fala muito; se alguma vez diz algo importante, corre o risco de passar despercebido.

As palavras não devem ser esbanjadas, porque podem faltar quando for necessário que seu peso influa em alguma circunstância decisiva da vida.

deficiência: Rancor

antideficiência: Bondade

Definiremos o rancor como uma transpiração mental cujos tóxicos provocam um constante envenenamento psíquico.

Alimentada pelo instinto, esta deficiência adquire volume como pensamento obsessivo, condenando a pessoa a prolongada tortura.

O prisioneiro do rancor raramente guarda recordação dos fatos e coisas que o beneficiaram, dando-lhe satisfação e enchendo-o de alegria, mas se lembra, com ânimo sombrio, de todos os que lhe foram adversos. É

um ressentido, capaz de passar a vida alimentando esse repudiável pensamento de ódio, que corrói seus sentimentos, sem reparar que o mal que anseia para os outros se volta contra ele centuplicadamente, já que deve suportar as angústias de uma situação que às vezes termina tão somente com a morte.

O rancoroso não guarda gratidão para com ninguém, e ainda se estima credor de considerações pelos serviços que fez ou que presume ter feito. É comum que ele responda com seu mau sentir a qualquer atitude que não satisfaça, como pretende, às suas petições, e até negue ou menospreze o zelo daqueles que têm o propósito de servi-lo.

Incapaz de fechar os ouvidos às falsas razões que lhe assistem e o aconselham, descarrega seu rancor contra o semelhante, espreitando em silêncio e com dissimulada atitude a ocasião de retribuir o mal que a seu juízo lhe fizeram. Qualquer desgraça, qualquer contratempo que recaia sobre a pessoa que seja alvo de seu despeito, equivale para ele ao prazer que haveria de oferecer-lhe a própria vingança.

Esta deficiência recrudesce e se propaga nos âmbitos incultos da sociedade, ali onde a moral é vista com desprezo. Todavia, também se manifesta em esferas de maior nível. O certo é que sempre denuncia inferioridade moral e, mesmo quando seus traços não estejam acentuados, desqualifica invariavelmente a quem se deixa arrastar por sua influência.

Já dissemos que o rancoroso busca sempre consumar sua intenção, e o faz prejudicando de algum modo aquele que, com ou sem motivo, provocou seu ressentimento. Isso prova

a fixidez do pensamento que define a deficiência, pois não admite, enquanto persegue seu objetivo, a intervenção do sentimento, ao qual afeta por lesar a sensibilidade.

Se ainda se está a tempo de corrigir esta deficiência, aconselhamos opor a ela a **bondade** ou, o que é a mesma coisa, deixar que se manifeste o sentimento com plenitude diante de tudo o que é belo e grato aos olhos da sensibilidade.

O bom sentir fará desaparecer os efeitos do rancor só de pensarmos que é preferível ser credor, e não devedor, ou seja, fará com que experimentemos a sensação feliz de nos sabermos seguros de não cometer aquelas faltas que antes censurávamos em nossos semelhantes.

Quem se entregar à tarefa de dominar esta deficiência transformará em oásis de paz seu inferno interior.

DEFICIÊNCIA: Descumprimento
ANTIDEFICIÊNCIA: Formalidade

Esta deficiência reflete um estado de ânimo especial, propenso ao descuido do dever, da palavra empenhada, do compromisso contraído. Em todos os casos implica não só

falta de responsabilidade, mas também de escrúpulo. É uma das tantas falhas da psicologia humana próprias do descuido na educação infantil, que persistem e se avolumam com o transcurso do tempo, por desconhecimento da vida e atividade dos pensamentos.

Trata-se de uma falha que atenta contra as ideias, propósitos e interesses do próprio ser, desde o momento em que, por sua causa, ele deixa de cumprir com muitos dos fins a que se propõe para seu bem.

Quem tem esta deficiência não poderá nunca conservar a confiança depositada nele por seus semelhantes; tampouco conseguirá inspirar respeito, pois não pode merecê-lo quem mostra não respeitar suas próprias determinações, sobretudo se é daqueles que, ao empenhar a palavra, não reparam no prejuízo que seu descumprimento pode ocasionar.

Para o descumpridor, é muito pouco conhecido o valor real das palavras em relação à força anímica que as alenta. Isso não significa que se tenha de ser escravo da palavra que se emite, mas sim que se deve honrá-la. Deve-se saber que há meios muito eficazes para conciliar situações, sem deixar por isso de gozar de absoluta liberdade. Tais meios são: a **prudência**, que recorda impedimentos pessoais e demais dificuldades para cumprir uma promessa; o **senso de medida,** que defende contra a imprevisão, evitando faltar à palavra diante de eventuais riscos; a **sensatez**, que propicia a exatidão na avaliação do motivo que cria a obrigação; etc.

Formalidade é a palavra de ordem, a virtude para conquistar a extinção desta deficiência. Mas não basta o

anelo de ser formal para combatê-la e liquidar com ela; faz falta uma boa dose de vontade para distanciar primeiro a repetição de suas manifestações, e eliminá-la depois totalmente.

Será preciso, é natural, manter-se atento ao pensamento que favorece as demonstrações do descumprimento e vigiar todo movimento mental tendente a dificultar o propósito concebido. O empenho inicial posto nele deve ser acompanhado da necessidade de sustentá-lo, para sentir o gozo proporcionado por esse traço de integridade que incorporamos a nosso conceito, no qual se espelha o que pensamos e somos capazes de realizar.

DEFICIÊNCIA: Veemência

ANTIDEFICIÊNCIA: Serenidade

Esta deficiência tem muito de paixão. Sob sua influência, a pessoa é impulsionada a atuar de maneira involuntária e irrefletida, sem domínio mental nem pessoal.

Geralmente, esta não tem tempo de elaborar acabadamente seus juízos ou suas decisões, pois isso lhe é impedido pela urgência que a leva a encarar assuntos que

excitam ou acaloram seu ânimo.

O homem veemente crê que pode suprir, com a aparente firmeza de seus arrebatos, a segurança de que carecem seus atos impensados.

É um ser volúvel por natureza. Sua própria irreflexão contribui para variar seus estados de ânimo, sujeitos à fogosidade ou ao entusiasmo que desejos e paixões exercem sobre ele.

Tal deficiência não nega ao ser a boa intenção que lhe possa assistir ao agir, mas é indubitável que ela amiúde entorpece, e até mesmo malogra, o bom propósito que o inspira, como acontece toda vez que palavras e ações são promovidas pela precipitação, pela violência ou pela impetuosidade. Não se deve esquecer, por outro lado, que o veemente se vê forçado a frequentes desafogos psíquicos para aquietar seus nervos e seu ânimo, razão pela qual seus arrebatos intempestivos com frequência causam surpresa.

Nas discussões, costuma apossar-se de tal forma das ideias que sustenta, ainda que às vezes não sejam suas, que até chega a assumir ares de autêntico fanático. Se lhe faltam razões, argui com frenética insistência e, para dar mais valor a suas afirmações, costuma apelar para dados falazes e citações apócrifas. É certo que em tais casos o quadro aparece complicado pela participação de outras deficiências que igualmente contribuem para cegar o entendimento, tais como a superestimação de si mesmo, a falta de cordura, a teimosia, etc. É portanto natural que, presa de

semelhantes calamidades, o ser se esqueça de que a palavra serena e espontânea, mesmo sendo simples, tem mais força e deixa sentir melhor as potências do pensamento e da ideia do que a palavra expressada com ardor e passionalidade, mas sem a solidez de uma convicção.

Quando a veemência domina uma pessoa que é também generosa ou simplesmente sentimentalista, costuma levá-la a extremos de prodigalidade que depois deverá lamentar. O mesmo ocorre toda vez que o entusiasmo e a fogosidade levam a ultrapassar os limites do discreto, do prudente e do que se ajusta a um proceder correto. Vale dizer que a veemência, ao se opor ao ato reflexivo, ao ato de pensar, anula também a moderação e o equilíbrio que deveriam caracterizar sempre as ações do homem.

Desarraigar a veemência é tão necessário ao veículo psicológico humano como o é, para o automóvel, a troca de uma peça defeituosa do motor. Em ambos os casos a marcha melhora.

Relembramos a nossos leitores a fórmula recomendada para a extinção da impulsividade[1], assegurando-lhes ao mesmo tempo que a veemência é um dos males caracterológicos mais fáceis de vencer, bastando tão somente apelar para o controle mental que, em forma progressiva, a Logosofia ensina a praticar conscientemente.

[1] Ver "Impulsividade", nesta obra.

deficiência: Intolerância
antideficiência: Tolerância

A intolerância fecha os caminhos da compreensão, ao mesmo tempo que os da sensibilidade, caminhos aos quais só têm acesso as almas que sabem de sua semelhança com as demais almas.

Manifesta-se no rigor com que a pessoa pretende que se cumpra ou execute o que ordena, seja por própria imposição, seja pela vigência de regulamentos ou disposições de cuja observância é responsável.

O intolerante é um ser rígido, duro, inflexível, aferrado a seu estreito critério, em cujo coração o afeto pelo semelhante é oprimido e até sufocado por sua inveterada falta de respeito às ideias, aos afazeres e ao comportamento alheios.

Incuba-se geralmente em outra deficiência, a **soberba**, da qual toma sua implacável dureza. Concorrem para intensificá-la uma excessiva superestimação de si mesmo e um excessivo consentimento às adulações recebidas daqueles que, sob pressão de autoridade ou privilégios concedidos, se sentem obrigados a fazê-las.

Em maior ou menor grau, o intolerante é sempre impiedoso, e o será enquanto os que devam sofrer seu rigor

estejam abaixo dele. Jamais a intolerância se manifesta para com os de cima, nem contra aqueles de quem se espera tirar partido, o que não impede ser intolerante nos juízos ou nas apreciações que sobre tais pessoas se fazem.

Nada poderia definir melhor esta deficiência do que a própria conduta do afetado, manifestada em sua cabal pobreza de espírito. As grandes almas jamais foram intolerantes, pois a grandeza é incompatível com a estreiteza mental dos que desconhecem as alturas e relevos morais nela configurados.

O intolerante cria em seu redor um ambiente hostil, que o impede de levar uma vida grata. Daí muitos de seus pesares; daí também a escassa simpatia com que conta.

Não foram poucas as vezes em que esta deficiência degenerou em perseguições sociais, políticas, religiosas e ideológicas, abrindo abismos profundos entre homens e povos.

É óbvio dizer aqui que não nos referimos às pequenas ou esporádicas manifestações de intolerância, fáceis de emendar por não serem peculiares do caráter, mas sim à deficiência ativa, ao extremo de quem a padece merecer o qualificativo com que é individualizado.

Contrapor-se-á a esta falha a **tolerância**, considerada por nós elemento indispensável à convivência harmônica.

De sua aplicação inteligente e equilibrada depende em boa parte o prestígio individual, pois quem respeita seu próximo é, por sua vez, respeitado, consideração da qual carecem os que fazem o contrário.

Para que não se desvirtue sua nobre função, a tolerância deve ser sempre construtiva. Portanto, não se deve esquecer que prodigá-la em demasia é tão nocivo como negá-la. Daí nosso axioma: A tolerância termina quando começa o abuso.

A tolerância está intimamente ligada à **paciência** – ambas se combinam na ação – e se apoia no respeito e na consideração ao proceder alheio.

Todo aquele que se sinta animado pelo anelo de abandonar sua deficiência deve procurar, pois, usar a paciência em cada ocasião propícia, porque o ajudará a manter e a cumprir o propósito de combatê-la. Terá também presente a deficiência em toda a sua fealdade e desamor, e consultará a própria sensibilidade sempre que precise pronunciar-se sobre o comportamento dos demais, ou seja obrigado a aplicar uma sanção.

Isso irá moderando no intolerante a conduta, até que, finalmente vencedor, poderá adicionar uma satisfação a mais às já conseguidas em seu trabalho de superação individual.

deficiência: Amor-Próprio
antideficiência: Modéstia

Esta deficiência resume o amor desmedido a si mesmo, um amor mil vezes maior, inquestionavelmente, pela personalidade, influenciada por tudo o que é material, do que pelo espírito, de cuja existência e função nunca se teve conhecimento exato.

Conduz o ser à egolatria, ao egocentrismo, e é causa constante de sua dificuldade de colocar-se bem onde quer que atue. Este pretende sempre para si o que nega aos demais. Esquece a lei de correspondência, que obriga à reciprocidade do amor, do respeito, da consideração e demais deveres entre os seres humanos, e busca, em troca, embriagar-se com os acentos da admiração que tributa a si mesmo.

Esta deficiência tem muito de passional e, por conseguinte, muito de instintivo. Fecha o entendimento humano às objeções da sensibilidade e fecha também, bruscamente, a comunicação do ser com sua consciência, que é posta de lado no último rincão de seu aposento interno.

O amor-próprio inferioriza o homem e dificulta nele toda elevação de propósitos. É talvez o fator mais prejudicial à individualidade, o que a escraviza com preconceitos que anulam sua evolução. É, noutras palavras, o inimigo

número um da pessoa humana, porque entorpece tudo quanto esta se propõe a fazer no sentido de seu aperfeiçoamento. O simples fato de exceder-se na apreciação do que se é, comprazendo-se no encarecimento da própria capacidade e possibilidades, é suficiente obstáculo para não se chegar jamais a ser o que se tenha pretendido ser.

Consideramos essencial, portanto, que a prodigalidade no conceito que o ser possa ter de si não tenha anulado sua razão, como costuma acontecer, impedindo-o de entender que o que conta não é o conceito que ele tenha forjado de si, senão o que os demais tenham conseguido forjar de sua pessoa.

Esta deficiência se acha estreitamente vinculada à suscetibilidade, à vaidade, à fatuidade, à petulância, à presunção, etc., de maneira que, quando se prepara o ânimo para enfrentá-la, há de se ter presente que é também necessário afastar-se de todas essas influências.

Ajustar-se à antideficiência que propomos, ou seja, à **modéstia**, implica afastar os males provenientes do amor-próprio, guardando um comportamento acorde com a realidade do ser.

Modéstia significa modo de ser singelo e equânime, significa linha de conduta traçada pelo próprio saber, em oposição a toda exteriorização de endeusamento pessoal.

Se tomássemos a pessoa humana tal qual ela é em sua ignorância, vê-la-íamos à semelhança de um recipiente – um cântaro, por exemplo – cheio de fumaça, cujo conteúdo, amor-próprio, é tanto que às vezes transborda. À

medida que consegue lançar dentro desse cântaro coisas de valor – conhecimentos, digamos –, estas ocupam o lugar que a fumaça inútil da deficiência vai deixando livre ao ser desalojada. Esses conhecimentos – referimo-nos aos que ingressam no patrimônio interno do ser, enriquecendo moral e espiritualmente sua vida – traduzem-se em modéstia, que é uma das virtudes que mais distinguem a pessoa de valor da que só vale em aparência.

Cabe-nos ainda acrescentar, já que isso haverá de reforçar a ação da antideficiência, que oposto ao amor-próprio se acha o verdadeiro amor ao ser real, ao ente despersonalizado que surge como entidade aperfeiçoável, ao ser que evolui e enobrece a vida, enquanto manifesta inapreciáveis qualidades de natureza superior. É um amor sem egoísmo, não limitado por paixão alguma. É o amor ao bem que o ser faz a si mesmo e ao semelhante. O amor ao ideal de perfeição, no qual concentra seus esforços e encaminha a vida. Finalmente, esse amor é o que se transforma em compreensão sublime de tudo o que o indivíduo é e pode chegar a ser em relação direta com a lei de evolução, que vigora para todos como supremo mandato do Criador.

deficiência: Teimosia
antideficiência: Docilidade

Por pouco que se observe e considere esta deficiência, ver-se-á que ela é própria de pessoas incultas, de compreensão limitada ou educação insuficiente. Apresenta-se sob a forma de obstrução mental, como se de repente o livre movimento dos recursos da inteligência ficasse travado.

Teimosia implica lentidão mental. Daí o aferramento da pessoa à ideia, pensamento ou opinião que, após fatigante esforço, conseguiu formar em sua mente. De nenhum modo mudaria de parecer ou de critério. Pensar num novo esforço mental a faz estremecer. Prefere entrincheirar-se atrás de sua convicção, ainda que seja errônea, protegendo-se tal como faz a toupeira na escuridão de sua cova.

Nem é preciso dizer que as faculdades da inteligência ficam inibidas por esta deficiência, desaproveitando-se seu inapreciável concurso quando se trata de determinar a bondade de um juízo, de uma opinião, de um conselho ou ideia.

Esta deficiência pode inabilitar toda uma vida e submetê-la a sofrimentos que o afetado jamais conseguirá neutralizar, se não se decidir a examiná-la e corrigi-la com consciência.

Aconselhamos aplicar contra ela a **docilidade**, recomendando ao mesmo tempo a antideficiência correspondente à aspereza.

Impõe-se com rigor dar um lugar de preferência na mente à lembrança de combater esta falha, sendo ao mesmo tempo de suma utilidade concentrar a atenção na necessidade de abrandar a dureza que ela imprime no caráter. Dessa forma, a antideficiência começará a influir sobre o ânimo, deixando sentir sua bondade.

Seu cultivo permite romper a limitação criada pela teimosia e assimilar prontamente a compreensão de situações que, aproveitadas a tempo pelo que sofre seus prejuízos, podem ser muito benéficas para sua vida, especialmente se essas situações têm o que ver com seu futuro.

A docilidade deve ser uma modalidade que preste construtivo serviço à maneira de viver de cada um, de acordo sempre – convém não esquecê-lo – com as expressões mais sensatas do pensar e sentir individual.

deficiência: Credulidade

antideficiência: Saber

Torna-se evidente esta deficiência na pessoa que dá crédito fácil a tudo quanto ouve, sem prevenir-se contra o erro ou a falsidade, e sem avaliar as consequências de aceitar tudo sem prévia participação do entendimento.

Obedece à falta de experiência no trato com as pessoas, como também ao pouco proveito extraído dessa experiência como moderadora dos excessos de confiança no próximo. É natural que seja comum nas pessoas simples e ingênuas, que tudo aceitam de boa-fé.

Seja qual for a causa que determina a credulidade, ela sempre acusa na pessoa a entrega submissa da mente à sugestão alheia.

Ocorre às vezes que uma pessoa assim, depois de cair nas múltiplas ciladas armadas para sua candidez, reage de tal maneira contra ela que abraça decididamente o extremo oposto, convertendo-se de repente no mais desconfiado dos seres, tanto que até perde as melhores oportunidades, justamente por recear quando menos deveria fazê-lo. Tudo isso é fruto da inconsciência, já que tal coisa não acontece a uma consciência ativa, que sabe

mobilizar a tempo os elementos de juízo requeridos pela razão quando vai comprometer, em sua totalidade ou em parte, o patrimônio físico, moral ou espiritual do ser a quem assiste.

Mediante a assimilação de conhecimentos de um potencial fora do comum, como os logosóficos, a mente humana estabelece defesas que a imunizam contra os inconvenientes desta deficiência. Tão logo a inteligência começa a enriquecer psicológica e espiritualmente a vida individual, aumentam os acertos e diminuem os erros. Nasce e afirma-se dentro do ser a confiança em si mesmo, e já não cai na credulidade, porque consulta invariavelmente o próprio juízo antes de aceitar o alheio; já não há perigo de cair na renúncia do próprio pensar, cedendo tão legítimo direito – como tantas vezes já ocorreu às vítimas desta deficiência – aos falcões da dialética social, política ou religiosa, os quais, deslumbrando as mentes com os voos da imaginação, agarram suas presas, já previamente escolhidas.

A credulidade põe em perigo a independência do ser. Eis aí a razão fundamental que nos assiste ao sustentar, como temos feito sempre, que o homem não deve crer, mas sim **saber**, pois somente a posse do conhecimento garante a liberdade própria e protege a vida contra toda intromissão estranha.

O saber é muito difícil de realizar. Exige empenho, sacrifício, estudo e experiência, mas a compensação que oferece é tão grande que, em podendo avaliá-la, ninguém deixará de tentar sua posse.

Não é necessário, por certo, chegar à sabedoria para eliminar a credulidade. Nada disso; bastará munir-se dos elementos que a Logosofia oferece para que o ser fortifique sua vulnerável psicologia e contraponha, à sedutora voz do engano, suas defesas mentais.

Desarraigar a credulidade por meio do saber é afastar para sempre um mal que os seres humanos têm padecido há séculos, por falta de uma sadia e construtiva orientação espiritual.

deficiência: Inconstância
antideficiência: Perseverança

Por sua índole temperamental, a inconstância está estreitamente ligada à falta de vontade. Oposta à constância, que pressupõe resolução inquebrantável, posterga e até malogra toda ideia, projeto ou plano que se tenha decidido levar à prática.

A inconstância se desenvolve nas mentes desorganizadas e acusa falta de responsabilidade. Submete a pessoa a uma permanente mudança, manifestada na facilidade com que interrompe sua dedicação a uma coisa para dedicar-se a outra, variando continuamente seus motivos de interesse.

Produto da inconsciência a respeito dos valores fundamentais da vida, esta deficiência revela falta de noção cabal sobre a importância que assume, para a própria existência, a continuidade em cada um dos processos que o ser põe em marcha ao longo dela. Ao interromper esses processos, o inconstante desaproveita o tempo, anula os esforços feitos e diminui a eficácia dos elementos que usou em cada oportunidade.

É sabido que aquilo que se começa hoje e se abandona amanhã conduz a estados psicológicos de permanente insatisfação. Esta deficiência não permite desfrutar situações estáveis, resultado de projetos levados até o fim. Não permite degustar a felicidade de um propósito perdurável, de uma ideia construtiva em vias de desenvolvimento, e ainda expõe a perder o que se tem.

A inconstância transtorna a vida, desunindo-a sem cessar. Entrecorta-a em múltiplos fragmentos, que depois o ser não pode unir ou une mal. Isso mantém sua vida vazia de conteúdos duradouros.

A **perseverança**, antideficiência cuja adoção irá imprimindo uma favorável mudança na modalidade de quem tem esta falha, é uma força que se radica na vontade e traduz uma postura ativa. Toda ideia, todo pensamento, ao manifestar-se na mente com vistas a projetar-se na realidade física, requer, necessariamente, o auspício dessa força para alcançar seu desenvolvimento e culminação.

O inconstante que leia estas linhas trate de recordar cada um dos fracassos a que foi levado por sua deficiência,

promotora de sua instabilidade, e então lhe será relativamente fácil compreender que a perseverança é o mais inestimável fator do existir em todas as ordens da vida, mais ainda na realização de seus altos desígnios.

A perseverança deverá, pois, substituir a inconstância, sempre que haja a certeza de que o objetivo pelo qual se perseve - ra seja alcançável e justifique todo esforço que por ele se faça.

A natureza e a própria vida nos dão um exemplo de perseverança, ao se realizarem ininterruptamente nelas os processos que fazem possível a existência universal e humana.

Toda obra exige coesão, continuidade, para conservar o viço e a força do pensamento que a inspirou.

A inconstância faz murchar o verdor dos estímulos que estão ligados ao esforço e ao tempo que se dedicam às esperanças e objetivos que formam o capital mais apreciável da vida.

DEFICIÊNCIA: Hipocrisia

ANTIDEFICIÊNCIA: Veracidade

A hipocrisia define uma pessoa cuja conduta se apoia no distorcido propósito de dissimular seu verdadeiro modo

de ser, revestindo-se de aparências quanto à qualidade de suas aptidões, sentimentos, intenções, etc.

O hipócrita é um ser que nunca diz o que pensa ou sente; melhor dizendo, não é veraz nem sincero. Maneja o embuste com habilidade, enquanto oculta o pensamento que o anima. Engana o semelhante em sua boa-fé, ao mesmo tempo que aparenta a mesma boa-fé que procura encontrar.

Mesmo que às vezes ele consiga muito em benefício próprio, nunca poderá edificar nada de permanente, tanto em amizades quanto em feitos importantes da vida.

Há seres tão tomados por esta deficiência que não concebem que se possa ser ou atuar de outra maneira. Desnecessário é dizer quão distante estão de poder emendar sua conduta; por essa causa, melhor que esperar sua reforma é informar-se sobre os detalhes de suas artimanhas, a fim de evitar seus enganos.

Esta deficiência às vezes se define desde tenra idade, por própria inclinação, anunciando-se como traço negativo da conformação psicológica do ser, e encontra um meio cômodo para seu desenvolvimento nos ambientes pouco depurados, onde sempre falta o bom exemplo.

A carência de conceitos claros sobre a conduta e a correção que a convivência impõe é sempre uma porta aberta à adoção de recursos como este, utilizados sem escrúpulo e em prejuízo do procedimento correto. A isso se deve, em boa parte, a presença desta falha, que se apodera do ser até dominá-lo totalmente, à medida que

ele, seduzido pelos resultados que obtém – sempre há algum desprevenido que cede à sugestão de sua palavra –, se exercita no fingimento de tudo aquilo que o faz parecer digno de estima ante os demais.

Felizmente, nem todos os que têm esta deficiência a evidenciam em seus aspectos e manifestações mais acentuados e nocivos. Em algumas pessoas, não é tampouco uma deficiência, senão mais propriamente um recurso que usam de vez em quando para granjear a simpatia ou o favor alheios.

Para enfrentar a experiência que se promoverá ao se decidir a substituir esta deficiência pela antideficiência que haverá de ocupar seu lugar, será necessário manter viva a atenção sobre todas as atuações, a fim de localizar aquelas em que a hipocrisia intervém. Além desta primeira norma introduzida na conduta, se praticará com frequência a **veracidade**, até alcançar suas manifestações naturais.

A antideficiência deverá ser empregada com a compreensão cabal de sua utilidade, e tendo sempre por objetivo o bem dos demais. Quem fizer isso logo se convencerá de que a hipocrisia deve ser decididamente abandonada, porquanto desmerece em grau máximo aquele que a põe em evidência, sendo, por conseguinte, imprópria de toda pessoa que anela ser melhor e constituir-se em fator de bem para seus semelhantes.

A veracidade impõe tão grande respeito pela palavra que se emite, que esta nunca poderá trair o pensar nem o

sentir de quem a pronuncia.

Recorde-se: uma deficiência tanto mais se debilita quanto menos ocasião lhe é dada de manifestar-se.

deficiência: Curiosidade
antideficiência: Circunspecção

A curiosidade deve sua manifestação a um impulso instintivo.

No homem primitivo, esse impulso era excitado pelos ruídos estranhos da selva, o rugido das feras, o canto dos pássaros, a chuva, os trovões, etc., e tudo isso o movia a investigar o que existia além de seus limites visuais. Desde então, essa rudimentar forma de excitar o entendimento, que levou os mais civilizados a desenvolver uma atividade mental sempre crescente em busca de novos e frutíferos descobrimentos, na maior parte das pessoas se foi acentuando de forma negativa, até converter-se em deficiência. Isso equivale a dizer que a maioria, em vez de superar aquele originário impulso instintivo, que tanto contribuiu para a subsistência do gênero humano na terra, serviu-se dele para satisfazer demandas ociosas de sua natureza,

farejando e averiguando tudo para acalmar os ardores de interesses passageiros e pueris.

Na criança, sempre à espreita de tudo quanto ocorre ao seu redor, reproduz-se em pequeno o mesmo processo seguido pelo gênero humano. O impulso instintivo aparece nela como meio natural de satisfazer a inata ansiedade de seu incipiente juízo. Quando é educada e instruída, esse meio natural de ativar seu entendimento fica sujeito às diretrizes da inteligência. Ao contrário, quando ela cresce sem disciplina nem método que a conduza pela via da compreensão até um grau de maior desenvolvimento, a necessidade de saber se desenvolve nela caprichosamente, amiúde em sentido oposto, ou se corrompe em razão dos estímulos que intervêm sem planejamento, sem medida e sem ordem em sua vida.

Eis aí de onde provém a curiosidade, modalidade negativa que mantém a pessoa sempre ávida de informação e atenta ao que menos deveria importar-lhe.

Em tal estado, o ser não inquire para obter um resultado útil ou benéfico para ele ou seus semelhantes, e a urgência que mostra em dissipar a expectativa de novas notícias que ocasionalmente lhe invadem o ânimo, não guarda nenhuma relação com o pouco que dura a sua repercussão, uma vez satisfeito esse afã.

Associam-se a esta deficiência a indiscrição e o intrometimento. O curioso é, com efeito, um ser indiscreto e intrometido, que vive pendente de tudo quanto se fala ou está ocorrendo ao seu redor, ainda que não lhe diga

respeito, e que, impulsionado por sua sede de informação, é capaz de lançar mão de qualquer recurso, sem contar se é de todo lícito ou honesto. Vigia um aqui, segue outro acolá, pergunta, investiga, escuta conversas, e com maior interesse ainda se forem reservadas. Na verdade, ocupa-se de todo o mundo, menos de si mesmo.

Quem não faz caso da presença da curiosidade em si, como é comum acontecer em relação a todo o negativo incrustado na modalidade própria, está longe de supor as vantagens de sua eliminação. É óbvio que só quem é consciente dos desserviços que recebe dela é capaz de avaliar a importância de abandoná-la.

A curiosidade é para a mente o que a comichão é para o corpo. Há um meio muito comum de acalmá-las, o qual em ambos os casos proporciona deleite, um efêmero deleite, porque depois tanto uma quanto a outra aparecem de novo, provando que não se destruiu a causa de onde cada uma provém.

Quando é a curiosidade o que preocupa, e se aspira a livrar-se dela, é preciso aplicar o recurso que permita dar fim a seus inoportunos chamados.

Opor-lhe a **circunspecção** é o que aconselhamos; entretanto, em que medida seremos capazes de promover sua substituição?

Antes de tentar tal coisa, convirá saber que a circunspecção impõe uma mudança, a qual consiste em passar do superficial ao profundo das coisas, do intranscendente ao importante e transcendente, da curiosidade ao interesse que

o fim procurado justifica. Também se terá em conta que ela influi sobre o entendimento, interessando-o em objetivos úteis e importantes, e também sobre o comportamento, que variará de maneira fundamental mediante a prudência que aconselha e a responsabilidade que desperta.

Após esse primeiro passo, deixar-se-á que a deficiência se manifeste quantas vezes queira, enquanto se pratica a circunspecção até convertê-la numa necessidade íntima, numa modalidade que haverá de proporcionar muitas satisfações. A deficiência terá, assim, menos oportunidades de se fazer presente, até desaparecer por inanição; e quando a curiosidade já não intervém naquilo que se pergunta ou se investiga, mas sim a inteligência, o ato de indagar responde a imperativos da consciência.

A consciência se ativa no cumprimento de processos de evolução superior, enquanto a inteligência, constituída em vigia permanente do homem, leva sua atenção a todos os campos férteis do mundo mental e físico, para enriquecer com suas observações a vida que o espírito alenta em todo ser humano.

deficiência: Fatuidade

antideficiência: Simplicidade

Esta deficiência se configura no ser falto de luzes, no de escasso entendimento, que pouco ou nada sabe, mas que se preza em demasia e ainda se atribui talento.

A fatuidade torna a pessoa presunçosa e leviana. Do pedestal em que se coloca, supõe que todos são carentes de aptidões para julgar os méritos que se arroga e, diante de quem quer que seja, adota ares muito acentuados de autossuficiência, os quais, em vez de lhe trazerem admiração, como pretende, lhe criam demérito.

É certo que já se nasce com inclinação a contrair esta deficiência, mas não se poderá negar que são muitos os pais que contribuem, desprevenidamente, para despertá-la em seus filhos, ao prodigar-lhes todo tipo de adulações e lisonjas.

Por suas pretensões e pelo avultado conceito que tem de si, o fátuo pode ser comparado a um indivíduo que, devendo fazer uma viagem de ônibus, pretende não só tomar assento, mas também obrigar os demais passageiros a que lhe cedam os deles, e até mesmo todo o veículo, para dar à sua pessoa maior comodidade e espaço.

A fatuidade afasta amizades e, finalmente, acarreta o desprestígio, que reduz o ser a suas justas e reais dimensões.

É realmente difícil para o fátuo corrigir ou superar este defeito de sua psicologia, porque sua própria necedade o impede de aceitar correções em seu modo de ser. Não tentemos convencê-lo, e deixemos tal possibilidade para o proveito daqueles que, em tempo de se libertarem de sua desfavorável influência, sintam a necessidade de proceder à sua eliminação.

Todas as deficiências se desenvolvem e se apoderam do indivíduo favorecidas pela ignorância em que ele permanece a respeito de si mesmo, e é fácil deduzir que seu enraizamento será tanto mais firme quanto mais ele desconheça a participação que elas têm em sua vida e o dano que lhe ocasionam.

Apesar disso, as deficiências não têm por que perdurar no ser até o fim de seus dias, como quase sempre ocorre. Nossos conhecimentos abrem às possibilidades do homem um panorama novo e estimulante e, além de interessá-lo nos altos conteúdos que oferecem, despertam nele a necessidade de sair do estancamento em que vive, para alcançar objetivos mais amplos. De posse de tão valioso elemento, que, além de ilustrá-lo, o ajudará a compenetrar-se de cada um dos aspectos que configuram sua psicologia, o desalojamento de suas deficiências será apenas questão de determinação e empenho.

O cultivo da **simplicidade**, que de certo modo é sinônimo de naturalidade, unido ao fomento constante de certas normas de conduta, permite a quem quer corrigir esta deficiência observá-la e surpreendê-la cada vez que

tente se manifestar. A nova atitude do entendimento permite também contemplá-la em toda a sua fealdade, aguçando-se assim a resolução de expulsar tão indesejável hóspede.

Com esse procedimento, a fatuidade perderá terreno e terá cada vez menos motivos para se impor. Então se compreenderá quão mais importante e honroso é deixar que os demais avaliem em sua justa medida o que somos, do que nos empenharmos em ser avaliados pelo que aparentamos.

deficiência: Neglicência
antideficiência: Diligência

É esta uma falha que relaxa a vontade do ser e atenta continuamente contra os bons propósitos que ele possa ter.

Indica instabilidade no pensar e no sentir e acusa ausência de consideração para com a própria vida. Em outras palavras, dificulta em alto grau o cumprimento dos deveres que pesam sobre o ser: os físicos, os morais e os do espírito.

A negligência implica atraso de vida e abandono. Psicologicamente, a pessoa apresenta um aspecto similar ao de uma casa cujo jardim, por descuido do dono, está

coberto de mato. As plantas de cultivo, privadas das atenções que periodicamente requerem, contrastam, por seu escasso desenvolvimento, com a exuberância da vegetação silvestre que as rodeia. Se a isso adicionarmos o deteriorado estado da casa, teremos o quadro completo da negligência. Ninguém, ao vê-la, deixará de pensar mal da pessoa que a habita.

Má conselheira é sem dúvida esta falha, que se apodera do ânimo e induz a fazer as coisas fora de tempo, com demora, e sem pôr atenção nem cuidado naquilo que se faz.

Pareceria que os repetidos fracassos que o indivíduo deve suportar por sua causa nenhuma impressão causam nele, porque sempre se vê com disposição de deixar tudo posposto ao gozo que lhe produz sua atitude despreocupada e irresponsável.

A antideficiência que sugerimos usar contra esta falha, aplicada com inteligência, isto é, com decisão invariável, sem pressa, dando tempo à sua gradual erradicação, poderá impor-se em pouco tempo à deficiência, com a consequente alegria de quem teve de suportar sua prejudicial influência.

A **diligência** se mostrará então como qualidade altamente valiosa pelos benefícios que proporciona, pois se comprovará com satisfação que, enquanto a deficiência obrigava a viver com atraso, a diligência permite avantajar-se ao tempo, ou seja, ampliar a vida, prolongá-la, para desfrutá-la em toda a sua potencialidade, aquela potencialidade antes estática ou usada só por necessidade, mas cujo uso verdadeiro se desconhecia.

A diligência é no homem a força psicodinâmica geradora de sua atividade. Essa atividade pode ser plena e consciente, se os melhores empenhos são consagrados em prol da própria evolução, já que por meio dela o homem pode transcender as limitações do saber comum e conhecer os mistérios que sua própria pessoa encerra como ente físico, psicológico e espiritual.

deficiência: Rigidez

antideficiência: Flexibilidade

Esta deficiência responde a um pensamento inflexível que governa a mente do indivíduo e influi sobre seu caráter, tornando-o duro e contumaz.

A rigidez afeta os sentimentos, não permitindo que se manifestem, em virtude do silêncio a que os submete. Conduz os seres à intransigência, pelo endurecimento que promove nos condutos sensíveis. Disso dão prova suas próprias fisionomias, nas quais aparece refletida, em traços marcantes, a pertinácia que particulariza esta deficiência.

Todo sentimento de conciliação é anulado pela força desta falha temperamental, que raramente se abranda, nem

mesmo ante as exigências da realidade. Isso nos leva a considerar que, por detrás da rigidez, atua disfarçadamente outra deficiência: a **obstinação**.

É próprio do rígido o excesso de zelo no desempenho de suas funções, sejam elas públicas ou privadas, sendo isso causa de sua inflexibilidade com os que estejam sob suas ordens. Um exemplo disso temos num chefe de escritório que, diante de uma informação desfavorável sobre a conduta de um de seus empregados, apressado pelo afã de aplicar-lhe um corretivo, não se detém em averiguações que comprovem a exatidão da versão recebida e, sem ver nem ouvir mais nada, pune o subordinado, vítima talvez de um erro ou, o que seria pior, de alguma calúnia. Posturas dessa ordem deixam ver a presença de outra falha, a **intolerância**, irmã siamesa da rigidez.

A deficiência de que nos ocupamos induz e até obriga o ser a confiar unicamente em seu juízo. Dificilmente concorda em considerar viáveis outras opiniões que não sejam as próprias a respeito de uma questão, causa pela qual diverge com frequência do juízo alheio.

A rigidez paralisa a ação dos pensamentos construtivos, que necessitam mover-se com liberdade enquanto cumprem seu papel na vida diária. Isso pode ser observado em diversas circunstâncias. Uma delas poderia ser a seguinte: por ocasião de estarem reunidas várias pessoas, procurando elucidar um assunto, uma delas, em razão da anomalia de que estamos tratando, pretende impor com certo absolutismo seus pontos de vista. Apesar da boa vontade dos que participam da reunião, o propósito perde força

pela posição inflexível e nada conciliadora de uma das partes, que, sob o influxo mental de sua deficiência, não repara que, variando convenientemente o enfoque, seu juízo sobre o que se está considerando poderia mudar total ou parcialmente, pondo-se em sintonia com as demais opiniões. Isso nos mostra quão nociva é a rigidez, porquanto inabilita o ser para superar as limitações de seu juízo, condena-o ao equívoco e faz com que atue em consonância com esse quadro.

Sua influência sobre a mente é muito sutil e, ignorando isso, a pessoa se entrega a ela docilmente. Tal fato ocorre, por exemplo, quando reage contra um ou outro de seus semelhantes, aos quais tacha de rígidos, sem se aperceber de que isso que vê neles não é mais que sua própria rigidez, manifestada em seu trato com eles.

Quem observa uma pessoa rígida experimenta a sensação de encontrar-se ante um ser metido psicologicamente dentro de um espartilho; igual sensação experimenta o rígido sob a inflexível pressão de seus pensamentos.

Dominado por este defeito, sofre continuamente as consequências de seu comportamento, umas vezes sem perceber de onde provêm tais consequências, e outras sem poder evitá-las. Sabe que sua pessoa não é grata a seus semelhantes, e o lamenta, mas não pode com a própria intransigência. Em muitos casos, é possuidor de belas qualidades, que empalidecem por causa de seu temperamento duro, provocando contrariedades em sua vida, cuja imagem evoca o "locus supplicii" da antiga Roma.

Esta deficiência também nos recorda a rigidez de um cadáver, e pensamos que ninguém que tenha isso em conta gostará de continuar se olhando num espelho tão pouco alentador.

Uma falha tão prejudicial para o homem bem merece que, contra ela, se adote uma conduta capaz de reduzi-la e anulá-la. Mas, tomada a decisão, procurar-se-á que em nenhum momento sua força se sobreponha ao desejo de combatê-la.

Praticar a **flexibilidade** como antideficiência implica suavizar as asperezas do caráter, fazê-lo dúctil e elástico. Implica exercitar o ânimo na condescendência e na conciliação, favoráveis ambas ao bom entendimento com os demais e até consigo mesmo.

Se a rigidez faz o indivíduo colocar-se mal e o afasta da realidade, nada mais oportuno nem conveniente que abrandar semelhante dureza psicológica, tornando-se amplo e compreensivo em toda a extensão da palavra. Para tanto contribuirá a **sensibilidade**, fator de êxito nessa empresa, mas ela terá de ser libertada da opressão que sofre por causa da rigidez.

Entregar-se com paciência e firmeza ao cultivo dos sentimentos permitirá assistir muito prontamente à sua plena manifestação.

A rigidez se aferra ao passado e oferece resistência ao futuro, que sempre traz consigo novas oportunidades para aqueles que querem aproveitá-las.

deficiência: Petulância

antideficiência: Cordura

Petulante é a pessoa que oculta no fundo de sua deficiência a avessa intenção de humilhar. Se tem autoridade sobre outros, usa-a nos tons mais ostensivos, e, se possui alguma qualidade intelectual ou sobressai em determinada atividade, vale-se disso para fazer-se admirar, procurando diminuir a estatura dos demais.

Esta deficiência exalta a personalidade do ser, que exibe com jactância seus pretensos privilégios.

O atrevimento e a presunção que de forma inveterada ele manifesta, ao emitir seus pontos de vista ou dar soluções a problemas ou situações que não domina, o tornam pouco menos que insuportável. Em geral, toma o prudente silêncio alheio como assentimento a seus imaginários achados.

Esta deficiência engana o petulante, fazendo-o crer que possui dotes e prerrogativas consideráveis. Daí que seja a pessoa influente por antonomásia, já que, por estar sugestionada, faz os demais crerem que ela é capaz de conseguir tudo, pelo simples fato de a isso se propor. A promessa é o elemento de que se vale para manter seu

prestígio, ainda que seja somente enquanto dura a expectativa dos que nela confiaram.

O petulante vive em permanente estado de autoengano; exacerbado por sua irreflexão e passionalismo, adota as mais desatinadas e irresponsáveis atitudes.

É indubitável que, nos casos em que a deficiência está acentuada, custa muito a quem a padece submeter-se à autocensura e, consequentemente, desprender-se dela. Qualquer mudança de importância quanto à conduta ele deverá esperar que provenha principalmente dos rudes golpes que a realidade possa aplicar-lhe. As variações desfavoráveis que acossam e põem à prova a têmpera talvez um dia o obriguem a buscar o centro de gravidade de suas próprias reações. Mas isso no melhor dos casos, visto que também poderia deixar-se levar, como costuma ocorrer, pelos impulsos sempre inconscientes da violência ou do desespero.

Com nosso método, o afetado enfrenta sua própria realidade, e é aí onde o processo de evolução consciente muda o quadro de suas perspectivas futuras. A cordura aparece então como imperativo de consciência, acentuando-se nele cada vez mais a necessidade de terminar com a causa de todas as perturbações em sua vida.

A **cordura**, ao serenar o ânimo e propiciar a reflexão, atua diretamente sobre a deficiência e a imobiliza. Mas antes é necessário compreender que a petulância constitui um dos piores recursos para impor um conceito de si mesmo, porque dessa forma ninguém o admite.

Terceira Parte

~

Propensões

PROPENSÃO:

Ao Engano

Esta propensão responde a dois estados característicos da psicologia humana: **a)** ignorância da malícia alheia; **b)** ambição.

No primeiro caso, o indivíduo tende ingenuamente a confiar no que lhe é dito ou proposto, sem se deter a examiná-lo e sem se prevenir contra possíveis intenções, ocultas no pensamento do semelhante. No segundo, o entendimento é turbado momentaneamente pela ambição, pois se impõe um pensamento **cobiçoso**, facilmente percebido por quem tenta fazê-lo vítima de suas maquinações. Este pensamento, que entorpece a função de raciocinar, que dificulta o assessoramento da consciência e ainda chega a silenciar a sensibilidade, mantém o ser enfeitiçado e à mercê do embusteiro, de quem só conseguirá se livrar quando este lhe tenha subtraído quanto pôde, isto é, quando dessa entrega incondicional surja o desfalque mental, moral ou econômico do incauto.

O homem, "de per si" muito afeito ao ócio mental, sente-se, por outra parte, atraído por tudo **o que é fácil**, pelo que não lhe custa esforço e lhe proporciona, em troca, rápidas conquistas em qualquer ordem da vida. Daí sua

propensão a ser enganado. A realidade se encarrega depois de adverti-lo de seu erro; mas é lamentável que deva suportar inexoravelmente as consequências, em geral difíceis de aguentar, que todo engano traz consigo.

A propensão ao engano, na qual representa um papel importante a faculdade de imaginar, ou, para dizer em termos comuns, a imaginação, deixa a mente desguarnecida. Denuncia um adormecimento temporário da inteligência, incapacitando-a para exercer controle sobre os pensamentos sedutores que atentam contra o ser e sobre os atos a que ele se vê compelido, em razão de sua predisposição a deixar-se enganar pelo próximo.

Para neutralizar esta funesta tendência, aconselhamos a não se entregar à ilusão e a confiar em si mesmo antes de confiar nos outros.

PROPENSÃO:
A Adular

A observação desta propensão põe em relevo dois tipos psicológicos bem definidos: **a)** o que adula para conseguir vantagens; **b)** o que adula para ser adulado.

O primeiro item dessa classificação se refere a indivíduos

que, sem méritos próprios e muitas vezes com acentuada falta de escrúpulos, buscam suprir sua condição precária com uma fingida submissão aos superiores ou a outras pessoas de quem esperam algum benefício, adulando-as e procurando mostrar-se ante elas – quantas vezes mediante intrigas ou enredos – como únicos capazes de serem tidos em conta. O segundo item define os traços do ególatra, do fátuo, e nos evidencia a pobreza moral dos que necessitam da adulação e a buscam, distribuindo lisonjas e elogios em torno de si, a fim de que esse favor lhes seja retribuído.

A classificação precedente revela as raízes desta propensão, ou seja, as causas de onde ela provém, o que ilustra sobre a importância de dedicar-se à tarefa de extirpar tais raízes, já que disso depende que a propensão a adular desapareça ou se robusteça com o tempo, somando-se como deficiência às demais.

A propensão a adular, inofensiva quando não excede o grau de tolerância que as maneiras corteses lhe outorgam, degenera – ao se tornar hábito – em hipocrisia ou falsidade, pois o adulador vê tudo pelos objetivos de um pensamento que se traduz em especulação, vantagem, conveniência.

A adulação, a lisonja, a bajulação – destacamos isto –, nada têm a ver com a admiração, os gestos aprobatórios ou a emotiva gratidão que as palavras, os pensamentos e as obras de uma pessoa possam suscitar na alma dos seres. Nesse caso, a manifestação de aplauso é um dever e de modo algum afeta o conceito de quem, com desprendimento pessoal, a

recebe; no outro caso, e aqui nos afastamos das manifestações que obedecem a desdenháveis motivos de interesse, o aplauso é um simples compromisso, que se cumpre para estar de bem com os convencionalismos, e prejudica unicamente a quem abusa dele, tanto ao oferecê-lo como ao desfrutá-lo.

Mencionaremos de passagem, e tão só para destacar os caprichosos contrastes que a psicologia humana oferece, o caso daqueles que, gostando de ser adulados, são incapazes de adular, pois, impedidos por pensamentos mesquinhos, nem sequer por razões de cortesia podem ponderar um mérito nem oferecer a alguém uma palavra de aprovação.

O homem íntegro, o que conquistou por seu próprio esforço um lugar de honra entre seus semelhantes, é refratário à adulação, a qual, queira-se ou não, rebaixa o valor ético das pessoas que com ela se deleitam.

Quem deseje apagar de sua vida a propensão a adular, busque sempre a forma mais agradável, natural e sincera de manifestar a opinião e o sentir reclamados pelas circunstâncias. E se, além de adular, gosta de ser adulado, recorde que a consciência do próprio valor contribui com toda a eficácia para anulá-la.

PROPENSÃO:
À Frivolidade

Quando a vida do indivíduo carece de incentivos superiores, a propensão à frivolidade se manifesta nele como consequência inevitável de sua falta de conteúdo.

Esta propensão é o sintoma precursor da deficiência que aparecerá mais tarde, se ele, em vez de se aplicar ao cultivo dos valores, continua atraído pelo intranscendente e fútil, como se sua vontade se achasse imantada ao superficial e carente de densidade.

Como toda propensão, a que se refere à frivolidade é vacilante e inconsequente no princípio, pois a ação do pensamento que a move se detém por considerações naturais do recato. Mas como sua simples manifestação já ativa de certo modo os fermentos da reação instintiva, o pensamento passa gradualmente de propensão a deficiência, porque seu predomínio sobre a vontade do ser se agrava.

A propensão à frivolidade encontra estímulo naqueles que não pensam com seriedade; nos que não formaram um verdadeiro conceito da vida, de seus valores e de sua transcendência; nos que alimentam sua fantasia, deixando a imaginação correr em busca de satisfações efêmeras. Em semelhante situação, acredita-se que o que entretém um instante é o que realmente importa, e se evitam preocupações e

problemas, concedendo às coisas frívolas o tempo que se deveria ocupar em enfrentá-los.

Em sua fase de propensão, e mesmo mais tarde, a frivolidade costuma ser neutralizada pelas mudanças inesperadas que a vida depara a cada indivíduo, ao colocá-lo diante da realidade; mas será melhor, e talvez menos penoso, desligar-se dela voluntariamente e a tempo, opondo ao pensamento que a sustenta outros de contextura sólida, que o destrocem e o substituam. Isso somente será possível quando o superior, o efetivo, o verdadeiramente importante, o que interessa ao bem-estar e ao aperfeiçoamento, deixe de ser indiferente e passe a ocupar um lugar de preferência na própria vida. Nisso cada um encontrará, não duvidamos, incentivos de inestimável valor, que suprirão com eficácia aqueles outros que levam à frivolidade.

Não será difícil, para quem compreenda isso, encarar as possibilidades de sua existência sobre uma base mais concreta e mais de acordo com as prerrogativas que se oferecem a quem anela para sua vida a realização de um elevado destino.

PROPENSÃO:
À Dissimulação

Esta propensão consiste na tendência do indivíduo a

mudar, perseguindo sempre algum motivo, a face verdadeira das coisas, revestindo-as de uma aparência que costuma chegar a imitações surpreendentes da realidade. Isso quer dizer que alguém pode estar à beira de uma derrocada econômica, mas, incitado por motivos banais ou por algum interesse de outra ordem, é capaz de simular despreocupação e até se permitir esbanjamentos que deem a impressão de que seus bens se encontram em estado florescente. Em outras palavras, pretende convencer que o que finge é realidade.

A vida de aparências influi particularmente na gênese desta propensão, embora tenhamos de admitir que pode ser inata. A superficialidade que reina nela faz da dissimulação um meio do qual se lança mão para disfarçar com argúcia sentimentos e intenções, ganhar prestígio, despertar admiração e satisfazer, enfim, a todo tipo de puerilidades. Exibe-se, em suma, o que não se é nem se tem; trata-se de um vão afã, que age poderosamente sobre um grande número de pessoas. Cada um pensa que o concurso da dissimulação é necessário e, sem perceber, a propensão a fazer uso dela se acentua, cria raízes, torna a vida artificiosa e o situa fora da realidade.

É certo que podem ser citados outros fatores que originam esta propensão. Em primeiro lugar, a má formação educativa, de onde provêm quase sempre todos os demais fatores, a saber: vaidade, ambição, frivolidade, hipocrisia e alguns outros que denunciam condições caracterológicas muito sérias, que não vem ao caso citar. Esses fatores – ou, mais claro ainda, essas deficiências –, que configuram,

poderíamos dizer, o fundo da propensão de que nos ocupamos, segundo o grau de negatividade que alcancem no indivíduo, influem sobre a propensão e a agravam, convertendo-a em norma de conduta pessoal, de onde resultam depois formas de dissimulação frequentemente condenáveis.

Poderíamos acrescentar que, no melhor dos casos, a propensão à dissimulação é a arte de ocultar difíceis situações pessoais, aparentando o contrário do que sucede. A bem da verdade, não cabe censurar as pessoas que lançam mão deste recurso para evitar a deprimente situação de ter de confessar aos demais o momento difícil que atravessam. Feita a ressalva, aconselhamos nunca incorrer no erro de fazer da dissimulação um hábito, pois isso implica cair inevitavelmente no desconceito.

PROPENSÃO:
A Prometer

Esta propensão revela falta de seriedade e de consciência perante a responsabilidade contraída ao se fazer uma promessa.

Compreender-se-á que nos referimos aos que tendem a abusar dela, ou a usam com tanta prodigalidade que

põem em relevo, nesse mesmo fato, o pouco que se comprometem com seu cumprimento. Entre estes, destacamos os que prometem muito com mentirosa suficiência, e só para se atribuírem importância; os que se valem da promessa para ocultar a própria inoperância; os que voluntariamente se sobrecarregam de compromissos para se proporcionarem, com isso, um prazer. Em cada um desses casos, a pessoa sabe de antemão que vai defraudar as esperanças do próximo, o que denuncia sua grande irresponsabilidade e o pouco que lhe preocupa evitar que os demais o censurem como ele merece.

Algumas pessoas prometem por uma disposição natural que as faz parecer obsequiosas, amáveis e dispostas em todo o momento a se colocarem a serviço do semelhante; entretanto, em que pese a boa intenção que as anima, nem sempre conseguem que sua vontade lhes responda no momento de dar fim ao que prometem, ou não podem cumpri-lo por carecerem de recursos. Observamos nesse caso que a causa do excesso reside numa imperdoável atitude de brandura com respeito à responsabilidade de prometer, e fazemos notar o muito que se ganharia com o simples fato de ser mais prudente e contido.

Disso se conclui que a propensão a prometer anda de braços dados com a irresponsabilidade, e não são poucas as vezes em que é sustentada pela vaidade. Mas também costuma ser respaldada pela audácia, circunstância esta que agrava a situação do indivíduo, o qual faz da promessa um meio para surpreender a boa-fé do próximo em seu próprio benefício. Assim é a posição de quem planeja um

negócio enganoso e o difunde para atrair os crédulos, que recorrem a ele sonhando em aumentar suas economias. Embora esse fato marque extremos na conduta, não seria demais mencioná-lo, já que permite avaliar o trabalho do pensamento perturbador, ou seja, a **audácia**, a qual, ampliando seus meios de ação, cria primeiro a propensão e depois a robustece com seu exercício.

É frequente que se consinta com a manifestação desta propensão, sem reparar que, por suas consequências, ela representa uma carga inútil que gratuitamente o ser assume, às vezes só por um equivocado afã de oferecer ajuda.

A lembrança do compromisso que não se cumpre pesa depois sobre o ânimo, em parte porque soma uma preocupação a mais às que ordinariamente angustiam a vida, e em parte porque nunca é grato ao "desmemoriado" que suas promessas lhe sejam recordadas ou que se lhe exija o cumprimento delas.

Os que fazem da promessa uma espécie de indústria pessoal estão, certamente, longe de conceder valor a sua palavra, apesar de pretenderem que os demais o concedam. Ignoram que a palavra empenhada contém algo de nossa vida futura e que, passando o tempo, quando esta nos demandar o cumprimento dessa palavra empenhada, colocar-nos-á diante de uma realidade: a de nos sentirmos donos de tal palavra ou carentes dela, por havermos desconhecido seu valor.

PROPENSÃO:
A Crer

Toda vez que a propensão a crer se manifesta na pessoa, excitada por algum motivo circunstancial, as faculdades da inteligência ficam afetadas em suas funções, pois se produz o adormecimento temporário da mente.

Esta propensão costuma ter efeitos danosos para a alma, porque, ao provocar a inércia da inteligência, pode levar ao fanatismo, que é a negação da prudência e do bom tino.

Sua causa real é a ignorância. Pode-se observar que quem tem esta propensão revela um estado mental incipiente ou precário.

A propensão a crer é própria de quem não pensa, de quem não quer pensar, seja por hábito, seja por comodismo, e que, antes de se decidir a investigar por si mesmo as questões que o preocupam ou lhe interessam, se atém confiado ao juízo ou opinião alheios. Refratário ao estudo atento, sereno, reflexivo, sua posição revela incapacidade e o expõe a qualquer engano. É comum ao que tem esta propensão mostrar-se **fanático** de uma ideia, uma crença, etc., estado a que nunca chega o homem acostumado a pensar livremente, a raciocinar com amplitude, a formar para si um juízo consciencioso das coisas.

Já dissemos que o propenso a dar crédito a tudo o que, de um modo ou de outro, lhe chega aos ouvidos, não pensa. Pois bem, ninguém negará que são muitos, no mundo, os que não pensam, donde se deduz que também hão de ser muitos os que servem de veículo a toda ideia, pensamento ou boato que ocorra a uma mente qualquer propagar.

É na infância, quando ainda não despertou no ser a aurora das reflexões e a mente ainda permanece alheia a toda noção de saber, que se costuma introduzir, com o pretenso propósito de resolver sua orientação espiritual, crenças que, ao debilitarem sensivelmente o poder defensivo das faculdades de pensar e raciocinar, agem como fatores que favorecem o desenvolvimento desta propensão. Com isso queremos destacar que a falha em questão tem muitas vezes origem na orientação defeituosa que a criança recebe, quando não é iniciada no uso das faculdades de sua inteligência para que possa discernir, por si mesma, o real do irreal, o verdadeiro do falso, o sensato do absurdo, permitindo-se, ao contrário, que sua mente seja tomada pelas crenças, de fácil assimilação.

Tal como acabamos de expressar, tem-se pretendido resolver por esse meio a orientação espiritual da criança, mas não se vê – e menos ainda se compreende – que com isso é criado para ela um dos problemas mais difíceis que terá de enfrentar quando adulta: o problema da própria capacitação e experiência na condução da vida, especialmente no que diz respeito à parte moral e espiritual do seu ser.

Grandes são as desvantagens que a propensão a crer

pode acarretar ao homem, e grande também a insegurança que lhe cria. Isso será melhor compreendido se se tiver presente cada uma de suas consequências, e se estas forem comparadas com as bondades que experimenta aquele que sabe, qualquer que seja o terreno em que se coloque ou atue, já que o saber é o conselheiro que, emergindo do interior de nosso ser, nos oferece com toda a amplitude a informação de que necessitamos em cada caso.

Quem permite que o saber seja suplantado pela crença não poderá senão aceitar as consequências de conduzir-se submetendo o livre-arbítrio à crença abraçada ou inculcada, visto que, no final das contas, isso não é outra coisa que a claudicação da inteligência.

O saber que se adquire por meio do estudo e da experiência coloca o homem a salvo dos riscos a que esta propensão o expõe.

PROPENSÃO:
À Ilusão

Ao examinar os motivos que influem nas manifestações desta propensão, temos de levar em conta a acentuada característica volúvel sempre presente na pessoa que a padece.

Já na infância, pelo fato mesmo de que nessa idade não se pensa nem se discerne, o ser experimenta uma atração irresistível pelo quimérico, pelo que está além das realidades objetivas e subjetivas a seu alcance. Se bem isto seja natural em todas as crianças, existem entre elas as que se caracterizam por um manifesto excesso de fantasia em tudo o que lhes ocorre. Tal exuberância quimérica é, contudo, passível de modificar-se, porque a criança não está inabilitada para captar, raciocinar e compreender, e pode fazê-lo muito bem, auxiliada pelo próprio espírito, quando pais e professores concorrem para guiá-la adequadamente.

Temos de mencionar aqui a faculdade de imaginar, por ser ela a que desde tenra idade exalta e afaga a reflexão com projetos irrealizáveis e a distrai com seu fantástico desdobramento de imagens. Mas recordemos o que foi dito no princípio, ao assinalarmos que a **volubilidade** é um traço característico de quem tem esta propensão, pois temos de pensar que não somente o excesso de imaginação influi nela, mas também a existência na pessoa de um estado negativo afim com o traço que define sua tendência. Eis aqui descrito o campo favorável ao desenvolvimento da propensão à ilusão, que tanto domínio chega a adquirir sobre o ser, quando nada se opõe a seu apogeu quimérico.

A ilusão é como um véu mágico e esplendoroso que oculta a verdadeira face das coisas; um véu que só permite ver o fácil e o formoso de tudo quanto se reflete como projeto na tela mental, enquanto impede a visão do que nele é difícil e ingrato, e até da inoperância – se é que

existe – do próprio esforço para levá-lo a cabo, a qual se fará presente, não há dúvida, tão logo o ser se disponha a concretizar esse projeto. Poderíamos considerá-la como uma antecipação, quase sempre excessivamente generosa, que pretendemos nos fazer de um bem ou objeto cuja posse anelamos. Assemelha-se de certo modo a um sonho, já que a imagem que a recordação nos traz dele durante a vigília dista muito da realidade. A ilusão é também comparável a essas efêmeras e diminutas mariposas que parecem nascer espontaneamente em torno de um foco luminoso, visto que, do mesmo modo que elas, morta uma surge outra, como se o homem necessitasse de semelhante falácia para estimular sua vida.

Aquele que não se entrega à ilusão suporta com menos dor os golpes que a realidade lhe aplica, por achar-se prevenido; mas quem confia nela totalmente, seduzido pelos artifícios da imaginação, cujo canto de sereia é precursor do engano, permanece por um tempo mergulhado em obscuro desalento, pois o golpe que recebe fere crua e sutilmente sua sensibilidade.

Seguindo os passos da pessoa afetada por esta propensão, pode-se apreciar quão insegura se torna a vida quando se afasta do real e positivo. Ela é capaz de pôr em perigo o equilíbrio moral e material dos seres. Muito conhecido é o caso daqueles que, alentados pela ilusão de aumentar seus lucros, seja num negócio, seja no jogo, terminam comprometendo seus bens e até sua honra. Mais de um suicídio nos faz evocar o processo seguido pelos que não tiveram, depois, força nem ânimo para suportar o triste saldo de sua temerária aventura.

A exacerbação de desejos ocultos costuma ser causa de situações como as que acabamos de citar; por isso, é bom prevenir-se, gravando bem no entendimento que a ilusão, ao transgredir os cânones da realidade, expõe sempre a desenlaces pouco felizes.

Uma vigilante atenção sobre esta tendência permitirá neutralizar rapidamente a sedução que o ilusório exerce sobre os sentidos, com o que se experimentará a efetividade do autodomínio, tão valioso como necessário na vida consciente do ser.

PROPENSÃO:
Ao Deleite dos Sentidos

Ao nos referirmos a este tópico, devemos esclarecer que consideramos os sentidos dentro da ordem que corresponde estritamente ao instinto. Em outras palavras, não concedemos aos sentidos prerrogativa espiritual alguma, salvo quando o instinto se liberou de sua influência nociva, em virtude do processo de evolução consciente, que conduz ao equilíbrio dos impulsos passionais.

Concorrem para despertar esta propensão fatores externos e internos. São fatores externos as leituras libidinosas, os filmes luxuriosamente crus, as conversas indecorosas, a música excitante e tudo o que, de um ou de outro modo, estimule as baixas paixões. Fatores internos são os pensamentos que respondem à influência do instinto, que é o que exacerba as paixões.

A propensão ao deleite dos sentidos indica princípio de relaxamento da vontade, diminuição da capacidade para resistir à influência dos estímulos passionais, inibição espiritual progressiva, debilidade crescente pelas coisas passageiras ou efêmeras; em suma, implica uma atitude psicológica negativa, porquanto inclina o ser a desfrutar preferentemente os gozos materiais. Esta propensão chega a estados de embriaguez psíquica, porque ocasiona o relaxamento transitório das faculdades mentais, das quais o ser chega a prescindir nos momentos de excitação.

Prova das perturbações que a pessoa sofre, quando a propensão se acha em vias de converter-se num mal dominante, nos dão: o homem que abandona família e lar em troca de uma vida escandalosa e desordenada; o que, sugestionado pelo jogo, se entrega a ele sem reparos de consciência, disposto a expor tudo o que tem; o que destrói a si mesmo e sacrifica os afetos mais caros pelos prazeres que o álcool lhe proporciona; o que mancha sua reputação e sua honra por uma vida econômica fácil e pródiga em luxos e prazeres.

Para neutralizar esta propensão, deve-se adotar uma abstinência gradual, enquanto se dá tempo para que o processo de evolução consciente repare os efeitos de tão ingrata característica e ofereça, em substituição aos falsos gozos que proporciona, as satisfações inefáveis que o próprio espírito se encarrega de conceder.

Quando o homem consegue transcender sua propensão ao deleite dos sentidos, coloca-se numa excelente posição para encarar os problemas inerentes a uma vida mais ampla e de maiores possibilidades para o cultivo do seu espírito.

PROPENSÃO:
Ao Isolamento

Esta propensão sobrevém quando o indivíduo é tomado por estranhos pensamentos de ceticismo e indiferença. Perdida a fé em seus semelhantes e em suas possibilidades, ele procura o isolamento como meio seguro de imunidade social. Mas a propensão a isolar-se tem também sua causa na curteza mental, na escassa capacidade – tantas vezes motivo da falta de confiança em si mesmo –,

na reserva, na aspereza, etc., e também se descobre sua origem na criança coibida, na apoucada ou retraída. A esse respeito, diremos que, embora se deva ser cauteloso no uso dos estímulos que se dão à criança para fomentar sua desenvoltura – tudo requer uma medida prudente –, é preciso empregá-los abundante e empenhadamente naquela que apresenta esta tendência, procurando neutralizá-la quanto antes, se se quer evitar que algum pensamento indesejável ou improdutivo, incubando-se nela secretamente, domine um dia sua vontade e, com os anos, transtorne seu juízo.

Seja qual for a origem desta propensão, concluiremos sempre que isolar-se é um erro cuja persistência leva o indivíduo a lamentáveis extremos de misantropia.

O isolamento voluntário endurece os sentimentos do homem e trava as faculdades de sua inteligência. Faz com que viva na ilusão de um retiro psicológico que crê desfrutar sozinho, sem admitir que o acompanham em sua fuga pensamentos que o tornam estranho e intratável.

Sobram razões para pensar que quem se empenha em viver isolado é, além de insociável, egoísta, pois não toma conhecimento das aflições e problemas da humanidade, em cujo contato está obrigado a viver por lei natural.

A convivência entre os semelhantes, dentro da esfera onde cada qual desenvolve suas atividades e manifesta seus gostos, aptidões, preferências ou inclinações, é tão necessária e útil ao homem como a mobilidade para evitar o entorpecimento de seus membros.

PROPENSÃO:
Ao Exagero

Esta propensão constitui uma inclinação muito frequente, cuja presença no indivíduo nos faz ver que a imaginação trabalha nele sem o controle das demais faculdades de sua inteligência.

É vista quase sempre nas pessoas de curtos alcances ou escassa cultura, e em suas manifestações existe algo de superestimação de si mesmas.

O exame desta propensão nos mostra o ser que engana a si mesmo, crendo que seus exageros fazem aumentar a força de convicção de suas palavras, sem reparar que essa mesma hipertrofia as expõe a cair no vazio. A pessoa tende a agigantar o volume das coisas, seduzida pelo afã de impressionar, de assombrar, de chamar a atenção. No fundo, é um recurso artificioso com que procura suprir a carência de meios para alcançar por via natural o mesmo efeito. Fosse o propenso bom observador, comprovaria quão rapidamente aumenta o número dos que fogem dele, e se dedicaria a fazer algo mais efetivo em proveito de si mesmo.

Quando o exagero deixa de manifestar-se como simples propensão, para estabelecer-se como hábito, a pessoa fala, move-se e atua sob o predomínio da ficção, devendo sofrer continuamente as consequências de viver fora da realidade.

Quem sofre desta propensão experimenta invariavelmente o desejo de ser acreditado e, quando o consegue, sente-se invadido pela emoção torpe e vulgar de um triunfo fútil. Quão oposto é esse estado de ânimo daquele que se desfruta após a eliminação paulatina desta tendência, enquanto se ativam internamente as possibilidades de ser, fazer e possuir, sem que o engano se oponha a isso.

PROPENSÃO:
Ao Fácil

O escasso exercício da faculdade de pensar faz com que o ser, por gravitação de sua própria inexperiência mental, se incline para o fácil. Exemplo disso temos no indivíduo que, acossado por algum problema, assunto ou situação que o preocupa, corre habitualmente em busca de alguém que o resolva, livrando-se assim do esforço que a circunstância lhe exige; isso quer dizer que se vale da mente alheia, não da própria, para sair da situação.

Esta propensão debilita a vontade, pois inibe o ânimo e detém o pronunciamento de qualquer determinação que implique incorporar uma atividade maior ou mais importante do que aquela que se cumpre ordinariamente.

Sinal evidente de mediocridade – já que sob sua influência o indivíduo espanta ou rechaça tudo o que lhe demanda um maior uso de suas energias volitivas –, ela impede que se exercite a própria aptidão no prosseguimento de novos objetivos. A pessoa busca conduzir sua vida sem obrigá-la a maiores esforços, opondo-se por esse motivo até ao medianamente difícil e limitando ao mínimo o esforço pessoal.

Os seres propensos ao fácil estão ameaçados por uma vida de rotina. Seja por não se obrigarem a um maior rendimento de sua capacidade, seja por acovardamento ou indeterminação diante do fantasma dos inconvenientes, sempre estão prontos para rechaçar toda oportunidade de introduzir melhoras em sua vida.

São seres que carecem de aspirações e que, no caso de tê-las, as nutrem com ilusões, confiando ao acaso suas conquistas.

Nunca é conveniente facilitar em demasia os pequenos problemas dos filhos, se se quer impedir que a propensão ao fácil apareça mais tarde neles, inabilitando-os para resolverem por si mesmos suas dificuldades e para procurarem maiores possibilidades de desenvolvimento na vida.

As energias que movem a vontade são geradas por meio do esforço e mínguam quando são tidas como desnecessárias. A propensão ao fácil tira força da vontade, porque a mantém pouco menos que imóvel, impedindo que o homem, em consequência disso, forje determinações que o conduzam a posições futuras mais vantajosas.

PROPENSÃO:
Ao Abandono

Esta propensão tem como causa a inércia da mente, que provém, por sua vez, da incapacidade de manter em constante atividade as faculdades da inteligência e o exercício dos pensamentos.

Define-se pelo desprezo que o ser sente por sua vida, como se cada dia vivido nas condições de abandono que sua propensão lhe vai criando, acentuasse um oculto rancor para com sua própria pessoa.

Contribuem para sua manifestação a ausência de incentivos, a desesperança, os fracassos reiterados – sem se terem extraído deles consequências proveitosas –, o obscurecimento mental que anula no ser toda possibilidade de encontrar uma saída feliz para sua situação, etc.

É comum no homem que carece de defesas morais e de capacidade para encontrar, em cada experiência da vida, por mais amarga que seja, o ensinamento positivo destinado a orientar seus passos futuros. Nem sempre, porém, os que mostram esta propensão são pessoas abatidas pela adversidade. Propendem também ao abandono muitos seres que não sofreram nem fracassos nem decepções, mas que cresceram privados de toda disciplina formativa, ou

foram vítimas do abandono em que viveram seus pais ou do meio em que foram criados.

Tanto a vida desregrada e sem ordem, como a falta de obediência e sujeição a toda norma que tenda a enaltecer e dignificar a conduta podem descambar para o abandono. Prova disso nos dá a juventude de nossos dias, perturbada pelo relaxamento dos costumes, que corre inconscientemente para a destruição de seus valores morais e espirituais. A vida pareceria ter perdido para ela seus nobres estímulos, tal a despreocupação com que a vive, transformando-a em vulgar passatempo.

É por demais doloroso o quadro que o ser propenso ao abandono nos oferece. Quão longe se encontra ele de pensar, em que pese ser fácil fazê-lo, que é mister tomar gosto pela vida e descobrir as ilimitadas prerrogativas que ela oferece. Precisamente a isso conduz o processo de evolução consciente que se pode realizar por meio da Logosofia, processo que faz florescer a alegria de viver e vigoriza a energia interna, transformando-a em potencial dinâmico da vontade.

A segurança com respeito a isso é o que nos tem levado a afirmar, mais de uma vez, que nossa ciência é capaz de orientar e encaminhar a mente do homem para um labor grato e positivo, o qual, longe de interná-lo em caminhos incertos, o conduz a reavivar o fogo do espírito e a sentir o palpitar da vida em pulsações profundas, cheias de esperança no próprio futuro e de confiança na própria capacidade de ação.

O encaminhamento da vida, feito sob uma orientação firme e adequada às necessidades vitais da alma humana,

permite o reordenamento das ideias e dos pensamentos e, em consequência, soluciona o problema dessa decadência moral manifestada na propensão que acabamos de considerar.

PROPENSÃO:
À Discussão

Referimo-nos à pessoa que discute por discutir, porque lhe agrada ou a entretém; à pessoa que não leva em conta – ou não se importa com isso – os conflitos inamistosos que costumam surgir da discussão, e a ela se lança levada pelo prurido de prevalecer em qualquer tema que lhe dê motivo para sustentar seus pontos de vista.

Em tais casos, discute-se apenas pelo afã de oposição e, com frequência, com a intenção de deixar mal o contendor, que por sua vez pode ser teimoso ou obstinado, ou predisposto a acalorar-se e ressentir-se.

É comum que os que discutem, levados por esta tendência, sejam os menos idôneos nas questões de que tratam, o que não diminui em nada a veemência com que sustentam as razões que sua pobre e obstinada dialética dá como certas.

Geralmente, o afetado por esta propensão procura criar

objeções a qualquer raciocínio, por mais acertado que seja, usando de todos os meios ao seu alcance para destacar ou fazer prevalecer o próprio, atitude que o particulariza como pessoa presunçosa e de pouca consideração para com seus semelhantes.

Se quem tem esta predisposição se colocasse em frente a um espelho e discutisse consigo mesmo, facilmente descobriria em sua figura a inoperância de sua própria insipidez mental.

A propensão a discutir leva sempre ao mesmo resultado: perder inutilmente o tempo que poderia ser aproveitado em algo útil. Para evitá-la, basta não dar rédea solta à língua, quando esta se desata em argumentos discursivos e sofísticos.

É certo que a propensão a discutir deixa de ser uma inclinação defeituosa na pessoa que procura encontrar, por meio dela, pontos de concordância que conciliem as diferenças com o próximo. Neste caso, busca-se o intercâmbio de critérios, o qual, levado a cabo com um fim construtivo entre pessoas respeitadoras da opinião alheia e zelosas da cordialidade que as une, permite encontrar a forma transigente que as aproxima da coincidência.

A discussão assume seu verdadeiro caráter no livre exame, no qual os critérios se harmonizam e se unem mediante a observação, a experiência e o grau de realização individual alcançado pelas partes, sem nunca se perder de vista que toda atitude ou pensamento estranho ao propósito que ali prevalece, altera a ordem que deve reinar para que os resultados sejam ótimos. Não se pode negar o

caráter construtivo que tem a discussão quando os que nela intervêm procuram confirmar algum acerto, ou se mostram permeáveis ao reconhecimento de um erro manifestado pela opinião contrária.

PROPENSÃO:
Ao Desalento

Esta propensão ganha força no ser por causa de fracassos ou reveses reiterados.

Manifesta-se como incapacidade da pessoa para enfrentar situações penosas, somando-se a isso a incompreensão do que lhe sucede, cujas causas com frequência presume alheias a suas culpas.

É própria de seres moralmente débeis e, portanto, expostos a que qualquer circunstância dolorosa esgote sua resistência.

Esta propensão pode sobrevir de súbito, sob a forte pressão de acontecimentos adversos, e aparecer depois, intermitentemente, após cada um dos acontecimentos tristes da vida.

A inclinação do ânimo para o desalento invalida um tanto a faculdade de pensar e oprime a sensibilidade, privando-a de uma de suas manifestações mais belas: a que

faz reverdecer as esperanças e mantém vivo o anelo de um futuro melhor.

Pode-se avaliar, assim, a importância que tem livrar-se quanto antes desta propensão que angustia a vida e a prostra na esterilidade.

O conhecimento transcendente explica os diferentes acontecimentos que nos surpreendem na vida diária e propicia as soluções que, em vão, o homem implora à Providência, por ser ele mesmo quem deve providenciar para si os recursos que haverão de fortalecer sua alma e livrá-la do desalento, como de um mal que tem de afastar de si definitivamente.

PROPENSÃO:
Ao Desespero

A propensão a desesperar-se é típica da inibição psicológica que alguns seres experimentam diante de dificuldades, problemas ou acontecimentos ingratos que devem enfrentar. Revela-se, sem dúvida, em pessoas impotentes para suportar o infortúnio, ou pouco acostumadas a lutar contra ele.

Qualquer fato adverso ganha em sua mente exageradas dimensões e as precipita na desesperança, sendo fácil supor

o estado em que haverão de submergir-se quando o motivo de seus padecimentos alcançar um real volume.

Geralmente, o propenso é acompanhado por um pensamento obsessivo, que lhe faz ver todos os seus males como irreparáveis e seus problemas impossíveis de resolver. Essa pessoa revela impaciência, insegurança e grande descontrole mental, fatores esses que convergem para o desassossego, cujo escape é a explosão nervosa. Chegado a esse ponto crítico, o afetado acusa um sensível debilitamento da vontade.

Essa angustiante tendência se atenua, e até pode ser eliminada, ao se vigorizar a vida com nosso método de adestramento mental e do espírito; ao mesmo tempo que a alenta, permite sustentar o ânimo com valentia em cada transe que põe suas forças à prova.

Remédio eficaz para combater esta propensão é pensar que a crise circunstancial que se padece poderia ter sido dez vezes maior. Que se teria feito então? Que essa reflexão sirva, pois, de elemento equilibrador e, a seguir, que se procure fazer o que se julgue melhor para dominar esses estados que abatem o ânimo e quebrantam a moral. Nossos conhecimentos atuam em todos os casos como "antibióticos" mentais, eliminando os "micróbios" psicológicos da desdita humana, isto é, os pensamentos negativos.

PROPENSÃO:
À Desatenção

São causas desta propensão a ociosidade mental, o hábito de perder-se em abstrações estéreis e a falta de uma ideia clara a respeito da responsabilidade que se impõe na condução da vida.

Revela falta de atividade mental consciente. O homem que não pensa vive geralmente distraído, cooperando com isso para seu empobrecimento moral e espiritual.

Esta é uma propensão particularmente negativa, porquanto intercepta o normal desenvolvimento das atividades ou atuações diárias, sendo evidente que quem não procura destruí-la a tempo termina por sentir seus efeitos de forma acentuada, sendo continuadamente perseguido por percalços, contratempos ou outras situações ingratas, carreadas sem necessidade sobre si.

Esta propensão pode tirar defesas do homem, já que a desatenção subtrai da observação múltiplos detalhes, importantíssimos quando se trata de tomar uma resolução, formar um juízo, extrair uma conclusão, decidir uma conduta, etc. Além disso, o ser que não está atento a tudo quanto ocorre em torno dele ou no mundo, costuma acolher com temerária ingenuidade qualquer versão que escute, sem prevenir-se contra seus riscos.

Nada construtivo poderá fazer em sua vida quem

passa a maior parte do tempo sem consciência da realidade que interpenetra seu ser e move os fios de sua existência individual.

A atenção a tudo o que se faz, a todo acontecimento da vida, não somente é fator de atividade, mas também estímulo poderoso para o desenvolvimento amplo das aptidões. Se a isso se soma a atenção requerida pelo processo de evolução consciente, que cada ser humano deve realizar para conhecer a si mesmo e a realidade cósmica que o rodeia, assegurar-se-á o concurso permanente da consciência, que é, definitivamente, a que deve reger o mecanismo da atenção.

PROPENSÃO:
À Ira

Esta reação violenta do ânimo se produz no propenso por motivos que o indignam e o fazem ressentir-se, incitando-o a adotar represálias contra a pessoa que por ato ou palavra o ofendeu, causou-lhe algum dano ou simplesmente cometeu o erro de excitá-lo. Predomina nesse ser o descontrole mental, e suas explosões repentinas se repetem e se incrementam por indução de deficiências que se aninham nele, como a intolerância, o orgulho e, sobretudo, o ressentimento ou o rancor.

Fácil é deduzir que os estados de ira se desencadeiam por via do instinto; daí que suas exteriorizações adquiram traços inconfundíveis de irracionalidade.

Quando nenhum fator moral e espiritual contribui para moderar esta propensão, ela tende a descartar totalmente as atitudes serenas, de sorte que a pessoa, pela violência e pela fúria que a caracterizam, termina por afastar de si os semelhantes, fato que mostra às claras o agravamento do mal.

O desconhecimento da própria psicologia e a ignorância a respeito da ação tirânica de certos pensamentos incitantes que a mente abriga, fazem com que o homem propenso à ira não possa se conter e permaneça à mercê de seus arrebatamentos.

Sendo esta propensão acentuadamente temperamental, compreender-se-á que sua eliminação requer uma vontade a toda a prova e uma cuidadosa vigilância dos pensamentos que têm predominância na mente. A observação ajudará a descobrir os fatores negativos que, vindos de dentro, ativam a propensão, aos quais cumprirá primeiramente aquietar, e depois desarraigar. Será também de grande eficácia ter presente o espectro desagradável da inutilidade desta propensão e de suas consequências, sempre ingratas.

Livrar-se da ira é retirar do caminho um dos tantos suplícios internos que mantêm a vida em permanente angústia e aborrecimento. Impõe-se, pois, lutar contra um mal que esmaga os sentimentos e converte em infeliz quem o padece.

PROPENSÃO:
A Confiar no Acaso

Esta é uma propensão que inibe o homem no sentido de tomar determinações oportunas e felizes, com participação ativa de seu esforço e aptidões. Atraído pela parte artificiosa do acaso, prefere confiar em temerários desenlaces, que poucas vezes acabam sendo favoráveis.

Pode-se perceber quanta ilusão, ingenuidade e insensatez convivem na pessoa que assim se conduz.

A impossibilidade de conquistar pelos próprios meios o que se deseja, seja por incapacidade, seja por desproporção entre as ambições e as aptidões para alcançá-las, é geralmente a causa desta propensão no homem, cuja mente começa a ativar-se com a ideia de que o acaso pode satisfazer seus desejos, solucionar seus problemas ou convertê-lo da noite para o dia em privilegiado da fortuna. Dessa atitude ilógica nasce o que leva tantas pessoas a correr incansavelmente em busca do sugestivo feitiço da sorte.

Quem confia no acaso põe nisso boa parte de especulação, pois tende a fazer o menos possível em favor de suas necessidades ou aspirações. É isso o que mostra quem realiza uma operação comercial sem um prévio e criterioso

exame dos problemas que essas questões envolvem, e sem assegurar-se da forma de enfrentar eventuais reveses; quem empreende uma longa viagem sem colocar seu veículo em condições; quem pretende sair de uma enfermidade sem fazer de sua parte nada para dela se livrar; quem empresta ou compromete valores, confiando em que haverão de se multiplicar prodigiosamente; quem confia no jogo para remediar suas precárias economias.

A confiança no acaso submete o indivíduo a situações de aperto. Sua vida é insegura, ameaçada pela imprevisão, pois sob o fascínio do acaso ele chega a arriscar tudo, sem pensar nas consequências.

Nem as aflições nem a realidade mais convincente curam a pessoa de sua cândida tendência, porque sempre ensaia alguma justificativa, a modo de consolo, para atenuar seu erro. Quantos fracassos, quantos desenganos ela precisa experimentar para chegar ao epílogo de sua equivocada conduta.

Para evitar que esta propensão se converta, com o tempo, em força psicológica dominante, aconselhamos esperar tudo da própria capacidade. Recorde-se que o futuro jamais deve ser deixado nas mãos do acaso, pois com isso se corre o risco de anular as próprias possibilidades.

Confiar em si mesmo, eis aí a chave. Confiar em si mesmo sem recorrer jamais a uma aparente Providência, manifestada sob o signo do acaso.

PROPENSÃO:

Ao Vitupério

Esta propensão é muito frequente, às vezes com claros contornos de deficiência, nos seres menos capacitados mentalmente, nos quais se revela como atitude pouco benévola, sempre disposta a lesar a reputação do semelhante e poucas vezes a defendê-la. Manifesta-se por rivalidade, por represália, por simples desejo de causar dano, etc., o que demonstra que esta propensão atua por influência de alguma outra deficiência de muito baixo nível, como a inveja, o rancor, a malignidade, o ódio, cuja presença no indivíduo é totalmente desqualificadora.

É comum que esta propensão se incube na infância, quando se pode vê-la insinuar-se na criança que censura levianamente o que os outros dizem ou fazem, na que distribui apelidos e motejos de forma disparatada, ou naquela que acusa sem reparos seus irmãozinhos e companheiros de escola ou de brinquedo. É certo que, da mesma forma como tais sintomas desaparecem na criança que se forma dentro de um ambiente culto, eles se acentuam quando ela recebe a toda a hora estímulos que fomentam sua tendência, ou quando cresce órfã de noções que a ilustrem sobre as vantagens do bem sobre o mal. Pode-se dizer que, salvo os casos em que a propensão revela a persistência do que é natural ou

inato, a manifestação defeituosa prontamente cede sob a pressão saudável da educação e do bom exemplo. Assim, pois, quando observamos uma pessoa já adulta deleitando-se com a difamação, com a censura ou com a maledicência, admitamos como possível que isso seja o resultado de haver vivido desprotegida durante a primeira idade, em que o ser está totalmente à mercê dos estímulos que recebe.

Deve-se combater este mal com grande tenacidade, propiciando em si mesmo a **boa intenção** toda vez que se emite um juízo sobre o semelhante.

O conhecimento dos pensamentos e sua seleção dentro da mente neutralizam tão ingrata tendência, permitindo ao ser edificar um bom conceito de sua pessoa, porque o guia para uma atuação reparadora de seus erros anteriores.

PROPENSÃO:
Ao Pessimismo

Esta propensão se caracteriza por um estado depressivo do ânimo, que debilita a vontade e adormece as faculdades da inteligência. Isso quer dizer que o afetado está exposto a malograr as prerrogativas naturais que lhe assistem, porque seu próprio mal afasta de si os estímulos necessários para torná-las efetivas.

Situando-se por momentos fora da realidade, tende a ver tudo com o olhar obscurecido, talvez por recôndito despeito, e sua mente se povoa de tristes vaticínios que jamais se cumprem (porque tudo na vida segue o curso que deve seguir), prova de que não são tidos em conta.

O propenso ao pessimismo justifica sua apatia firmando-se na ideia de que nada há de lhe sair bem. Ante uma perspectiva que se lhe mostra promissora, somente parece esperar a desfavorável mudança de rumo que imprevistamente ela poderia tomar, causando surpresa como sua propensão consegue ensombrecer sua mente, melhor disposta, diríamos, a receber a notícia de um novo fracasso do que a de um êxito.

Cada revés que experimenta é um motivo a mais que ele soma aos que já alimentam sua desconfiança, e, como se isso não bastasse, acumula em sua mente uma infinidade de fatos adversos ocorridos com seus semelhantes.

Com o tempo, esta propensão faz perder o gosto pela vida; além de inepto, torna o ser insensível aos poderosos estímulos que ela lhe oferece, para que desfrute seus bens com alegria. Na verdade, o pessimismo é em tal grau funesto, que não permite que frutifiquem na mente ideias felizes.

A pessoa vegeta enquanto dura sua estéril vida. Talvez lá no íntimo de seu ser ainda conserve a imagem de alguma esperança que alentou sua vida, mas cuja recordação só lhe serve agora para aumentar o descontentamento que dele se apoderou. Geralmente termina seus dias renegando seu destino, mesmo quando tenha dependido só de seu esforço e determinação que esse destino lhe tivesse sido propício.

Quando somente se tem propensão ao pessimismo, convém pensar que com o tempo se poderia chegar a converter-se num ser moral e espiritualmente vencido, num ser carente de estímulos que convidam a viver. Talvez isso leve a decidir por querer aumentar o caudal desses estímulos antes que se esgote e, levando em conta as recomendações deste livro, se opte por fazer o que em primeiro lugar corresponde, isto é, uma minuciosa revisão dos pensamentos que circunstancialmente deprimem o ânimo e enchem a mente de ceticismo. O conhecimento transcendente, energia viva e estímulo permanente, ajuda a desalojar esses pensamentos tão logo se estabelece uma firme vinculação com ele, pois insufla na vida alegria e otimismo, e impulsiona em direção a possibilidades totalmente alcançáveis, motivos esses que fazem a propensão perder toda influência sobre o ser.

PROPENSÃO:
À Licenciosidade

Esta propensão acusa negligência e falta de escrúpulo, por parte da pessoa, para com aquilo que, na ordem dos costumes e da conduta, merece respeito dentro da sociedade. Influenciado por ela, tende à desconsideração de

toda norma ou princípio ético e sensível, sem levar em conta sua importância social e sem ter noção do dano que, com isso, ocasiona tanto a si mesmo como aos semelhantes. Numa palavra, tende a menosprezar o correto, confundindo os meios que fazem possível a convivência decente e honesta com aqueles outros que propiciam a libertinagem.

Sob o rótulo de liberdade individual, tão explorado pelas pretensas ideias democráticas, o propenso a desmedir-se, seja no que for, logo termina por incorrer em excessos que põem em relevo o rápido arraigamento de uma modalidade que se tornou seriamente negativa e perigosa. A propensão, transformada agora em deficiência, traduz-se por manifestações de rebeldia, sendo difícil extirpá-la, pois os que a possuem se acham sob a pressão de ideias dissolventes, tão perniciosas como as que o próprio fanatismo fomenta.

Esta negativa tendência é percebida em todos os níveis sociais. Pode ser observada entre operários e demais empregados, estudantes e profissionais de nível superior, e em todos os casos revela o ser que não tem ideia clara a respeito da liberdade com que pretende reger-se, ou não sabe que liberdade significa também respeito, comedimento, dignidade, considerando-a tão somente quando tolera o abuso e o desenfreio. Há de se saber, não obstante, que a liberdade não se concebe nem se exerce cabalmente se a **responsabilidade** não a acompanha, como faz a sombra em relação ao corpo que a projeta.

Terreno propício para a expansão da licenciosidade é a falta de uma sólida e efetiva educação social, que habilite o cidadão para defender sua vida contra a tremenda avalancha

de estímulos negativos da hora presente; hora que arrasta consigo os germens da decomposição moral e espiritual, propaga a corrupção dos costumes, o desprezo pela dignidade humana, e abre um espaço fácil no seio da juventude, vítima da inexperiência, da desorientação e do desamparo.

Tendo em conta, pois, seu rápido avanço em todos os setores da sociedade, convém não esquecer que, se o número de afetados cresce à medida que o mal se estende, ou seja, em proporção ao avanço da licenciosidade convertida em norma, o esforço daqueles que não desejam aumentar seu número deve refletir-se na própria conduta, conferindo a ela um alto grau de dignidade, honestidade e respeito.

PROPENSÃO:
Ao Descuido

Esta propensão afeta sensivelmente o indivíduo, porque se opõe ao aproveitamento de suas aptidões, as quais ele utiliza irregularmente, ou seja, sem a constância e o esmero necessários a seu bom rendimento.

O descuido revela indolência mental. Preocupações e responsabilidades são esquecidas pela pessoa, tão logo sua atenção, habituada a mover-se sem controle, muda de

direção, atraída por outros motivos, frequentemente fúteis, que afinam com seus gostos e que não lhe acarretam grandes esforços nem contrariam sua disposição de fugir de suas obrigações.

Esta propensão subtrai eficiência do estudo e do trabalho, porque a pessoa não persevera nem se esforça na atenção que tais atividades reclamam. Age com leviandade, com despreocupação e irresponsabilidade, procurando diminuir esforços e sem pensar que as consequências a atormentarão depois, seguramente, como acontece quando não se tomam providências.

A propensão ao descuido não implica sempre, como parece, carência de aptidões. Isso fica provado pela facilidade, habilidade ou engenhosidade que alguns descuidados manifestam, quando, esquecendo talvez alguma tarefa imediata, se dispõem voluntariamente a fazer algo que condiz com suas predileções, algo geralmente improdutivo, por não responder a deveres nem a necessidades, mas que, como um entretenimento a mais, vem preencher o tempo "ganho" em cada descuido.

A distração e a irresponsabilidade próprias da idade infantil costumam gerar esta propensão, que persiste quando o ser chega à juventude, e ainda é levada às costas até a maturidade. Referimo-nos aos que talvez cresceram sob o olhar indiferente e a falta de capacidade, para conduzi-los, daqueles que acompanharam sua infância. Eis aí de onde surge com frequência esta propensão, que expõe o homem a sofrer consequências muito variadas, desde as que provêm de sua atuação nos meios que frequenta, traduzidas em

demérito para sua pessoa, até aquelas que resultam de fatos mais graves e irreparáveis, por não ter levado em conta detalhes ou não ter feito oportunamente aquilo que pudesse evitá-los.

A evolução consciente desterra esta propensão, pois promove no ser a atividade da consciência, e com isso o descuido se vai debilitando até seu total desaparecimento. Medite o leitor sobre isso, e compare as consequências que o descuido acarreta com os benefícios que podem ser alcançados, tendo sempre em mãos o fio condutor de todos os assuntos que nos preocupam, cuja esmerada atenção nos cabe a todos por igual.

SUMÁRIO

Primeira Parte
Metodologia das Deficiências e Propensões

INTRODUÇÃO 9

Deficiência e antideficiência 17
Técnica para enfrentar as deficiências 19

DEFICIÊNCIAS GENERALIZADAS
NO SER HUMANO 23

Classificação das deficiências 25
Como neutralizar uma deficiência 26
Relação das deficiências
e antideficiências tratadas 29

PROPENSÃO 31

Relação das propensões tratadas 32

Segunda Parte
Deficiências

Falta de vontade 35
Impulsividade..... 42
Suscetibilidade 45
Indiscrição 48
Inadaptabilidade 52
Obstinação 55

Vaidade 58
Falsa humildade 61
Indolência 63
Desobediência 66
Irritabilidade 70
Timidez 72
Soberba 75
Desasseio 78
Falta de memória 80
Presunção 88
Necedade 90
Displicência 92
Impaciência 94
Debilidade 98
Intrometimento 100
Indisciplina 102
Aspereza 105
Egoísmo 107
Desordem 111
Brusquidão 114
Intemperança 116
Indiferença 117
Cobiça 120
Verborragia 123
Rancor 125
Descumprimento 127
Veemência 129
Intolerância 132
Amor-próprio 135
Teimosia 138
Credulidade 140
Inconstância 142

Hipocrisia 144
Curiosidade 147
Fatuidade 151
Negligência 153
Rigidez 155
Petulância 159

Terceira Parte
Propensões

Ao engano 163
A adular 164
À frivolidade 167
À dissimulação 168
A prometer 170
A crer 173
À ilusão 175
Ao deleite dos sentidos 178
Ao isolamento 180
Ao exagero 182
Ao fácil 183
Ao abandono 185
À discussão 187
Ao desalento 189
Ao desespero 190
À desatenção 192
À ira 193
A confiar no acaso 195
Ao vitupério 197
Ao pessimismo 198
À licenciosidade 200
Ao descuido 202

REPRESENTANTES REGIONAIS

Belo Horizonte
Rua Piauí, 742 - Funcionários
30150-320 - Belo Horizonte - MG
Fone (31) 3218 1717

Brasília
SHCG/NORTE - Quadra 704 - Área de Escolas
70730-730 - Brasília - DF
Fone (61) 3326 4205

Chapecó
Rua Clevelândia, 1389 D - Saic
89802-411 - Chapecó - SC
Fone (49) 3322 5514

Curitiba
Rua Almirante Gonçalves, 2081 - Rebouças
80250-150 - Curitiba - PR
Fone (41) 3332 2814

Florianópolis
Rua Deputado Antonio Edu Vieira, 150 - B. Pantanal
88040-000 - Florianópolis - SC
Fone (48) 3333 6897

Goiânia
Av. São João, 311 - Q 13 Lote 23 E - B. Alto da Glória
74815-280 - Goiânia - GO
Fone (62) 3281 9413

Rio de Janeiro
Rua General Polidoro, 36 - B. Botafogo
22280-001 - Rio de Janeiro - RJ
Fone (21) 2543 1138

São Paulo
Rua Gal. Chagas Santos, 590 - Saúde
04146-051 - São Paulo - SP
Fone (11) 5584 6648

Uberlândia
Rua Alexandre de Oliveira Marquez, 113 - B. Vigilato Pereira
38400-256 - Uberlândia - MG
Fone (34) 3237 1130

"As deficiências são também feras, feras mentais que não se conformam em devorar os pensamentos e projetos úteis que cada um armazena ou cultiva em seu campo mental. Seu afã de destruir — como acontece com o pessimismo, a obstinação, o descuido, a irritabilidade, a veemência, etc. — as induz a atentar contra os sentimentos mais nobres, e inclusive contra a própria vida de seu dono.

É preciso, pois, que acabemos com tais pensamentos, se não quisermos que eles acabem conosco."

ISBN 978857097058-9

9 788570 970589

www.editoralogosofica.com.br